Diário de Lisboa

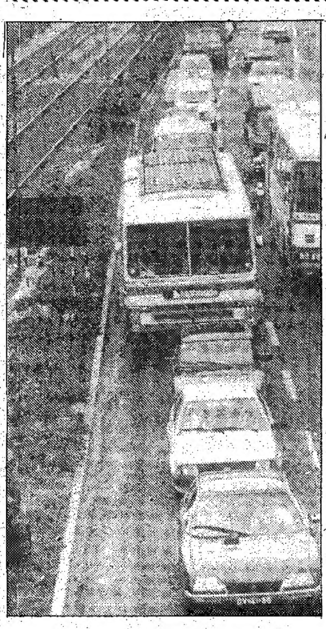
ANO 67 N.º 22 530 Quinta-feira, 3 de Dezembro de 1987 Preço 45$00

MÁRIO MESQUITA

Crónica sem notícias dentro

Contra a autonomia regressiva

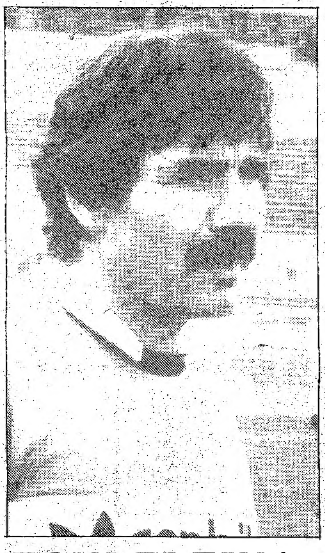
Ler na pág.3



TÊM SIDO CAUSA DE ACIDENTES

Lancis da marginal serão substituídos

Pag.8



TONI TREINA BENFICA

Pág. 15

ESTADO CONDENADO NO «SETÚBAL CONNECTION»

PRISÕES PREVENTIVAS: 90% SÃO ILEGAIS

— defende advogado de um agente da GNR, Azeitona Baptista

O facto de o Estado ter sido condenado, ontem, por um tribunal de Setúbal, a pagar uma indemnização a um agente da GNR que tinha sido preso preventivamente no âmbito do «Setúbal Connection», poderá vir a ter sérias repercussões na jurisprudência portuguesa. Segundo o advogado do guarda reformado, esta sentença representa «o ruir de toda a estrutura que levou à prisão preventiva milhares de indivíduos». Para já, é necessário aguardar que o Tribunal Constitucional, como é normal, analise o processo, em recurso a que o Ministério Público é obrigado.

Pág.9

Moreira de Freitas: cerca de 90 por cento das prisões preventivas são ilegais

Só os serviços administrativos foram afectados

INCÊNDIO DESTRUIU PARTE DA «UNIÃO PIEDENSE»

A parte administrativa da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense foi destruída, esta noite, por um incêndio que só não assumiu maiores proporções porque a hora de movimento permitiu que fosse rapidamente atacado pelos bombeiros. Um curto-circuito numa fotocopiadora terá estado na origem do sinistro.

Pág.5

CRÉDITO SGO

ELECTRODOMÉSTICOS

RÁDIOS GRAVADORES COMPACTO MUSICAL TELEVISORES — VÍDEOS ANTENAS COLECTIVAS VIA SATÉLITE MICROCOMPUTADORES FRIGORÍFICOS CONGELADORES-FOGÕES E MÁQUINAS DE LAVAR

A partir de agora e até ao dia 15 de Dezembro próximo poderá adquirir qualquer produto electrodoméstico ou electrónico das marcas SGO, CANDY, TELEVÊS e ZENITH, no sistema de pagamento a prestações até 12 meses.

A entrega do material é imediata no acto da compra.

O acesso ao Crédito SGO é fácil.

Basta dirigir-se a qualquer loja onde encontrar o mesmo símbolo.

Muito fácil!

SGO

Delegação Sul: Av. Óscar Monteiro Torres, 15-B — Tel. 777824
1000 LISBOA

Associação de diplomatas divulga agenda para 88

Os representantes diplomáticos estrangeiros em Portugal vão encontrar-se, em 1988, com o Presidente da República, Primeiro-Ministro e membros do Governo, partidos da Oposição e outras entidades, refere o programa de actividades da associação dos diplomatas em Lisboa.

Reunindo mais de uma centena de representantes estrangeiros, acreditados em Portugal, a associação divulgou agora o plano de iniciativas para o próximo ano, do qual fazem também parte visitas, exposições, espectáculos e convívios, com o objectivo da promoção de contactos dos diplomatas com a realidade política, económica e social portuguesa.

O Presidente Mário Soares dará uma recepção aos membros da associação, que serão ainda recebidos na Assembleia da República, enquanto o Primeiro-Ministro, Aníbal Cavaco Silva, realizará, com eles, um almoço-debate.

Outros debates com a associação, mas ao jantar, terão a participação do ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, e, para a abordagem das relações com os países africanos de expressão oficial portuguesa, com o secretário de Estado, José Manuel Durão Barroso, e os embaixadores dos «cinco».

Os secretários-gerais dos Partidos Socialista e Comunista, Vítor Constâncio e Álvaro Cunhal, foram também convidados para almoços com os membros da associação.

Os diplomatas terão ainda uma mesa-redonda sobre «A política externa de Portugal nos anos 1990», durante um encontro com o Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais.

A associação irá promover em Junho uma exposição universal, com pavilhões dos vários países representados em Portugal, havendo um dia de culinária típica de cada nação.

Uma viagem à madeira, em Maio, está incluída no programa, assim como diversas visitas, convívios, torneios desportivos e espectáculos.

A associação, criada em 1972, contou, nos últimos anos, entre os seus convidados, Presidentes da República, chefes e membros de diversos Governos, representantes de órgãos de soberania e líderes partidários, bem como responsáveis de diversas entidades das áreas económica, laboral e social.

Gerida por um comité onde têm assento 10 diplomatas, representando os vários continentes e os diferentes matizes políticos da comunidade das Nações, a associação é dirigida, no próximo biénio, pelo marroquino Salah Tazi (presidente), o francês Gilbert Larsen (secretário-geral) e a indiana Latha Redy (tesoureira).

Assembleia Regional inaugura instalações

HINO E BANDEIRA DA MADEIRA NA SESSÃO SOLENE COM MÁRIO SOARES

Mário Soares parte esta noite para o Funchal para uma visita de dois dias com um programa que inclui a inauguração das novas instalações da Assembleia Regional da Madeira, do Hotel Madeira Regency, de uma estrada, das infraestruturas dos CTT e de uma biblioteca doada pela República da Venezuela.

Segundo apurou o «DL», a deslocação do Presidente da República àquela região autónoma esteve em vias de ser cancelada devido à pretensão do executivo liderado por João Jardim de haster a bandeira da região ao lado do estandarte nacional e de fazer tocar o respectivo hino antes de «A Portuguesa», à chegada do Chefe de Estado.

Tal projecto terá sido, entretanto, anulado, mas o hino e a bandeira regionais estarão presentes, tal como há ano, durante uma deslocação do PR ao Funchal, na cerimónia a realizar na Assembleia Regional.

Contactada esta manhã pelo «DL», a Presidência da República informou desconhecer quaisquer problemas relacionados com a visita e com os símbolos regionais da Madeira.

Além de Soares, estarão presentes na inauguração das novas instalações da Assembleia Regional o presidente da Assembleia da República, Vítor Crespo, o vice-primeiro-ministro, Eurico de Melo (em representação de Cavaco Silva) e os presidentes do Governo Regional e da Assembleia Regional dos Açores, Mota Amaral e Reis Leite.

Fonte do Executivo de Ponta Delgada informou a agência Lusa que Mota Amaral aproveitará a sua estada de cinco dias na Madeira para debater com João Jardim assuntos relacionados com a problemática da autonomia e da revisão constitucional.

Instalado até agora em dependências do Governo local, a Assembleia Regional da Madeira (composta por 50 deputados: 35 do PSD, cinco do PS, dois da UDP e um do PCP) passará a funcionar nas antigas instalações da Casa da Alfândega, um dos mais antigos edifícios da Madeira, mandado construir em finais do século XV pelo rei D. Manuel. As obras de adaptação, iniciadas em 1984, ascenderam a 440 mil contos.

Centenário da Associação Académica de Coimbra

Mário Soares preside no próximo dia 11, em Coimbra, à sessão comemorativa dos 100 anos da Associação Académica.

Antigos dirigentes da AAC, a mais antiga associação de estudantes do país, o reitor da Universidade e outras individualidades estarão presentes na cerimónia.

Durante a sua visita à cidade, o PR lançará a primeira pedra do monumento ao estudante e inaugurará as instalações do Museu Académico e o pavilhão gimnodesportivo do organismo autónomo de futebol (Académica), que custou cerca de 200 mil contos e tem capacidade para cinco mil pessoas.

No seu conjunto, a AAC agrega mais de três dezenas de organismos autónomos, desportivos e culturais, que mobilizam uma média de 13 mil estudantes.

Portugal de acordo com reforço da NATO

O ministro português da Defesa, Eurico de Melo, concordou, em Bruxelas, que Portugal deve colaborar no esforço de defesa da Europa e poderá obter apoio dos outros Estados membros da NATO. «O nosso esforço em termos de defesa está na média dos restantes países da NATO. É de 3,2 por cento do nosso Produto Interno Bruto, e este apoio da Aliança é importante em certos domínios, como por exemplo no caso das fragatas para a Armada portuguesa», disse Eurico de Melo.

O ministro português falava no final de uma reunião do comité dos planos de defesa da Aliança Atlântica, que esteve reunido na sede da NATO, e referia-se, particularmente, ao esforço efectuado por Portugal e à importância de obter, no quadro da Aliança, ajudas suplementares.

Na reunião, os ministros da Defesa da Aliança Atlântica reafirmaram a necessidade de reforçar a capacidade de defesa convencional da organização, segundo indicou o comunicado final da reunião.

Os responsáveis pela Defesa, da NATO, que se felicitaram pelo próximo encontro entre o presidente norte-americano, Ronald Reagan, e o líder soviético, Mikhail Gorbachev, sublinharam a importância de que se reveste para a Aliança o restabelecimento de um equilíbrio em relação às armas convencionais.

ESTUFA FRIA
27 DE NOV. A 6 DE DEZ.

15.º SALÃO
DE VELHARIAS
E OBJECTOS
DE COLECÇÃO

DIAS ÚTEIS-17 às 24- SÁB.DOM-15 às 24h
PATROCINADO PELA C.M.L.

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

AVISO

Concurso público para venda de dois «Ateliers» no 7.º andar do prédio sito nos lotes 16 e 24 da urbanização da zona de expansão poente da Amadora – 1.ª fase

Em reunião de 22 de Setembro último, a Câmara Municipal da Amadora deliberou vender, mediante concurso público, livre e desembaraçado de quaisquer ónus ou encargos, dois «Ateliers», sitos na Freguesia da Venteira e que possuem a seguinte área bruta:

I — 54.00 m²
II — 76.15 m²

As eventuais propostas de compra de cada um destes «Ateliers» deverão dar entrada, na Secção Central do Departamento de Administração Geral e Finanças da Câmara Municipal da Amadora até às 17 horas do próximo dia 21 de Dezembro.

Para mais informação consultar Edital da Câmara Municipal da Amadora.

Amadora, 27 de Novembro de 1987

O Presidente da Câmara Municipal da Amadora

GIRP GABINETE DE IMPRENSA E RELAÇÕES PÚBLICAS ☎ 4942930 Ext. 321/323/372 TELEX 40104 CMAMAD P

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

CAMPANHA DE DESRATIZAÇÃO NA AMADORA

A CMA vai proceder a uma campanha de desratização no Concelho.

Calendário:

- Damaia 2 e 22 Dez.
- Alfragide/Buraca 3,4,7 e 23 Dez.
- Falagueira/Venda Nova 14 Dez.
- Brandoa 16 Dez.
- Mina 17 Dez.
- Venteira 18 Dez.
- Reboleira 21 Dez.

A CMA adverte:

1) Não mexa nos iscos de pão ou de cereais tóxicos;
2) Vigie as crianças e afaste-as das zonas de tratamento;
3) Prenda os animais domésticos;
4) Tapar com ralos as bocas de esgotos;
5) Comunicar aos Serviços Camarários a eventual existência de ratos nos locais onde trabalha ou habita.

Se tiver dúvidas contacte:

– Técnicos da CMA que acompanham os trabalhos
– Gabinete de Imprensa da CMA.

Apenas estas pessoas estão preparadas para o esclarecer orientar!

Amadora, 30 de Novembro de 1987

O Presidente

GIRP GABINETE DE IMPRENSA E RELAÇÕES PUBL ☎ 4942930 Ext. 321/323/372 TELEX 40104 CMAMAD P

SEM NOTÍCIAS DENTRO

Contra a autonomia regressiva

Mário Mesquita

Do Bairro Alto aos Fourons

O «Diário de Lisboa» fica no coração do Bairro Alto; os Açores a meio do Oceano Atlântico. Fazem-me notar a distância. Em carta remetida dos Olivais Sul, um velho amigo, natural da Beira Baixa, intima-me, cordialmente, a tratar, nestas crónicas, os «grandes problemas nacionais». Confessa-se, aliás, incapaz de enunciá-los, desde que o «cavaquismo», na sua admirável ingenuidade tecnocrática, aboliu a política e instaurou a prosperidade.

Obcecados com a vocação universal do País que somos, os nossos governantes raramente dispõem de tempo para se ocuparem de pequenas regiões ou problemas localizados. Antes do 25 de Abril, os Açores **não existiam.** Restaurada a democracia e efectuada a descolonização, o Arquipélago assumiu outro relevo no todo nacional. A Mãe-Pátria reconhece-lhe a autonomia político-administrativa, mas recomenda aos açorianos que recebam, humildemente, a graça que lhes é concedida, curvando-se perante os símbolos da grandeza passada e futura, desde o Palácio de S. Bento ao porto de Sines.

Os conflitos de dimensão local ou regional são, cada vez mais, a matéria-prima com que se fabricam as grandes questões políticas. À atenção do meu amigo beirão, naturalizado alfacinha, refiro o exemplo do país onde escrevo esta crónica. Aqui, na Bélgica, haverá eleições este mês. A coligação governamental desfez-se, uma vez mais, devido à constante polémica entre flamengos e francófonos. No centro da crise política, que conduziu à queda do governo presidido por Wilfred Martens, está o caso dos Fourons, pequeno concelho de 4 mil habitantes.

As questões menores

Contra a vontade expressa da população das suas seis aldeias, os Fourons foram separados da província francófona de Liège e integrados na província flamenga do Linbourg, ou seja, do outro lado da fronteira linguística da Bélgica. A decisão foi tomada de acordo com as regras constitucionais: os parlamentares flamengos, maioritários, impuseram-se aos pares francófonos. No entanto, o referendo local organizado em 28 de Outubro de 1962 pelas autoridades da província era favorável à permanência da ligação dos Fourons a Liège...

Os habitantes do concelho reafirmaram, em quinze actos eleitorais, a sua vontade de integração na província francófona, mas os flamengos continuaram a defender o princípio da definição da fronteira das províncias pelo legislador nacional. Afinal — argumentam os políticos da Flandres — não existem aldeias francesas, na região de Estrasburgo, que prefeririam a soberania alemã? Não há povoações italianas, na zona do Tirol, que desejariam ser austríacas?

Não vamos analisar a complexa questão dos Fourons (a Universidade de Liège consagrou-lhe, recentemente, um **dossier,** em dois volumes, intitulado **La Problématique Fouronaise).** Limitamo-nos a citá-la como exemplo: ao longo de quase 30 anos o pequeno concelho transformou-se no símbolo da instabilidade governativa na Bélgica.

Ao contrário do que julga o amigo que me escreve de Lisboa, só as mentalidades estreitas menosprezam as questões locais e regionais. Volto, portanto, ao tema dos Açores, que não são, evidentemente, os Fourons, nem partilham da grandeza suburbana dos Olivais.

O regresso da «velha senhora»

A crise desencadeada, em 1986, a-propósito da nomeação do ministro da República e do veto presidencial ao Estatuto da Região Autónoma dos Açores, revelou que o (aparente) consenso nacional sobre as autonomias insulares correspondia apenas a uma camada de verniz. Por debaixo — mais sólida e mais profunda — permanecia e desconfiança herdada do Estado salazarista e centralizador. A arrogância da Metrópole frustrada voltava a subir à tona de água. Era o regresso ao espírito da «velha senhora».

Os episódios de Agosto-Setembro e as respectivas sequelas constituem uma lamentável comédia em que, via de regra, actuações movidas por intuitos fulanistas ou corporativos se sobrepuseram aos interesses nacionais e regionais.

O Presidente do Governo Regional dos Açores definiu, em termos de exigência, um perfil de ministro da República, sem dispor de poderes, força política ou, sequer, opinião pública favorável para impô-lo.

O Presidente da República nomeou, sob proposta do Primeiro-Ministro, um militar para o cargo de ministro da República, em manifesta contradição com o civilismo que tanto Mário Soares como Cavaco Silva apregoavam.

O Estado Maior-General das Forças Armadas tomou a iniciativa de desencadear uma polémica desnecessária sobre os **símbolos regionais.**

Os partidos políticos representados na Assembleia da República passaram, sem dramas de consciência, da aprovação do Estatuto, por unanimidade e aclamação, às suspeições e juízos de intenção acerca do documento que, anteriormente, eles próprios tinham avalizado.

O Governo Regional dos Açores submeteu o ministro da República a um regime inadmissível de «isolamento estratégico» — expressão sofisticada e caridosa para designar procedimentos deselegantes.

A acrescer a este conjunto de equívocos, os órgãos de Comunicação Social mostraram-se, com raríssimas excepções, incapazes de formular propostas de reflexão alternativas e autónomas. À informação oficiosa nacional contrapôs-se a informação oficiosa regional.

Regiões mal-amadas

As relações políticas entre Lisboa e Ponta Delgada desanuviaram-se, ligeiramente, de 1986 para cá, mas o cenário da pré-revisão constitucional é bastante cinzento na perspectiva das mal-amadas regiões insulares, sobretudo porque a imagem das autonomias na opinião pública continental se deteriorou nos últimos anos.

A nível nacional, a direita voltou a assumir, sem subterfúgios, o velho reflexo centralizador e integracionista; a esquerda não distingue a prática governativa a nível regional das virtualidades democráticas do regime autonómico; o discurso dos **media** voltou-se, gradualmente, contra as autonomias.

A nível regional, a inexistência de alternância democrática, ao longo de mais de 10 anos de experiência política, traduz-se numa identificação quase total do regime autonómico com as figuras dos seus fundadores. Por outro lado, o registo quase sempre unidimensional do discurso dos dirigentes insulares produz, frequentemente, efeitos negativos, quando transposto para o plano nacional.

A definição constitucional da autonomia político-administrativa dos Açores é susceptível de aperfeiçoamento, mas não se afigura previsível que, na próxima revisão, assim suceda. O clima de desconfiança recíproca não o pressagia. Os dirigentes políticos das regiões autónomas sabem-no: a perspectiva insular é, neste momento, essencialmente **defensiva**, embora os incautos possam deduzir o contrário da polémica sobre a forma de representação da soberania da República em cada uma das regiões autónomas.

O eterno «provisório»

O cargo de ministro da República foi institucionalizado pela Assembleia Constituinte, a meu ver justificadamente, nas graves circunstâncias de 1975. Inspirou-se na experiência dos altos comissários coloniais durante a Primeira República (por sua vez, baseada no modelo britânico). Aliás, a existência da base naval norte-americana em Ponta Delgada, durante a Primeira Guerra Mundial, levou o Governo Português a criar, transitoriamente, o alto comissário nos Açores, lugar que veio a ser preenchido pelo general Simas Machado (1918).

Valerá a pena discutir as vantagens e inconvenientes do desaparecimento ou da manutenção do cargo de ministro da República? Duvido.

Na presente conjuntura, o debate estaria destinado à incompreensão generalizada. Ao que julgo, aliás, a inclusão deste assunto no caderno reivindicativo dos dirigentes insulares terá sido meramente **táctica.**

Colocada entre parêntesis essa questão emocionalmente carregada, importaria que os constituintes meditassem sobre os temas de fundo que a autonomia implica. A unidade nacional não deve nem pode basear-se na negação da democracia ou na desconfiança nos próprios mecanismos democráticos. Não faz sentido, por exemplo, manter a disposição constitucional «provisória», com quase 12 anos de idade, que proíbe a criação de partidos regionais.

A questão açoriana, se questão açoriana existe, deve ser enarada sem complexos coloniais. A democracia deve confiar em si própria, até porque a melhor resposta ao separatismo consiste em desafiá-lo a participar no debate democrático e a submeter-se à prova eleitoral.

O propósito deste texto não é, evidentemente, apresentar sugestões concretas de revisão, mas clarificar o contexto cultural e político em que deve ser enquadrada a problemática das autonomias. A reflexão sobre a questão açoriana não se pode confinar às intervenções dos porta-vozes (assumidos ou ocultos) dos palácios e quartéis que nos governam.

Em matéria de regiões autónomas, a revisão constitucional não pode resumir-se ao prolongamento da guerrilha iniciada em 1986. O conceito de **autonomia progressiva,** demasiado equívoco, não serve de plataforma de entendimento, mas também não seria aceitável o processo da **autonomia regressiva,** que, a curto ou médio prazo, se revelaria antagónico dos interesses regionais e nacionais.

Saudação Açoriana

Saudação a António Tabucchi, escritor italiano, lusófilo, galardoado, em França, com o Prémio Médicis, pelo seu livro «Nocturne Indien».

Saudação açoriana porque Tabucchi, além de especialista em Fernando Pessoa, tradutor e amigo de Alexandre O'Neill, é autor de «Mulher de Porto Pim e outras estórias», colectânea de viagens e ficções de cenário insular e atlântico, que deve figurar em qualquer biblioteca açoriana que se preze.

Chamada de atenção para a brevíssima biografia-novela de Antero de Quental, incluída nesse livro «Mulher de Porto Pim», o qual — registe-se — foi, recentemente, traduzido em francês («Femme de Porto Pim et autres histories», Christian bourgeois).

Aviso aos leitores

Por motivos de natureza pessoal, a publicação desta secção será interrompida nas próximas semanas. Tenciono retomá-la em Janeiro, correspondendo, desse modo, ao acolhimento amigo que tenho encontrado nestas colunas do «Diário de Lisboa».

M.M.

Da Jamba, via África do Sul João Soares trouxe hoje Carlos Alves para Lisboa

— O português José Carlos Alves, que se encontrava na Jamba, com a UNITA, chegou hoje de manhã a Lisboa, num voo procedente de Joanesburgo, acompanhado do deputado socialista João Soares.

José Carlos Alves, de 37 anos, encontrava-se em poder da UNITA desde 27 de Setembro, após ter sido retirado, num ataque dos rebeldes angolanos, da cadeia onde se encontrava detido devido a um acidente de viação que causara uma morte.

Alves, natural de Mirandela, era proprietário de uma fazenda e mecânico de automóveis em Malanje, no centro-norte de Angola.

Jonas Savimbi, líder da UNITA, dissera o mês passado que José Carlos Alves «estava livre para seguir a sua vida».

Com ele chegou a Lisboa o deputado João Soares, que se deslocou ao quartel-general da UNITA, na Jamba, para assistir à libertação de dois cooperantes suecos, Kent Andersson e Gunnar Sjoeberg, capturados a 7 de Setembro numa emboscada a uma coluna de viaturas a norte de Luanda.

Os dois cooperantes foram entregues a dois funcionários do Ministério sueco dos Negócios Estrangeiros na presença de João Soares, que, a pedido das autoridades de Estocolmo, serviu de intermediário para a sua libertação.

teatro da Cornucópia

Edward Bond

GRANDE PAZ

TRILOGIA DA GUERRA

S E G U N D A P A R T E

Tradução: Luís Miguel Cintra, Luís Lima Barreto e José Manuel Mendes com a colaboração de Robert Jones; **Encenação e Cenário:** Luís Miguel Cintra; **Figurinos:** Jasmin Matos; **Montagem:** Fernando Correia; **Interpretação:** Alda Rodrigues, António Fonseca, Fernando J. Oliveira, Cândido Ferreira, Gilberto Gonçalves, José Wallenstein, Laurinda Ferreira, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Márcia Breia, Miguel Guilherme, Raquel Maria e Rogério Vieira.

INAUGURAÇÃO DO TEATRO DEPOIS DE REMODELADO

Direcção Técnica: Cristina Reis
(SUB.: Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian)

De terça a sábado às 21 horas
Domingo às 16 horas

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 Lisboa — Tels. 66 15 15/66 92 05

Sub. SEC

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
1.° JUÍZO

—ANÚNCIO—

Proc. 234/87
Ex. Q. Certa
1.° Juízo
2.ª Secção

O DR. JOÃO ANTÓNIO VALENTE TORRÃO, JUIZ DE DIREITO DO PRIMEIRO JUIZO DO TRIBUNAL DE TRABALHO DE LISBOA.

Faz saber que no dia 15 de Dezembro de 1987, pelas 14,30 horas, neste Tribunal, sito na Av. Almirante Reis, 130-6.° – em LISBOA, nos autos de Execução de Quantia Certa em que é exequente João Luís Janeiro Pombo e executada MANUFACTURA PORTUGUESA DE AGULHAS, LD.ª, com sede na Rua Rodrigues Faria, n.° 91-1.° – em Lisboa, hão-de ser postos em praça pela primeira vez para serem arrematados pelo maior lanço oferecido acima do valor indicado, os bens que se passa a discriminar:

1.° – Uma máquina de escrever eléctrica da marca FACIT, com o n.° 256 328 – Modelo FACIT AB-1820, tendo sido atribuído o valor de 50 000$00;
2.° – Quatro calculadoras portáteis da marca ROCKWELL, modelo 212-B – com o n.° 390 920, SHARP-COMPET CS-1064, com o n.° 71 065 801, ROCKWELL 212 P, com o n.° 397 278 e OLIVETTI-IVERA, sem número, às quais foi atribuído o valor total de 35 000$00;
3.° – Quatro secretárias com as respectivas mesas de apoio e cadeiras, às quais foi atribuído o valor de 80 000$00;
4.° – Dois tornos mecânicos da marca FRITZW-WEYER, sem número por ser ilegível e JASHÖNE sem número por ser ilegível, tendo sido atribuído a cada um respectivamente o valor de 50 000$00 e 100 000$00;
5.° – Três balancets, da marca EMIL-LINDE WOPPETAL-B, sem número por ser ilegível, tendo sido atribuído o valor total de 300 000$00;
Os bens acima descritos encontram-se nos escritórios da executada sito na Rua Rodrigues Faria, n.° 91-1.° em Alcântara e nas instalações fabris da executada sitas na Rua Particular, 9 a 11 em Alcântara.

Lisboa, 27 de Novembro de 1987
O Juiz de Direito do 1.° Juízo
a) *João António Valente Torrão*
O Escrivão Adjunto
a) *Maria Teresa de Almeida Coelho Mimoso*

DL 3/12/87 – 1.ª Pub.

Cavaco Silva ao "The Wall Street Journal"

EVITAR ERROS NAS PRIVATIZAÇÕES PARA CRIAR CLIMA FAVORÁVEL À REVISÃO CONSTITUCIONAL

O Primeiro Ministro Cavaco Silva declarou numa entrevista ontem publicada pelo «The Wall Street Journal» que Portugal tenciona aprender com as políticas de privatização dos governos britânico e francês. Revelou entretanto que as primeiras empresas a privatizar pertencerão a sectores como a banca, os seguros ou as cimenteiras, e que, por agora, o Governo não tem planos para privatizar a CP nem a TAP.

Do teor da entrevista concedida àquele jornal americano, pode depreender-se que a moderação de Cavaco Silva neste momento quanto às privatizações é apenas uma estratégia destinada a facilitar a revisão constitucional e que o grosso do pacote virá quando tiver ultrapassado essa barreira, se o conseguir.

Depois de sublinhar que não pretende copiar exclusivamente os modelos britânico ou francês, Cavaco Silva afirmou que o Governo português escolheu a sua própria via «tentando evitar erros nesta fase, porque queremos criar um clima favorável à revisão da Constituição».

Entretanto círculos financeiros citados pelo «The Wall Street Journal» dizem que que a companhia de cervejas UNICER poderá ser a primeira empresa estatal a ser parcialmente privatizada. A Tabaqueira e pelo menos um banco e uma companhia de seguros também são considerados entre as prováveis companhias a privatizar.

Inicialmente, declara Cavaco Silva na entrevista, os trabalhadores e pequenos investidores terão direito até 20 por cento das acções a vender, o que equivalerá a 9,8 por cento do capital total de cada companhia.

Até que a revisão constitucional permita a privatização total, o Governo continuará a controlar uma maioria dos lugares nos conselhos de administração das empresas em causa.

O Primeiro Ministro afirmou depois que, em 1993, ano até ao qual Portugal terá de aderir aos regulamentos da Comunidade Económica Europeia sobre livre movimento de capital, a capacidade dos grupos financeiros portugueses estará fortalecida e, em consequência, a possível entrada de investidores estrangeiros não será um grande problema, pois «haverá novamente grupos económicos em Portugal».

Cavaco Silva afirma ainda contar com a compreensão dos parceiros de Portugal na CEE para que, na cimeira de Copenhague, isentem o País de qualquer obrigatoriedade de se limitar à produção agrícola.

Cavaco Silva também afirma esperar um acordo quanto a reformas no orçamento da Comunidade, sem o que o objectivo de um mercado unificado em 1992 será difícil de alcançar.

«Estamos a desempenhar um papel activo na busca de um compromisso no debate sobre o orçamento e Portugal merece ser auxiliado no esforço que o Governo está a fazer para modernizar a economia», salientou Cavaco Silva.

Primeiro-Ministro "diz uma coisa e faz outra"

— acusa líder de Timor-Leste

O líder da resistência maubere aos ocupantes indonésios de Timor-Leste, Xanana Gusmão, citou o ministro de Negócios Estrangeiros de Jacarta, Mochtar Kusumatmadjo, para acusar Cavaco Silva de «dizer uma coisa e fazer outra em privado».

Numa mensagem que fez chegar «aos patriotas de Díli», citada na edição de hoje do «DN», o comandante dos guerrilheiros da Fretilin pede-lhes que não alimentem «ilusões, quando ouvirem falar o primeiro-ministro português, seja em Lisboa ou em Banguecoque, porque a única coisa que fomos levados a concordar com Mochtar foi quando afirmou que Portugal diz uma coisa e faz outra em privado».

Xanana Gusmão critica, por outro lado, o facto de a ONU ser orientada «por uma política de não ferir a susceptibilidade do poderoso ocupante, garantindo-lhe a capacidade de não só imprimir, em Timor-Leste, um maior esforço para um total controlo político-militar como, perante a comunidade internacional, apresentar o caso como um facto realmente consumado».

Sem esconder as dificuldades actuais da resistência, Xanana justifica a sua mensagem pela necessidade de combater «o boato», como arma utilizada agora pelo ocupante indonésio, sublinha a vontade dos guerrilheiros de manter a luta e manifesta a convicção de que «o sacrifício das nossas vidas não abafará a injustiça e a política interesseira dos grandes».

«Morreremos— diz Xanana Gusmão— de cabeça erguida e daremos o justo valor da nossa exterminação! Chamar-nos-ão com todos os nomes que eles conhecem, contudo preferimos isso tudo a negar que somos um povo e temos uma pátria».

O resistente timorense critica igualmente o que apelida de «incapacidade política» de Portugal em definir uma posição «responsável e justa».

†

FRANCISCO SÁ CARNEIRO

A Comissão Política Nacional do PSD manda celebrar às 12.15 h, de amanhã, na Basílica da Estrela, em Lisboa, missa de sufrágio por intenção de Francisco Sá Carneiro, no sétimo aniversário da morte do militante n.° 1 do PSD.

COMPRE NO NATAL

COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

SEM ENTRADA E SEM JUROS

ATÉ 36 PRESTAÇÕES MENSAIS

NAS LOJAS DARTY MÓVEIS CONFIANÇA
E NOS NOSSOS AGENTES
MÓVEIS PICA PAU E UTILAR

DARTY MÓVEIS LDA. CONFIANÇA

LOJAS DARTY MÓVEIS CONFIANÇA
MONTIJO – Rua José Joaquim Marques, 40
ODIVELAS – Fábrica: R. Alfredo Ruas, 50-A Pedernais ☎ 982 60 54 / 58 (à Ponte da Bica)
LISBOA – Av. Almirante Reis, 125 ☎ 53 00 76
LISBOA – Est. Benfica, 174-176 ☎ 78 05 99
QUELUZ – Av. António Enes, 20-B ☎ 95 23 06
ALMADA – Av. 25 de Abril, 45 ☎ 276 90 01
COVA DA PIEDADE – R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B ☎ 275 49 52
PAIVAS – Est. Nacional 10, Lt. 30 ☎ 221 00 67
V.F.XIRA – R. Alves Redol, 80-B ☎ 240 11
SETÚBAL – Av. D. Manuel I, 80 (frente ao Centro Com. Dufa)
BARREIRO – R. Dr. Manuel Pacheco, 92-A ☎ 207 72 37
COIMBRA – Av. Capitão Meleças, 34-A ☎ 26 185
FARO – R. Eça de Queirós, 2 ☎ 27 580
LOULÉ – R. Ataíde de Oliveira, 18

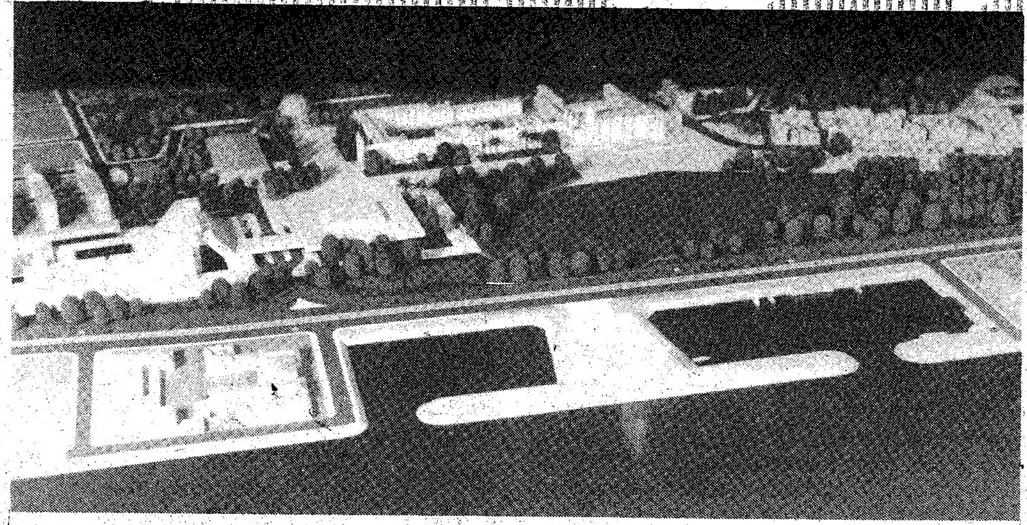
LOJAS PICA-PAU
AMADORA – Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B ☎ 494 56 91
MEM MARTINS – Rua Chabi Pinheiro, 8 ☎ 921 72 94
LISBOA – R. Luciano Cordeiro, 18-A ☎ 52 13 84
QUELUZ – R. Elias Garcia, 74-B ☎ 95 80 97

LOJAS UTILAR
CAMARATE – R. Cidade Lisboa, Lt. 4 (junto à Esquadra da P.S.P. da Charneca) ☎ 257 21 73 - 257 04 01
Rua Avelino Salgado, Lote 1 (junto aos Bombeiros)
Stands na Feira Popular

COMPRE CARRO E MOBILE CASA
INSCREVA-SE NA NOSSA ASSOCIADA
GRUPO A. S. NUNES
MOVIGRUPO
CONSÓRCIO
SEM entrada juros
DOS 12 AOS 60 MESES

AGORA A UTILAR EM CAMARATE

NOTA: As lojas de Lisboa, Camarate, Amadora, Queluz e Mem Martins estão abertas ao Sábado de tarde.



Alternativa à proposta de Abecasis para o Parque

CDU propõe a zona de Belém para Palácio dos Congressos

— "DL" revela a proposta que a Câmara não apreciou

A Coligação Democrática Unitária na Câmara Municipal de Lisboa tem alternativa ao projecto de construção de um Centro de Congressos, Centro Comercial e Centro Administrativo no Alto do Parque, da iniciativa do presidente Krus Abecasis, tal como o «DL» revela em primeira mão. Mas não basta ter um projecto para erguer o futuro Centro de Congressos de Lisboa na área de Belém-Bom Sucesso: é necessário que o PS municipal defina a sua posição, que a CDU considera ambígua. Caso Abecasis tivesse ontem chegado à hora regimental à Câmara Municipal, a «Operação Hilton», como o projecto que defende já é chamado, teria passado na sessão extraordinária.

A CDU apresentou, em 15 de Abril de 1980, então sob a designação de APU, uma maqueta de toda a área de intervenção do seu estudo para instalação de um Centro de Congressos em Belém. A maqueta chegou às mãos de Krus Abecasis, então no seu primeiro mandato como presidente da Câmara Municipal. Os autores do estudo e da maqueta privilegiavam a zona de Belém para a implantação do referido Centro e dos equipamentos hoteleiros e outros com ele correlacionados.

A proposta alternativa da CDU que ontem a Câmara Municipal não chegou a apreciar porque a sessão não se realizou, por falta de «quorum», mantém as linhas básicas do projecto de 1980, constando de seis pontos e propondo a reabertura do processo conducente à implantação do Centro de Congressos de Lisboa na área de Lisboa situada a poente da Praça do Império e por esta marginada, bem como pela Avenida da Índia e Rua Bartolomeu Dias, propõe ainda que a CM proceda a uma apreciação detalhada dos estudos de base e de localização e arranjo paisagístico já realizados para essa área e lance um concurso público de ideias para a implantação do referido Centro ou Palácio de Congressos e equipamentos complementares de apoio naquele local, integrando-os nas iniciativas camarárias de ordenamento e valorização das zonas ribeirinhas da cidade.

As vantagens de Belém

A CDU enumera várias das vantagens que a zona de Belém-Bom Sucesso oferece à instalação do Centro de Congressos.

Entre outras, realça que tal equipamento deverá ser localizado «numa zona da cidade com grande dignidade, tranquilidade e desafogo», que beneficie de fácil acessibilidade, condições que Belém-Bom Sucesso preenche. Além disso, é uma faixa da cidade que se encontra «urbanística e paisagisticamente subaproveitada», sendo também a única «para a qual foram realizados estudos de localização e inserção paisagísticas de um Centro de Congressos e equipamento complementar de apoio.»

As condições que a área Belém-Bom Sucesso oferece são mais vastas: com a implantação, nesta área da cidade, de equipamentos do género, dado o seu relacionamento com uma importante zona monumental e histórica e horizontes sobre o rio, «contribuiria para um adequado arranjo e ordenamento de uma importante área ribeirinha, podendo inclusive, potenciar um melhor aproveitamento cultural e turísticos das áreas ribeirinhas onde se situam, abandonados, os restos da Exposição do Mundo Português, e do Mercado do Povo/Festa do Artesanato», acrescenta a proposta.

O grupo de trabalho que produziu o estudo e a maqueta da área que constituem a proposta de alternativa da CDU integrou, entre outros, Alberto José Pessoa, Ruy Jervis Athouguia, Mário Pereira da Silva, Luís Manuel Pessoa e Gonçalo Ribeiro Teles. A memória descritiva do projecto de Centro de Congresso conclui assim: «Pretende-se numa composição dos espaços exteriores que valorize as perspectivas sobre os edifícios, realce a Igreja do Mosteiro, interligue as diferentes zonas de convívio e os espaços arquitectónicos próximos que, no lugar ocupado pela antiga praia e enseada, surja um extenso relvado de recreio onde o correr das crianças, lazer e o passeio dos adultos anime esta zona privilegiada de Lisboa».

Alguns receios quanto ao PS

Os vereadores da CDU receiam a posição que os representantes do PS assumam na sessão extraordinária de quinta-feira, dia 10, para a qual foi transferida a apreciação e análise da «Operação-Hilton», prevista para ontem.

A sessão acabou por não se realizar porque o presidente Krus Abecasis chegou mais de uma hora atrasado, por afazeres que os seus correligionários não souberam explicar. De acordo com os termos regimentais, a CDU e Ribeiro Teles, que haviam esperado mais que o limite legal (meia hora), deixaram a sala sem «quorum».

A CDU receia que o PS «não queira assumir publicamente posição sobre a matéria», deixando, no entanto, passar a «Operação Hilton», proposta por Abecasis com os votos do PSD e CDS e a passividade do Partido Socialista. Para isso bastaria — como ontem ia acontecendo — que não comparecessem dois dos deputados municipais, o que asseguraria ao presidente a maioria que lhe é indispensável para levar a água ao seu moinho.

De um total de dezassete deputados municipais, presidente incluído, a ausência de dois socialistas (ontem não se encontravam presentes Vasco Franco e Ana Sara Brito) é suficiente para a proposta pssar, qualquer que seja o voto do outro socialista. Porque, contas bem feitas, os votos do CDU, MDP e Ribeiro Teles totalizam seis, contra os oito do PSD-CDS. Um voto socialista poderia confundir os munícipes, mas de nada valeria...

A CDU acredita, como esta manhã nos confidenciou Rui Godinho, que o comportamento do PS venha a ser transparente no dia 10, como o foi em 1983, de modo a que «um assunto desta importância, que tanta polémica deu», não passe no Câmara Municipal, pelas ameaças que comporta para o futuro de Lisboa e da sua população.

FOGO DESTRUIU SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA SOCIEDADE FILARMÓNICA UNIÃO PIEDENSE

Um incêndio destruiu ontem ao princípio da noite a parte administrativa da Sociedade Filarmónica e Artística União Piedense, na Cova da Piedade, em Almada. O sinistro afectou apenas o edifício velho, cuja idade devia rondar a da sociedade — 99 anos.

Segundo o vice-presidente da Mesa da Assembleia Geral, Mário Araújo, o fogo começou entre as 19 e as 21 horas, quando a colectividade estava fechada para as pessoas irem jantar.

O sinistro, que se iniciou devido a um curto-circuito na fotocopiadora (é pelo menos esta a convicção dos dirigentes e dos bombeiros de Almada), teve a propagação facilitada pela estrutura de madeira do telhado e pelos tabiques.

O fogo não chegou a descer ao rés-do-chão, nem a propagar-se muito devido ao facto de a sociedade estar num ponto central e a hora não ser tardia.

Simultaneamente, a solidariedade das pessoas, que acorreram em grande número e encheram o largo fronteiro, ajudou a salvar muitos dos pertences da associação. «Havia aqui muita gente, que ajudou, muitas pessoas que nunca tinhamos visto nem tinham ar de se interessar por isto. Foi uma coisa boa que isto teve, foi a solidariedade», acrescentou o vice-presidente da Direcção, Fernando Brito Mateus, encarregado do sector administrativo, precisamente o que ardeu.

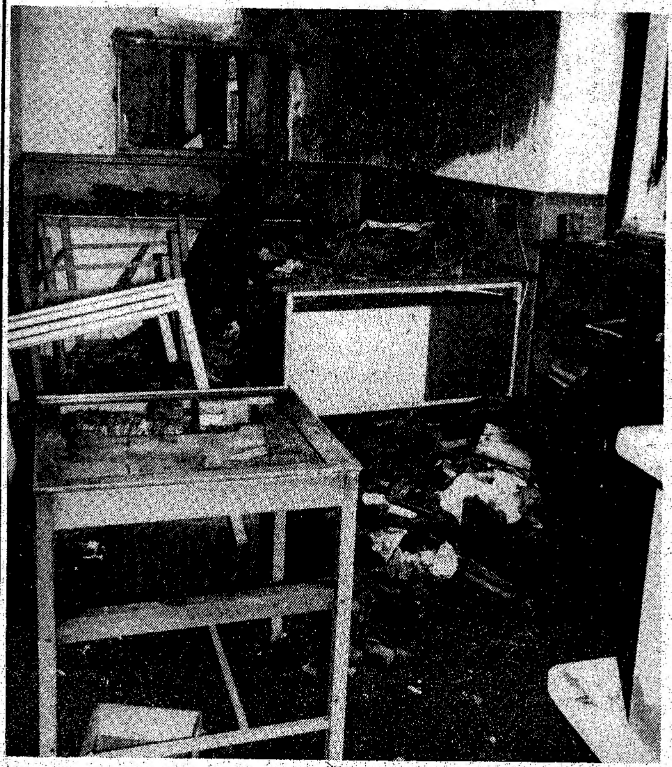
A biblioteca, com os seus três mil livros, não chegou a ter tempo de arder, mas os livros ficaram molhados e sujos da fumarada. Um Pessoa, «Sobre Portugal», não ficou em mau estado, nem um Marx — os bons espíritos encontram-se — mas o mesmo já não se pode dizer das «Teses de Abril» de Lenine.

Do resto, nada ficou afectado e os dirigentes mostraram ao «Diário de Lisboa» a piscina de água quente a funcionar e o pavilhão gimnodesportivo onde amanhã abre o congresso dos sindicatos metalurgicos da CGTP. Aqui, empregados ou talvez voluntários alinhavam cadeiras e preparavam o estrado onde o vermelho com letras a aço resplandecente já dominava a sala.

Ali, uma dúzia de crianças de fato de banho e touca saltitava sob as ordens de uma instrutora, fazendo exercícios de aquecimento para entrar na piscina com água a 24 graus centígrados.

Por cima desta, a piscina onde costumam realizar-se as 24 horas a nadar, com pintura alusiva ao 25 de Abril na parede do fundo. Piscina agora desocupada, que o tempo não está para natações ao ar livre. As duas piscinas são o resultado do fecho de um tanque de saltos antes existente. Há, agora, o projecto de fechar a piscina superior e aquecer-lhe também a água. No dizer de Mário Araújo as piscinas têm uma frequência de cerca de 1200 pessoas por dia.

Mas a natação não é a única actividade desportiva. No pavilhão grande operários desmotavam as argolas de ginástica e, encostada à parede, jazia uma barra fixa. Juntamente à ginástica desportiva há ginástica rítmica, judo e halterofilia.



Dois coros e uma banda dão o tom musical à sociedade filarmónica que, mais do que com a música se preocupa com aspectos sociais, na tradição do associativismo operário. Mas o teatro e o campismo, para quem gosta de subir a palcos diferentes dos do quotidiano ou para aqueles a quem agrada o bucolismo da natureza e a salubridade de uns dias ao ar livre, também não estão ausentes.

O teatro foi, aliás um dos meios clássicos de transmissão de uma cultura do tempo em que assumir-se operário era pertencer à classe eleita, ganhar foros de uma nobreza que se afirmava vestindo a ganga que diferenciava do pequeno burgues mal comido para chegar ao fatinho cinzento com mangas de alpaca.

Foi neste meio que nasceu a Sociedade Filarmónica e Artística União Piedense, filarmonica e aristicamente operária, criada pelos operários para se cultivarem, para reproduzirem a sua cultura. Isto, quando os operários se preocupavam com a cultura e se dedicavam à educação, criando escolas e associações culturais, sob o impulso das lojas maçónicas preocupadas com a educação que daria aos cidadãos a formação democrática, na linha do pensamento dos democratas do século passado.

Foi nesse periodo que nasceu a sociedade, hoje com 13 mil sócios. Fernando Brito Mateus, traça rapidamente a sua história da Sociedade Filarmónica e Artística União Piedense: até 1930 ela conheceu, como as outras, o periodo de expansão do associativismo dos trabalhadores da manufacura; entre 30 e 60 houve um crescimento do associativismo operário com o aparecimento em grande as corticeiras e da metalurgia e com as rivalidades entre os operários de cada um das indústrias; no início da década de 60, homens ligados ao regime fizeram-se elejer e, já directores, realizaram um auto-de-fé com os documento da sociedade; foram expulsos em 68, deixando a associação falida — «foi o nosso 25 de Abril» — a pagar as dívidas e a retomar as actividades até chegar ao nível de hoje.

Agora, depois do fogo, ainda sem poder avaliar os estragos, os directores da associação pensam que «o que há a fazer é arregaçar as mangas». O edifício terá de ser reconstruído de raiz, o que não lhes desagrada. E estão certos de contar com o apoio do município de Almada e a junta da Cova da Piedade.

Na sessão inaugural da Conferência Mundial da AISEP

"DESPORTO PARA TODOS" DEVE NORTEAR POLÍTICA DESPORTIVA

«O desporto para todos não consiste na necessidade de criar e organizar um novo ramo de prática desportiva que se chamasse de «desporto-para-todos» e se situasse ao lado e no mesmo plano que o «desporto federado» ou o «desporto escolar» (...) mas significva antes a preocupação de generalizar a toda a população os benefícios da educação física, do respectivo exercício e da actividade desportiva, preocupação essa que deve nortear toda a política desportiva do Estado e dos governos, seja qual for a situação concreta de cada indivíduo (...)», afirmou o ministro da Educação.

Roberto Carneiro falava na sessão comemorativa dos 25 anos da Associação Internacional das Escolas Superiores de Educação Física (AISEP), que ontem se realizou na Fundação Calouste Gulbenkian e que foi simultaneamente a sessão inaugural da Conferência Mundial da AISEP, cuja organização coube este ano ao Instituto Superior de Educação Física (ISEF).

O ministro explicou em seguida o seu entendimeto de como esse conceito de desporto para todos deve ser levado à prática:

«Por um lado, dedicando especial atenção àqueles sectores da sociedade que, por uma ou outra razão, não puderam desenvolver espontaneamente esse tipo de interesse ou que pelo ritmo das suas vidas dele se arredaram ou foram arredados, ou que em virtude de características especiais próprias, de natureza física ou outras, são credores de modos específicos de atendimento e organização. Mas, por outro lado, sobretudo conseguindo enraizar esse espírito e esses hábitos, entre as camadas mais jovens da população a partir das próprias escolas e sob sua responsabilidade predominante para que também, aqui, o mecanismo das gerações, da sua sucessão natural e do seu progresso inerente possa funcionar em pleno.»

Roberto Carneiro reafirmou que por isso dá a maior importância «e a mais elevada prioridade à área do desporto escolar», sublinhando que «os esforços que vimos fazendo para a generalização a todos da escolaridade nos seus diversos graus, têm de ir de par com idênticos esforços de generalizar efectivamente a educação física e a actividade desportiva a todos os planos do sistema de ensino (...)».

Em declarações à margem do discurso, o ministro referiria a divulgação no início do próximo ano de um plano visando dotar todas as escolas de equipamento para a prática da Educação Desportiva.

Reconhecendo importância às novas perspectivas que se abrem aos preofissionais, deste sector, como Reabilitação, Dança e Ergonomia, que constituem os temas das secções da Conferência Mundial em curso até sábado, o ministro salientou que «sobretudo importa que nunca venhamos a distrair-nos daquilo que nos reúne e que saibamos dirigir a nossa atenção, dar desenvolvimento cada vez mais profundo e saber cumprir de modo cada vez mais eficaz o conjunto de princípios que nos animam e que, em diversos documentos, já se acham comummente aceites e estabelecidos na comunidade internacional».

Citou como exemplo a Carta Internacional da Educação Física e do Desporto aprovada no âmbito da UNESCO.

Pioneirismo e realidade do País

Ao fazer estas afirmações, o ministro colocou-se ao lado — intencionalmente ou não — de uma das facções do ISEF relativamente à reestruturação pretendida.

No Instituto Superior de Educação Física foram criados há quatro anos, com a respectiva licenciatura, os cursos de Desporto, Movimento e Educação Especial/Reabilitação, Expressão/Artística/Dança e Ergonomia.

Esta reestruturação, liderada pelo presidente do CD do ISEF e do Conselho Científico da AIESEP, prof. Melo Barreiros, visa a diversificação das saídas profissionais dos licenciados pelas Escolas Superiores de Educação Física e é conforme às orientações daquela Associação Internacional. O secretário-geral da AISEP, Maurice Pieron, louvaria posteriormente em conferência de Imprensa o carácter «pioneiro» dessa reestruturação do ISEF.

Recentemente, o prof. Melo Barreiros veio a público defender a passagem do ISEF a Faculdade de Motricidade Humana, por ser mais lato o âmbito do seu ensino.

Todavia essa posição é contestada dentro e fora do próprio ISEF pelos que dizem que se deve reforçar a vertente da Educação Física pois faltam cada vez mais professores dessa disciplina nas escolas e, mesmo que estes viessem a formar-se em grande número, teriam sempre emprego em estabelecimentos de ensino pré-escolar, primário e superior.

Rosa Serradas Duarte, presidente da Sociedade Portuguesa de Educação Física, manifestou também publicamente («Semanário», 21/11) a opinião de que «os argumentos utilizados para a mudança, nomeadamente no que diz respeito à formação profissional, não têm qualquer fundamento e não correspondem à realidade do País. De facto, quando se diz que a criação destes novos cursos visa impedir um eventual desemprego de professores, por saturação, está-se no mínimo a deturpar a verdade dos factos».

Futuro e inovação

A Conferência Mundial de AISEP, que decorre até sábado na Fundação Gulbenkian, tem 350 participantes de instituições de 40 países. Foram inscritas 150 comunicações.

A AISEP foi fundada precisamente em Lisboa, em 1962, e tem como secretário-geral desde 1966 o belga Maurice Pieron.

É seu presidente desde 1983 o professor americano da Universidade de Boston, J. Cheffers.

Desde a sua fundação que a associação integra países capitalistas e socialistas, pretendendo os seus membros que se afirme e prossiga o seu carácter universal.

Na sessão de abertura o prof. Cheffers salientou a palavra de ordem dos trabalhos: «Futuro» e, consequentemente, a necessidade de inovação. Inovação é de resto um termo presente no programa das quatro secções da Conferência.

"Republiquíadas"

Confronto desportivo entre as "Repúblicas" de Coimbra

«Republiquíadas» é a designação de uma iniciativa de carácter desportivo e recreactivo que envolverá todas as «Repúblicas» estudantis de Coimbra.

Esta iniciativa engloba a realização de dezenas de jogos de salão entre as mais de duas dezenas de Repúblicas (casas colectivas de estudantes) existentes em Coimbra.

Bilhar, jogos de cartas e matraquilhos são alguns dos jogos que irão entreter os «repúblicos» durante as próximas semanas, no âmbito dos «Republiquíadas».

As acções integradas nas «Republiquíadas» são essencialmente jogos de salão e têm por objectivo «estreitar os laços de amizade e a convivência entre os elementos das várias Repúblicas de Coimbra.»

As «Republiquíadas» são organizadas pelo Conselho de República, que foi reactivado no ano passado, depois de ter exercido um papel preponderante na resistência ao regime salazarista e quase se ter extinguido na década de 70.

Nos terrenos do Alto da Ajuda

Nova Universidade Técnica custa 18 milhões de contos

O Presidente da República, Mário Soares, observou ontem na reitoria da Universidade Téccica de Lisboa as maquetas das futuras instalações deste estabelecimento de ensino, a construir junto á Tapada da Ajuda. Para ali serão transferidas as actuais faculdades de Arquitectura, Veterinária e Economia e os Institutos Superiores de Educação Física (ISEF) e de Ciências Políticas e Sociais (ISCPS).

Estas escolas irão juntar-se à Faculdade de Agronomia, ficando apenas o Instituto Superior Técnico à margem deste plano de concentração da Universidade Técnica.

A futura Universidade Técnica de Lisboa, cuja construção está orçada em 18 milhões de contos, terá capacidade para 10 mil alunos e deverá estar concluída dentro de 10 anos. No entanto, a primeira da faculdades a construir, a de Arquitectura, poderá começar a funcionar dentro de dois anos, no mínimo, segundo adiantou o vice-reitor da Universidade, Monteiro Alves.

Mário Soares lembrou que o projecto de recupação do Palácio da Ajuda abrangerá uma zona vizinha do local onde vai ser construída a Universidade e referiu-se à ideia da ligação do Jardim Botânico aos terrenos do Palácio, projecto segundo o qual neste seria criado um museu, eventualmente para exposição das jóias da Coroa, actualmente guardadas na Casa da Moeda.

Disse no entanto que o projecto da Universidade não colide com o plano de recuperação do Palácio, e que, «antes pelo contrário, é preciso é que haja uma coordenação dos dois projectos».

O reitor da Universidade disse que o projecto não implicará o derrube de qualquer árvore e garantiu mesmo que serão plantados pés naquela zona.

Os responsáveis da Universidade Técnica sublinham que a necessidade de transferência das suas instalações era urgente, devido ao estado de degradação em que se encontram.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

TELEJORNAL quer-me matar. Quer, que eu bem vejo. Matar-me por dentro, isto é, queimando aquelas santas ilusões que, durante anos, alimentaram no meu espírito. E quem mais as deu, agora as tira? Deus, é isto justo? Tivesse eu o génio do Garrett e iam ver como se arrancava daqui uma tirada à Frei Luís de Sousa.

Vem tudo a propósito daquelas notícias que metem penitenciárias. Duas vemos nós, na Louisiana e na Jeórgia. Locais monstruosos, com milhares e milhares de presos encaixotados.

Aqui, o primeiro choque. Eu pensava que era tudo palacetes, piscinas, relvados, arranha-céus luxuosos, avenidas aéreas, **néons** *por todo o lado. Afinal, aquelas monstruosas penitenciárias transformam o sonho em pesadelo.*

Vá lá que houvesse presos. Sim, mas bem cuidados, bem vestidos, bem comidos, bem bebidos. Afinal, nem isso. Os presos queixam-se das péssimas condições, da comida horrorosa, dos maus tratos!

Está bem que as condições podiam não ser óptimas. Admitamos. Os presos, porém, aceitariam a situação com bons modos, entrariam em diálogo com os visitadores, pelo menos é o que a gente vê nas séries americanas. Afinal, as citadas penitenciárias são agitadas por violentos motins, incêndios, destruições, guardas mortos. O pão-demónio, como diz um amigo meu pouco dado às letras e muito dado à vida.

Diz o Telejornal que os presos amotinados são exilados cubanos, cerca de três mil, a quem os Estados Unidos deram abrigo. Afinal, «abrigo» pensava eu. O que os Estados Unidos lhes deram foi xelindró.

Afirmou-se na altura que esses tais eram grandes patriotas, defensores da liberdade, democratas convictos, perseguidos por não gostarem de Fidel.

E afinal? Afinal, garante-nos agora o insuspeito **Telejornal,** *são marginais, criminosos e paranóicos. Fidel, se estão lembrados, bem avisou... Uma pessoa vem de escantilhão por aí abaixo, de desilusão em desilusão. Consta agora que os Estados Unidos pensam receber uma importante leva de refugiados afegãos.*

Bem podem já ir construindo mais umas penitenciariazitas...

Jornalismo e publicidade em debate

"CENTRAIS DE COMPRAS" AMEAÇAM A LIBERDADE DE INFORMAÇÃO

A independência da Informação, em Portugal, pode estar ameaçada pela futura criação de «centrais de compras» constituídas por empresas representativos de várias agências publicitárias candidatas à compra de espaço nos Órgãos de Comunicação Social.

Esta preocupação foi manifestada, ontem à noite, por vários participantes num debate sobre jornalismo e publicidade, realizado no Clube dos Empresários.

As centrais de compra poderão, no entender de alguns dos intervenientes, fazer perigar a independência da informação ao diminuir as fontes de receita dos órgãos que a veiculam.

De resto, as cautelas a ter pelos profissionais da Comunicação Social para que a publicidade não condicione a sua actividade foram uma questão central do debate que reuniu os jornalistas Joaquim Letria e Joaquim Furtado, os publicitários Vera Nobre da Costa e António Videira e o administrador do «Diário Popular», Eduardo Trigo.

Para Joaquim Letria, presidente do Sindicato dos Jornalistas, mas usando da palavra em nome pessoal, aquelas cautelas não passam pela exigência de que o jornalista exerça exclusivamente esta profissão.

Letria, que condenou situações como, por exemplo, a utilização «abusiva e hipócrita» do jornalismo para fazer publicidade encapotada e a influência de um certo tipo de jornalismo económico na especulação bolsista, considerou, no entanto, que algumas exigências do Código Deontológico dos Jornalistas se encontram desadequadas da realidade e traduzem «uma hipocrisia de toda uma classe».

Na opinião do dirigente sindical, que recordou a existência de muitos profissionais da Informação a trabalharem «quase clandestinamente» como assessores em Ministérios ou noutros organismos, o jornalista pode ser também um técnico de Comunicação Social ao serviço de empresas não directamente jornalísticas.

«Porque é que nenhuma outra profissão é incompatível com o acto de escrever e só o jornalista é que não pode ter mais nenhuma profissão?» — perguntou.

Dúvidas sobre a legitimidade ética da posição de Joaquim Letria foram levantadas por Joaquim Furtado, para quem o SJ «não deve defender a generalização de uma situação errada, mas sim combatê-la».

Trata-se de uma questão de «credibilidade e de prestígio dos jornalistas», disse Furtado, que considerou também indesejável que um jornalista seja assessor de Imprensa de um partido político.

«Não é caminhando para o desvanecimento da imagem do que um jornalista deve ser que se ganha credibilidade e por isso devem existir regras», afirmou Joaquim Furtado.

Verbas são diminutas

Câmaras do Algarve desiludidas com o Orçamento de Estado para 1988

Continuam a manifestar-se as reacções negativas à proposta governamental de Orçamento de Estado para 1988. Desta feita foram os presidentes das Câmaras Municipais do Algarve que revelaram a sua preocupação devido às verbas destinadas a esta região, durante uma reunião realizada em Portimão.

Um dos pontos que mereceram maior discordância dos autarcas algarvios foi o anúncio de que o Algarve irá receber do Fundo de Equilíbrio Financeiro um aumento de apenas 0,5 por cento comparativamente ao ano passado. Outro foi a revelação de que as receitas irão ser reduzidas em virtude das novas isenções na cobrança da sisa.

Aqueles responsáveis camarários expressaram igualmente a sua contrariedade pelo facto de se projectarem novas transferências de competências para os municípios sem que se quantifiquem também as respectivas transferências de verbas.

Ilha das Flores vai ter mais uma TV municipal

Os 2500 habitantes do Concelho de Santa Cruz, na ilha açoriana das Flores, terão acesso às emissões diárias de uma nova estação de televisão municipal, promovida pela Câmara local, já em finais deste mês.

Trata-se da segunda estação municipal de TV que surge na ilha, tendo a primeira sido instalada pela Câmara das Lajes. O propósito da iniciativa é a criação de «uma alternativa» aos programas da RTP, com filmes e reportagens locais.

Bombeiros da Guarda: mais vale prevenir

«Prevenir mais vale que intervir» é o tema de uma campanha de sensibilização que os Bombeiros Voluntários da Guarda estão a realizar nas escolas primárias desta cidade até ao dia 7.

A iniciativa engloba 25 sessões em 13 escolas e visa demonstrar técnicas de manuseamento de material sanitário e de fogo, aspectos de prevenção para as crianças e um pequeno simulacro de incêndio a apagar pelos alunos.

Câmara de Tavira promove habitação social

A Câmara Municipal de Tavira adjudicou as obras de construção de 14 fogos de habitação social no sítio da Porta Nova, representando um investimento superior a 40 000 contos.

Os fogos serão destinados a famílias com agregados familiares reduzidos e carenciados economicamente, e começarão a ser construídos ainda este mês, prevendo-se a sua conclusão para finais de 1988.

Misericórdia de Famalicão já tem orçamento

O orçamento para 1988 da Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Famalicão, Braga, é de 113 546 contos, informou a instituição. Das receitas previstas, 27 857 contos provêm de subsídios da Direcção Regional de Segurança Social e 11 650 contos das rendas do hospital e seus anexos.

A Misericórdia de Famalicão espera ainda conseguir 28 875 contos com a venda da Quinta dos Moinhos e de um prédio na Rua Adriano Pinto Basto.

A instituição propõe-se continuar a construção do lar Jorge Reis e iniciar as obras do infantário Dr. Delfim de Carvalho.

Bombeiros de Elvas vão ter novo quartel

A construção de um novo quartel-sede dos Bombeiros Voluntários de Elvas, orçada em 110 000 contos, está incluída no Orçamento de Estado para 1988, congratula-se o município local.

A garantia foi feita pelo secretário de Estado da Administração Local, Nunes Liberato, durante a sua recente visita a esta cidade raiana.

Governo Civil de Setúbal lança inquérito às colectividades

O Governo Civil de Setúbal lançou um inquérito às condições das colectividades recreativas e desportivas do distrito.

Fonte do Governo Civil justificou assim a iniciativa: «A fim de nos podermos pronunciar sobre a atribuição de subsídios, há que analisar o peso real de quem os solicita». Só assim será possível, disse ainda, «tratar com justiça» cada colectividade.

Julgamento da Fiscalização Económica

Carne para três "cozidos" salvou-o de ser multado

No Tribunal da Boa Hora, prosseguiu ontem o julgamento dos cinco funcionárioos da Fiscalização Económica (dois chefes de brigada e três agentes), acusados de «corrupção, falsificação e destruição de documentos», tendo sido ouvido o último dos 20 comerciantes envolvidos no processo, proprietário de um talho, que afirmou ter dado carne para três «cozidos» no valor de 12 contos, para não ser multado por infracção.

De acordo com o seu depoimento, tudo se passou quando foi surpreendido pelos fiscais na altura em que tinha dependurada carne no seu estabelecimento, o que é proibido por lei. Mas como, disse, a carne acabara de ser descarregada, pensou que nada lhe iria acontecer. Só que os agentes ignoraram esse facto e, depois de lhe afirmarem que o negócio dos talhos dava grandes lucros, deram a entender que pretendiam uma gratificação. E o problema seria na realidade resolvido com a oferta dos «cozidos».

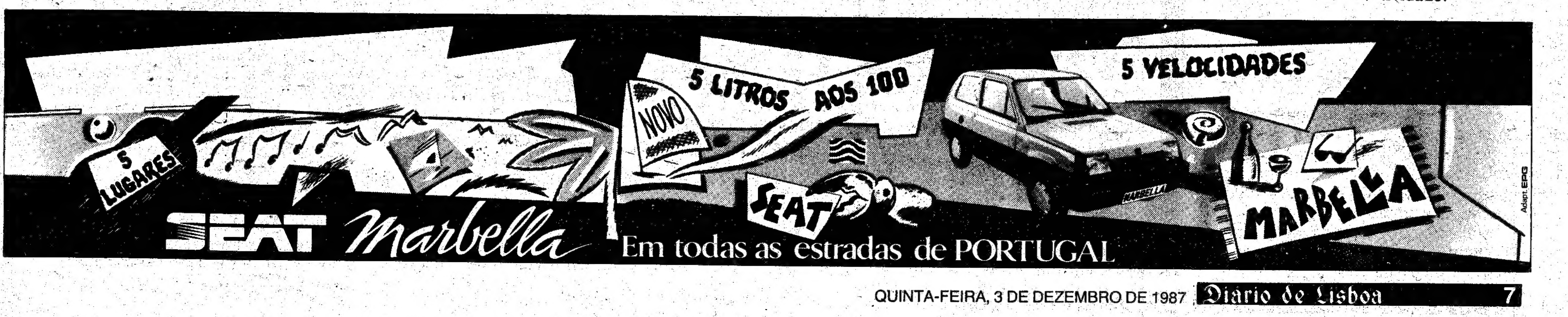
O julgamento prossegue amanhã.

Uma importante iniciativa editorial

"Além-Mar – os Portugueses na Índia, viagens, aventuras, conquista"

O Presidente da República presidiu à sessão de lançamento, na Sociedade de Geografia, do livro intitulado «Além-Mar — os Portugueses na Índia, viagens, aventuras, conquista». Trata-se de uma edição luxuosa, co-produção do prestigiado editor italiano Franco Maria Ricci (F.M.R.) e da Bertrand Editora, e, com ela, a Bertrand assinala a sua participação nas comemorações nacionais dos 500 anos dos Descobrimentos Portugueses. A obra é de uma primorosa apresentação gráfica, tem 300 páginas em formato 23X35cm, é impressa em papel de fabrico manual, cor azul-cinza e reproduz 141 desenhos a cores que constituem o Código 1889 da Biblioteca Casanatense, de Roma, pintados por autor português desconhecido do século XVI. Mas há que referir, também, a importância dos textos: introdução por Fernand Braudel, a «Vida na Índia», de Gianni Guadalupi, o «Livro do Oriente» de Duarte Barbosa, o «Império Português no Oriente» de Charles R. Boxer e um estudo de Roberto Bardiesi sobre o manuscrito pictórico da Casanatense.

O Professor Doutor Luís de Albuquerque apresentou a edição de «Além-Mar» salientando a importância histórico-científica da obra.



Acusado de recrutar mercenários portugueses para os GAL

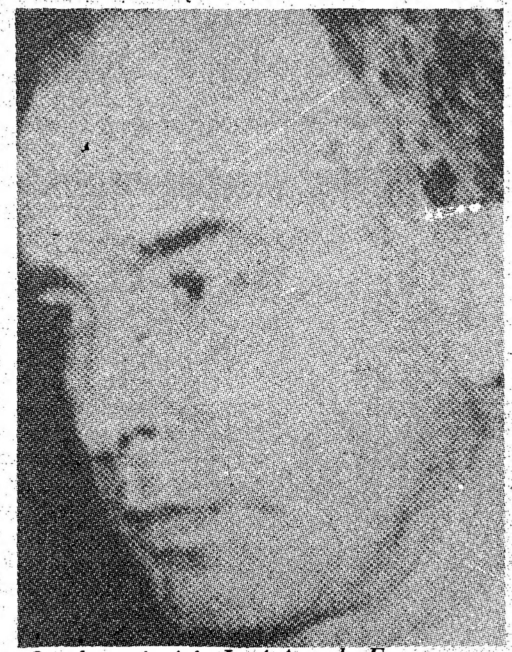
TRIBUNAL FRANCÊS ORDENOU A CAPTURA DO SUBCOMISSÁRIO ESPANHOL JOSÉ AMEDO

O juiz de Instrução Criminal de Baiona, no País Basco francês, Christophe Seys, ordenou a detenção do subcomissário da Polícia espanhola, José Amedo Fouce, acusado de presumíveis ligações aos Grupos Antiterroristas de Libertação (GAL), uma organização terrorista de extrema-direita responsável pelo assassínio de vários militantes da ETA.

A notícia é veiculada pelo diário madrileno «El Pais», que refere que a Justiça francesa interrogou há duas semanas José Amedo relacionando-o com os atentados dos GAL em Fevereiro de 1986. Estes atentados, revela o jornal, forma perpetrados por um grupo de mercenários portugueses comandados pelo dirigente dos GAL, Jean Philippe Labade, encarcerado na Penitenciária de Lisboa, após ter sido condenado em cinco anos de prisão no Tribunal Judicial de Viana do Castelo.

Entretanto, e de acordo com «El Pais», dois homens, Pierre Frugoli, e Lucien Mattei, também acusados de serem membros dos GAL, foram ontem sentenciados a prisão perpétua por um tribunal francês. De acordo com a sentença do tribunal de Pau, Mattei deverá cumprir um mínimo de 18 anos de cadeia, antes de poder solicitar a redução da pena.

Os dois réus foram julgados pelos atentados cometidos em Setembro de 1985, num bar de Baiona, que causou a morte de quatro bascos espanhóis (José Maria Etxaniz Maiztegi, Agustin Irazustabarrena Urruzola e Ignacio Astiasuizarra Pagola).



O subcomissário José Amedo Fouce

As testemunhas convocadas identificaram Mattei e Frugoli como os dois «mercenários» que nesse dia participaram na acção levada a cabo no bar, frequentado habitualmente por presumíveis membros do movimento de guerrilha basco ETA.

Pierre Frugoli admitiu, perante o colectivo de Pau, haver tido contactos com o subcomissário José Amedo, do Corpo Nacional de Polícia em Bilbau.

Recorde-se que José Amedo foi igualmente acusado por alguns dos réus presentes no Tribunal de Viana do Castelo como sendo um contacto da Polícia espanhola com o português Mário Cunha (também arguido no processo e agente da DINFO-Serviço de Informações Militares), alegadamente encarregado da contratação de franco-atiradores para atentados contra membros da ETA no País Basco francês.

Entretanto, o juiz português encarregado das investigações (dr. António Castelo Lisboa, do 5.º Juízo de Instrução Criminal de Lisboa), já tinha relacionado José Amedo com os GAL, ao ter conhecimento, através das suas diligências, que este se teria reunido em Lisboa, em finais de 1986, com o francês Jean Philippe Labade, acusado de recrutar mercenários portugueses para os GAL. Três destes declararam que tinham viajado de Lisboa para Bilbau, acompanhados por dois polícias espanhóis, um dos quais se parecia, pelos retratos-robot, com o subcomissário José Amedo, destacado nos Serviços da Luta Antiterrorista de Bilbau.

Deficiente físico condenado em onze anos de cadeia

Um deficiente físico foi ontem condenado no tribunal Judicial de Fafe à pena de 11 anos de cadeia, pelo crime de homicídio na pessoa de um reformado.

O incidente teve lugar em Agosto último, quando num café próximo de Fafe, José Pires, que se desloca numa cadeira de rodas, baleou mortalmente à queima-roupa, João Gonçalves, de 66 anos.

O réu alegou ter agido por ciúmes, afirmando que a mulher lhe era infiel com a vítima. Defesa e Ministério Público recorreram da sentença.

Homem de 58 anos morto com um tiro de caçadeira

Na sua residência em Aldeia Nova, no concelho de Vila Real de Santo António, foi ontem encontrado morto Florentino Afonso Agostinho, de 57 anos, tudo indicando tratar-se de um caso de suicídio, pois já por duas vezes tentara pôr termo à vida.

Junto do corpo estava uma espingarda caçadeira, com a qual Florentino terá feito o disparo que o atingiu no peito. A ocorrência foi participada à Polícia Judiciária de Faro.

Parto numa ambulância da Cruz Vermelha

Quando era conduzida para o Hospital Distrital de Setúbal, uma jovem deu à luz um bebé do sexo feminino numa ambulância da Cruz Vermelha Portuguesa, tendo sido assistida por socorristas daquele organismo.

A parturiente reside no Bairro da Bela Vista, em Setúbal, próximo de uma unidade da Cruz Vermelha.

Quatro mortos quando o automóvel foi levado pelo mar

Quatro pessoas morreram quando o automóvel em que transitavam em Câmara de Lobos, na ilha da Madeira, foi arrastado para o mar por vagas alterosas que ontem varreram a costa Sul da ilha. Apenas o condutor, Fernando Augusto da Silva, de 29 anos, conseguiria sallvar-se nadando para terra.

Os falecidos são a mulher do condutor, Carmen Perregil da Silva, de 27 anos, a filha do casal, de 18 meses, Alexandra Silva e os pais de Carmen, Jordão Neves e Maria Perregil ambos cinquentenários.

Todos eles haviam regressado de Jersey, na Inglaterra, onde estavam emigrados e transitavam numa viatura «mini» que não ofereceu resistência ao golpe de mar.

O mau tempo que desabou sobre a Madeira destruiu uma cabana na Ponta Gorda, também arrastada para o mar, e obrigou a que recolhessem ao porto do Funchal as embarcações e iates da costa Sul, embora algumas não tivessem conseguido ali chegar, tendo procurado abrigo noutros locais.

Um iate inglês teve de ser socorrido por um rebocador do Funchal junto das ilhas Desertas que o conseguiu levar até ao porto do Funchal.

São também grandes os estragos da agricultura e derrocadas em diferentes pontos da ilha, sem que tivessem havido outros danos pessoais.

O tempo tem tendência a melhorar durante o dia de hoje e o aeroporto ennconntra-se a funcionar normalmente.

Em Santa Maria da Feira, Figueira da Foz e Ílhavo

Comandantes de esquadra acusados de 'mau relacionamento' com subordinados

A Pró-Associação Sindical da PSP (ASP/PSP) responsabilizou ontem os comandantes das esquadras de Santa Maria da Feira, de Ílhavo e da Figueira da Foz, pertencentes aos Comandos Distritais de Coimbra e Aveiro, de «mau relacionamento com os seus subordinados» e de outras situações de «significativa gravidade».

Relativamente à esquadra da Figueira da Foz, o comunicado da ASP (PSP) afirma que o respectivo comandante «viola os mais elementares princípios que devem reger as relações entre o superior hierárquico e os seus subordinados», sendo o seu comportamento «de permanente e provocatório chamamento à insubordinação».

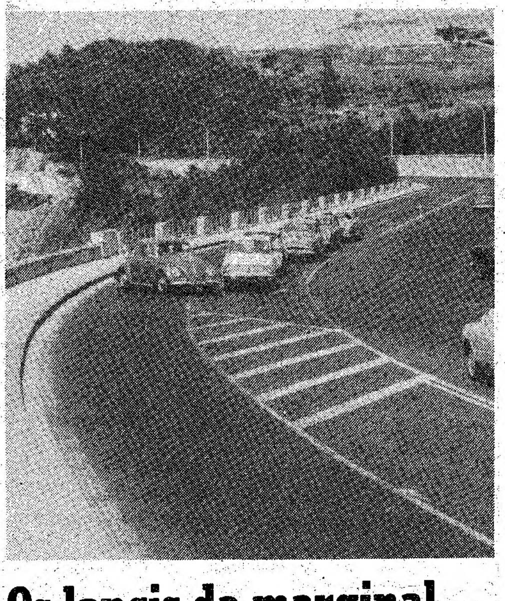
O comunicado refere «critérios gritantemente arbitrários na colocação do pessoal, alimentação degradante, prepotência, perseguição e falta de higiene nos alojamentos dos agentes». Pelo que «mercê do mal-estar e incerteza instituídos no seio da grande maioria dos agentes ali em serviço faz com que estes equacionem seriamente a sua situação como profissionais em serviço na Figueira da Foz».

Quanto à análise feita pelos sindicalistas à actuação dos comandantes da PSP de Vila da Feira e Ílhavo fala de «arbitrárias perseguições, ameaças e instauração de processos disciplinares arquivados». O comunicado acrescenta que também naquelas esquadras o comportamento dos chefes é «de chamamento deliberado à insubordinação».

A ASP/PSP afirma que os comandantes distritais da PSP de Coimbra e Aveiro se encontram informados da situação.

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL

NOS VAMOS...



Os lancis da marginal Lisboa/Cascais

Na edição de ontem, que constituiu uma espécie de «linha de partida» para esta coluna, referimo-nos à situação existente na Estrada Marginal que liga Lisboa a cascais, onde a existência de lancis laterais de protecção, ali colocados recentemente, são apontados como causadores de graves acidentes. O último ocorreu na madrugada de terça-feira quando, tal como noticiámos, um automóvel que se dirigia para Cascais embateu no lancil, em Paço de Arcos, tendo-se projectado para o meio da via e indo abalroar uma furgoneta que seguia na mesma direcção. Resultado: uma senhora morta e duas feridas.

Face a este quadro procurámos esclarecer-nos junto da Brigada de Trânsito da GNR e da Junta Autónoma de Estradas, as duas entidades mais directamente ligadas ao assunto. Por parte da Brigada de Trânsito foi-nos dito que de facto na Marginal de Cascais «tem-se registado um aumento de sinistralidade nos últimos tempos, dado que os veículos em despiste, ao embaterem no lancil, ão projectados para o meio da estrada, como se tivessem sido impelidos por uma mola, indo colidir com as viaturas que seguem pacificamente na sua mão».

Quanto à Junta Autónoma das Estradas, reconheceu a existência dessas deficiências, embora salvaguardando o facto de «não existirem, por ora, estatísticas que permitam calcular se a sinistralidade na marginal era maior antes da existência dos lancis, em que os veículos eram projectado para o exterior da via, se depois dos mesmos serem instalados. A mesma fonte referiu, por outro lado, que «antes da colocação dos lancis tornava-se frequente a queda de pedras na linha férrea, motivando queixas frequentes da CP». O informador da Junta Autónoma das Estradas admitiu, no entanto, a possibilidade dos actuais lancis (do modelo «triefe», em betão), virem a ser substituídos por uns outros, manufacturados num material mais maleável que evite a projecção dos veículos que neles choquem.

Família vitimada nas Caldas da Rainha

Mas, infelizmente, os graves acidentes não são exclusivos de estradas com lancis de betão, e onde o trânsito atinge índices bastante elevados, como acontece na Marginal de Cascais, marcando também outras vias bem menos movimentadas, tal como ontem na Tornada, próximo das Caldas da Rainha, com a morte de três pessoas da mesma família (António Maria Mota, de 56 anos, reformado, a sua mulher Maria Emília Correia Mota, de 57, e um filho do casal, Fernando Manuel Correia Mota, de 30, todos residentes em Maceira, Alcobaça). Os três sinistrados viajavam num automóvel que, ao fazer uma ultrapassagem a uma motorizada, foi chocar frontalmente com um camião, cujo motorista saiu ileso.

Entretantro, a Brigada de Trânsito da GNR informou que, nas últimas 24 horas, ocorreram nas estradas do País 87 acidentes de que resultaram dez mortos (a média neste período do ano é de cinco) e 79 feridos, 30 dos quais em estado grave.

Leiria e Cascais vão ter delegações da Judiciária

Num futuro próximo vão entrar em funcionamento em Leiria e Cascais inspecções da Polícia Judiciária para o que foi já aprovado pelos Ministérios das Finanças e Justiça o aumento do quadro do pessoal daquela Polícia para o preenchimento dos respectivos cargos.

Foram assim criados mais três lugares de inspectores-coordenadores, cinco inspectores de primeira classe e oito de segunda.

A Polícia Judiciária é responsável pela acção sistematizada nos campos da prevenção e repressão da criminalidade e a sua expansão territorial tem vindo a processar-se nos últimos anos.

Encontra-se já implantada, para além de Lisboa, Porto e Coimbra, onde já funcionava desde a sua criação em 1945, em Aveiro, Braga, Faro, Funchal, Ponta Delgada, Setúbal, Tomar, Chaves, Guarda e Portimão, abrangendo 196 comarcas.

Os quadros da Polícia Judiciária são, actualmente, de 1560 funcionários dos quais cerca de 900 pessoas da investigação criminal.

Armada desmente que a pistola utilizada fosse militar

Fuzileiro matou no Estoril soldado da Força Aérea

O Estado-Maior da Armada, através do seu porta-voz, comandante Correia Jacinto, desmentiu esta manhã ao «DL» que tivesse sido retirada da unidade a que pertencia, tal como chegou a ser noticiado, a pistola utilizada pelo 1.º marinheiro fuzileiro naval, Paulo Santos Bueno, para matar na noite da passada segunda-feira, no Estoril, o soldado da Força Aérea, António João Silva Seixas, de 21 anos, solteiro, pedreiro de profissão.

O homicida ficaria entretanto ferido com gravidade, ao ser atropelado por um automóvel, quando após os disparos procurava atravessar a Marginal em direcção à boîte «Forte Velho». Desconhecem-se por enquanto as causas do crime.

"Prova de perícia" em Guimarães matou criança e feriu avô

Durante uma «prova de perícia» realizada no Campo de S. Mamede, em Guimarães, integrada nas «Festas Nicolinas-87», um automóvel concorrente despistou-se e avançou para a assistência, causando a morte de uma menina de cinco anos, Joana Isabel Miranda de Oliveira, e ferimentos no seu avô, Manuel Fernandes, de 73 anos.

O acidente ocorreu na tarde de anteontem quando o veículo conduzido por Paulo Alexandre Martins Abreu Rompante, de 23 anos, estudante, teve de sair da pista para não atropelar um dos elementos da organização, que tropeçara ao tentar alcançar o local da meta.

Tanto a infeliz criança como o avô foram conduzidos para o Hospital de S. João, no Porto, onde Joana Isabel não resistiu aos ferimentos e Manuel Fernandes ficou internado em estado considerado bastante grave.

De referir que o pai de Joana Isabel estava de serviço na «Urgência» do Hospital de Guimarães, tendo tomado conhecimento da tragédia quando os dois sinistrados passaram por aquele estabelecimento.

Neve interrompe trânsito na serra da Estrela

As estradas que ligam Santo António à Torre e este local a Sabugueiro estão interrompidas ao trânsito automóvel devido à neve, que desde o princípio da madrugada de hoje cai com intensidade na serra da Estrela, informou o Centro de Limpeza de Neve da Covilhã.

No âmbito do "Setúbal Connection"

PRISÃO PREVENTIVA DE GNR DÁ CONDENAÇÃO PARA O ESTADO

O Estado português foi ontem condenado pelo Tribunal de Setúbal a pagar uma indemnização de 40 mil escudos a um agente da Guarda Nacional Republicana, implicado no processo conhecido por «Setúbal Connection», facto que vem, sem dúvida, abrir um precedente na história dos processos judiciais em Portugal.

Com efeito, o guarda republicano Manuel Martins Azeitona Baptista, de Sines, na reforma, passou, a partir de ontem, a ser credor do Estado português da quantia de 40 mil escudos, por o juiz Reininho, do 4º Juízo de Setúbal, ter considerado ilegal a prisão preventiva a que foi sujeito.

O processo, uma acção cível, segundo várias fontes judiciais contactadas pelo «DL», «não podia ter outro desfecho, de acordo com o Código Penal, em vigor desde há quatro anos».

António Moreira de Freitas, advogado de Azeitona Baptista, revelou ao «DL» que a indemnização pedida equivale ao tempo em que o seu constituinte esteve detido, sem poder cuidar de pequena propriedade agrícola que possuía, «em momento crucial para o cultivo, tendo, face às circunstâncias, que recorrer a um trabalhador a quem pagava o correspondente ao ordenado mínimo nacional».

O Tribunal Constitucional, como é de lei, vai analisar este processo, por recurso, obrigatório, do Ministério Público que, no entanto, até final da audiência, não o tinha feito.

O ruir das estruturas

Pese este facto, António Moreira de Freitas, advogado, como se disse, de Azeitona Baptista, contactado pelo «DL», considerou que a sentença foi o «ruir de toda a estrutura que levou à prisão preventiva milhares de indivíduos».

António Moreira de Freitas é de opinião que «cerca de 90 por cento das pessoas que, desde 1 de Janeiro de 1983, data da entrada em vigor do novo Código Penal, estão detidas, são vítimas da ilegalidade».

«Ficou provado — adiantou — que os indivíduos que estiveram, ou estão, presos nesta situação, estão de forma ilegal, pelo que podem pedir indemnizações ao Estado».

«Este processo — referiu — para além do mais, poderá pôr em causa a constitucionalidade do novo Código do Proco Penal, que ainda não entrou em vigor, mas que já está publicado, na parte que trata à prisão preventiva».

Parco em declarações, Moreira e Freitas, a insistências da repórter, limitou-se a concluir: «Este processo pode abrir caminho a que milhares e milhares de indivíduos, vítimas de prisões preventivas ilegais possam vir a reclamar justiça.»

Ponto de situação na abertura do ano lectivo

Academia Militar: 40% dos novos alunos são maus no português

Cerca de 40 por cento dos recém-ingressados na Academia Militar revelam «notórias falhas de intelecção e de redacção» em português, na opinião do comandante daquele estabelecimento de ensino superior.

O general Abel Couto, que falava na sessão solene de abertura do novo ano lectivo, considerou que um dos principais problemas da academia respeita ao «nível cultural de grande parte dos alunos que ingressam no estabelecimento face aos actuais currículos de todos os cursos».

O comandante disse que se verificam também «insuficiências nas disciplinas de Matemática, Física e Química».

«Se não forem satisfeitas exigências adequadas de conhecimentos do ensino secundário, verificar-se-á um número elevado de reprovações nos dois primeiros anos do curso da Aademia, com um inútil aumento dos encargos do Estado» — alertou Abel Couto.

O comandante da Academia, na presença do chefe do Estado-Maior do Exército, general Firmino Miguel, disse que outro dos problemas do estabelecimento é o da » concepção das futuras instalações da Academia e da articulação do seu comando».

Defendeu ainda a criação de uma Escola Politécnica Militar que servisse, «em domínios a estudar, os outros ramos da Forças Armadas».

No passado ano lectivo, matricularam-se na Academia 572 alunos, foram abatidos ao efectivo 15 e passaram de ano 509.

Todavia — salientou o comandante — a percentagem dos alunos que, no conjunto dos primeiro e segundo anos, transitaram de ano sem qualquer cadeira em atraso «foi apenas de cerca de 60 por cento, o que tem a ver com a deficiente preparação nos domínios da Matemática, Física e Português revelada por grande parte dos alunos».

Actualmente — adiantou ainda — a frequência da Academia «encontra-se sensivelmente estabilizada» e «é de admitir que, nos próximos anos, os quadros permanentes do Exército sejam rejuvenescidos com cerca de 125 oficiais por ano».

Este ano, concorreram à Academia Militar cerca de 500 candidatos, com vista a preencher 106 vagas, tendo sido apenas incorporados 95 novos alunos dos quais 20 já eram militares.

Vandalismo numa capela em Oliveira de Azeméis

Desconhecidos assaltaram pela terceira vez, desde Julho do ano passado, a capela de S. Marcos, em Fajões, no concelho de Oliveira de Azeméis, provocando desta última vez actos de vandalismo no seu interior ao remexerem gavetas e atirarem toalhas e velas pelo chão.

Durante o último assalto, os vândalos, que nada roubaram, entraram no templo através de um buraco rasgado na grossa parede de granito da capela, numa acção que só poderá ter sido levada a cabo por pessoas entendidas na arte da construção civil.

Entretanto, na Mealhada foi assaltado um estabelecimento de electrodomésticos, de onde foram furtados televisores e vídeos no valor de mil contos.

ADÃO móveis electrodomésticos, Lda.
ENTREGA E ASSISTÊNCIA AO DOMICÍLIO GRÁTIS
Rua Gil Vicente, 7-B (perto da Estação da CP) — Est. Falagueira, 14/B-C
Telef. 493 93 50 e 494 20 22 — AMADORA
TV — VIDEO — HI-FI — DIVERSAS MARCAS
● CONSULTE PREÇOS E CONDIÇÕES ●

AGENTE SILVER E GENERAL

Em Espanha como cá

EMPRESÁRIAS AINDA EM MINORIA

Apesar de se encontrarem em minoria na classe empresarial e concentradas nas actividades comerciais e de serviços, as empresárias espanholas com estudos superiores representam cerca do dobro dos seus parceiros masculinos.

Segundo um estudo do Instituto da Mulher citado pelo jornal «El Pais», a percentagem de mulheres empresárias com estudos superiores é quase o dobro da dos seus parceiros masculinos: 15,02 por cento das mulheres contra 8,02 por cento. Contudo, a sua presença no meio ainda se encontra em perfeita desvantagem, representando cerca de 10 por cento da classe.

As empresárias espanholas, em geral, investem em pequenas empresas e preferencialmente no ramo do comércio ou em actividades que poderiam ser consideradas como «próprias do seu sexo» - cabeleireiros, esteticistas, lojas de moda, restaurantes, perfumarias e colégios. Outro ramo há pouco tempo a despontar no leque de actividades escolhidas pelas mulheres é o da assessoria a empresas e serviços especializados como os financeiros, de seguros ou aluguer. À margem da sua participação, mantêm-se as indústrias tradicionais e a construção, ainda território muito vedado à sua entrada.

As companhias femininas são, geralmente, de menor dimensão que as suas congéneres chefiadas por responsáveis masculinos: três quartos das suas empresas têm um a três empregados ao serviço, enquanto as com entre três e cinco representam 16,83 por cento do total do universo das empresas geridas por mulheres. Nestes dois grupos, 93 por cento são o que se poderá considerar de pequenos negócios e os restantes 7 por cento constituiem sociedades entre pequenas e medianas.

Por ramos de actividade, a maior parte do empresariado firmas com assalariados e 44,8 por cento das autónomas), seguido dos serviços (23 por cento com empregados e 9,2 por cento dos autónomos) e a agricultura (com 3 por cento das empresas com assalariados e 34,5 por cento dos autónomos). A indústria e a construção concentram apenas 9 por cento das intensões - sobretudo no ramo têxtil e da indústria alimentar -, contrastando com o perfil masculino que, sobretudo, se dirige para ramos de actividade desses dois sectores.

Entre a actividade comercial, salientam-se as empresas relacionadas com comércio de alimentação e bebidas, comércio de confecções, têxteis e calçado, bares e confeitarias, drogarias, perfumarias e farmácias e ainda restaurantes. Nos serviços, a sua actividade virou-se principalmente para os cabeleireiros - só por si com 7 por cento do conjunto do total das empresas -, para a assistência social e serviços prestados à colectividade, educação e investigação, serviços de limpeza e ainda serviços recreativos e culturais.

Para além destas das actividades mais tradicionais, novos ramos de serviços têm mobilizado percentagens crescentes do empresariado feminino. Assim, serviços especializados de apoio a empresas, com uma percentagem ainda reduzida do empresariado feminino - 2 por cento -, destacam-se as firmas de contabilidade, assessorias fiscais e auditorias representam já um terço daquela percentagem, sendo dez por cento detidos pelas firmas de assessoria técnica e jurídica, contra 17,5 por cento das actividades imobiliárias.

EMPRESAS

• **A SISTEL** equipou recentemente a fragata «Sacadura Cabral» com um Sistema Integrado de Comunicações. Com este fornecimento — avaliado em uma centena de milhar de contos — culminou um projecto de equipamento da Marinha Portuguesa com novas tecnologias de comunicações, que abrangeu, nomeadamente, a fragata N.R.P. 0«Roberto Ivens» e a corveta N.R.P. «João Coutinho». O Sistema Integrado de Comunicações foi totalmente concebido por aquela empresa nacional integrada no Grupo CENTREL, no sentido de permitir o controlo e a supervisão de todos os equipamentos de comunicações internas e externas a bordo de navios de guerra, centros de comunicações terrestres, grandes instalações defensivas e, de um modo geral, onde, quando e sempre que existam necessidades de garantir a fiabilidade de um grande número de comunicações com elevado tráfego.

• «Projectamos formar sociedade em Portugal para desenvolver a empresa e atingirmos o Mercado Comum Europeu», declarou à Imprensa o director-presidente da **DIMEP, Relógios Industriais**, Dimas de Melo Pimenta. Com uma subsidiária em Portugal e outra nos Estados Unidos, além de 30 filiais no Brasil, a DIMEP é qualificada pela «folha de São Paulo» de «líder nacional da fabricação de relógios industriais» e exporta para 36 países. Capaz de produzir 10 mil relógios industriais por mês, teve, em 87, uma queda de cerca de 30 por cento devido à crise económica brasileira. «Este foi o pior dos 50 anos da empresa», comentou Melo Pimenta, que nasceu no Luso e emigrou para o Brasil, ainda criança, com os pais.

• Uma empresa para a exploração da **zona franca açoriana** será constituída brevemente, sendo a escritura feita ainda este ano, para o que apenas falra receber a procuração de um membro brasileiro. Esta empresa será formada por capitais do Município de Santa Maria, da ERPI, Empresa Pública de Parques Industriais, e três grupos privados, um português, um brasileiro e outro norte-americano.

• **A Caixa Geral de Depósitos** obteve, nos primeiros nove meses do ano, um lucro superior a 18 milhões de contos. Durante o mesmo período, o crédito concedido ultrapassou os 930 milhões de contos. O valor detido em acções, obrigações e quotas passou os 170 milhões de contos e em bilhetes do Teosuro situou-se nos 106 milhões. O montante total dos depósitos ultrapassou os 1.448 milhões de contos, dos quais mais de um milhar referentes a depósito a prazo.

• A sucursal portuguesa do **Citibank** obteve, no primeiro semestre do ano, um lucro próximo dos 345 mil de contos. Durante o mesmo período o montante de crédito concedido foi de 12.7 milhões de contos.

Na véspera de Copenhaga

Delors adverte Estados-membros contra fracasso da cimeira

O presidente da Comissão Europeia admitiu, ontem, a profunda divisão da Comunidade quanto às grandes linhas das reformas propostas, advertindo para o risco de um fracasso da Cimeira de Copenhague numa altura em que a Europa deveria mostrar o seu peso no mundo.

Jacques Delors, presidente da Comissão Europeia, responsável pela proposta de reforma geral da Comunidade Europeia, advertiu contra os riscos de um fracasso da Cimeira dos chefes de Estado e de Governo, marcado já o seu início para amanhã, na capital dinamarquesa.

No encontro com os jornalistas, Delors criticou os países membros por considerar as propostas inaceitáveis sem terem apresentados «contra-propostas coerentes», ameaçando um fracasso que seria uma má notícia para a Europa, tanto para o seu funcionamento de curto prazo, como historicamente, dada a sua importância relativa no contexto mundial.

Profundamente divididos quanto aos grandes temas em discussão e não encontrando uma posição maioritária sobre qualquer das propostas, tal como o reconheceu Jacques Delors, os países membros manifestaram-se já contra diversos aspectos das propostas adiantadas pela comissão.

A Grã-Bretanha não concorda com um proposto aumento das receitas da Comunidade - que totalizaria um acréscimo de 5,8 ao ano até chegar a 1,4 por cento do PNB dos países membros em 1992 -, sem se colocar em ordem as suas despesas agrícolas. Os custos da PAC deverão totalizar, em 1987, 27 mil milhões de ECUs - cerca de 33,5 mil milhões de dólares - uma parcela próxima dos 70 por cento do orçamento global da CEE. Segundo Jacques Delors, aquele valor poderia ter subido para 32 mil milhões de ECUs caso a Comissão não tivesse levado a cabo políticas restritivas dos preços.

Do lado da França e da RFA, os dois países opõem-se às medidas de contrôlo propostas pela Comissão, receando que elas reduzam os rendimentos dos 11 milhões de agricultores da Comunidade.

Além destes, outros governos da Comunidade afirmam-se igualmente divididos quanto ao plano de duplicação do orçamento para os programas sociais e regionais até 1992.

Grupos industriais europeus defendem o ECU

Os maiores nomes da insdustria europeia decidiram associar-se a favor do Ecu, para que a moeda europeia seja utilizada diariamente pelas empresas da CEE nas suas transacções comerciais.

Esses grandes grupos, entre os quais figuram a Philips (Holanda), a FIAT (Itália), a Total CFP e Rhone-Poulenc (França), a Bosch (Alemanha Federal) e a Solvay (Bélgica), criaram uma «associação para a União Monetária da Europa», cuja primeira reunião do Conselho de Administração decorrerá sábado, em Paris.

Cerca de 40 sociedades aderiram, ou estão em fase de aderir, a esta associação, que deverá agir como uma espécie de «lobby» junto dos Governos europeus.

Segundo as fontes citadas, vários outros grupos, como o Crédit Lyonnais ou a UAP (França) e a Telefónica (Espanha), tencionam aderir também à associação.

Um dos objectivos da Associação é incitar as empresas europeias a praticar uma dupla contabilidade em Ecus e nas suas moedas locais e a desenvolver a facturação em Ecus.

Actualmente, o domínio do dólar é tal, que o consórcio europeu Airbus Industrie, por exemplo, factura, em dólares, os seis aparelhos destinados a clientes europeus, mesmo a companhias nacionais como a Sociedade Francesa Air Inter, que não tem praticamente recursos em dólares.

A reunião do próximo sábado, que será presidida por Cornelis Van Der Klugt, patrão da Philips e presidente da Associação, e por François-Xavier Ortoli, presidente da Companhia Total e delegado da Associação para a França, apresentará uma ordem do dia pormenorizada e deverá permitir uma série de propostas.

A Associação pretende, nomeadamente, lançar um vasto estudo de mercado junto de 2.500 empresas europeias, a fim de saber o que elas fazem em Ecus e o que aceitariam fazer no futuro.

Por outro lado, cada um dos grupos da Associação tomará iniciativas próprias para promover o Ecu.

PELO MUNDO

• O gigante electrónico japonês **Toshiba Corp.** registou lucros de 130 milhões de dólares, no primeiro semestre do ano fiscal de 1987 (Abril-Setembro), ou seja, uma subida de 47 por cento em relação ao mesmo período de 1986. Este forte aumento dos lucros resulta, segundo a direcção da Toshiba, de uma subida de 10 por cento do volume de negócios, que totalizou 12.600 milhões de dólares.

• As empresas de electrónica holandesa **Philips** e japonesa **Matsushita** assinaram um acordo prorrogando por mais 10 anos a sua cooperação industrial. As duas companhias estabeleceram em 1952 uma «joint-venture» no Japão, a Matsushita Electronic Corporation (MEC), na qual a firma nipónica participa com 65 por cento e a holandesa com 35 por cento.

• O grupo italiano **Candy** (electrodomésticos) anunciou a aquisição de 44,6 por cento do capital da empresa francesa Rosiéres (cozinhas), criando um «novo gigante da industria europeia». A Candy realiza um volume de negócios de 3.600 milhões de francos franceses e a Rosières de 750 milhões.

• O segundo maior negociante alemão federal de café, **Hanns Neumann GMBH**, vai adquirir o controle, em 31 de Dezembro, do seu principal rival na RFA, Bernhard Rothfos AG anunciaram as duas empresas com sede em Hamburgo. O grupo assim criado será — com um volume de transacções de 8 a 10 milhões de sacos (de 60 quilos) — vai controlar 12 por cento do mercado mundial de café (cerca de 70 milhões de sacos).

• **A Associação das Companhias Aéreas Europeias** (AEA) decidiu aplicar medidas de liberalização no transporte aéreo europeu antes destas serem formalmente decididas pelo Conselho de Ministros da CEE. O presidente da AEA, Heinz Ruhnau, disse à agência alemã-federal DPA que as 21 companhias membros aplicarão o pacote de medidas que o Conselho de Ministros ainda não adoptou dado o diferendo entre a Grã-Bretanha e a Espanha a propósito do aeroporto de Gibraltar.

No terceiro trimestre

"DIFICULDADES ACRESCIDAS" PARA A CONTRATAÇÃO COLECTIVA NO SEE

A contratação colectiva continua a registar «dificuldades acrescidas» no Sector Empresarial do Estado (SEE) em relação ao sector privado, uma vez que no primeiro se verifica «uma maior duração dos processos negociais, maior demora na publicação das convenções e níveis mais baixos de acréscimos salariais», considera a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores de Escritório e Serviços (FETESE).

Durante o terceiro trimestre de 1987, foram publicadas 25 convenções colectivas, incluindo as primeiras duas deste ano relativas ao SEE.

A duração dos processos negociais reduziu-se acentuadamente face ao trimestre homólogo de 1986, sobretudo no sector privado, realça a FETESE. A duração média da negociação cifrou-se nos 83 dias para o sector privado e nos 145 dias para o SEE, numa média geral de 88 dias. No caso do SEE, este número reflete um agravamento em relação à média de 1986, que tinha sido de 126 dias.

No que diz respeito à demora na publicação das convenções, as melhorias registadas são muito ligeiras e observam-se, mais uma vez, discrepâncias entre o SEE, com 63 dias de demora média, e o sector privado, com 29,7 dias, sendo que para o total dos dois sectores a demora média foi de 32 dias.

Quanto aos resultados salariais da negociação colectiva, continua a registar-se a tendência para a diminuição dos acréscimos negociados, «acompanhando a baixa das taxas médias de inflação», diz a FETESE. Por outro lado, o nível dos acréscimos acordados no SEE (11,1%) foi menor que no sector privado (12,2%), tendo o acréscimo médio sido de 12,1%.

No entanto, a FETESE realça também «o facto de as convenções continuarem a traduzir-se em ganhos do poder de compra», quer quando confrontadas com a inflação passada, quer com a esperada. Relativamente aos referenciais de inflação esperada fixados pelo Conselho Permanente de Concertação Social, a contratação colectiva do terceiro trimestre deste ano significa ganhos de poder de compra de 1,9% para os trabalhadores do SEE e de 4,3% para os do sector privado, originando um aumento médio no poder de compra de 4,1% para a generalidade dos assalariados.

Ganhos de poder de compra na negociação colectiva
- variação real dos salários negociados -
(em percentagem)

sectores \ períodos	3º trimestre 87 (1)	3º trimestre 87 (2)	3º trimestre 86	média de 86
privado	+2,1	+4,3	+3,9	+2,8
SEE	+1,1	+1,9	+4,8	+5,6
Total	+2,0	+4,1	+3,9	+3,1

(1) - Relativamente à inflação passada (critério utilizado para os valores de 1986)
(2) - Relativamente aos referenciais de inflação esperada indicados pelo CPCS

Emissão de acções

• **A Têxtil Luís Correia, Tecidos, S.A.**, vai aumentar o capital social de 420.000 para 1.400.000 contos através da emissão de 980.000 acções, das quais 450.000 para subscrição pública. Do total de acções, com o valor nominal de 1.000 escudos cada, 320.000 serão atribuídas aos actuais accionistas na proporção de 16 novas acções por cada 21 detidas, mediante a incorporação das reservas contabilizadas. Os accionistas poderão ainda subscrever 210.000 acções na proporção de 1 acção por cada 2 detidas, a um preço de 2.500 escudos cada. O preço das acções para subscrição pública é de 4.000 escudos cada.

• **A Cabelte, Cabos Eléctricos e Telefónicos, S.A.**, vai aumentar, até ao final do ano, o capital social de 1,2 milhões para 1,380 milhões de contos, através da emissão de 180 mil novas acções reservada a accionistas. O presidente do conselho de Administração da Empresa, Neiva de Oliveira, revelou que o preço proposto pela empresa para as acções é de 2.500 escudos, o que proporcionará à empresa um encaixe de 450 mil contos. Cada accionidtas poderá subscrever 3 novas acções por cada 20 acções detidas.

• **A Sociedade Comercial Orey e Antunes** vai realizar uma emissão reservada aos accionistas de 250 mil acções de valor nominal de mil escudos, a subscrever de 9 a 23 de Dezembro. Esta emissão faz parte de um aumento de capital social da Orey e Antunes de 600 mil para 1 milhão de contos, mediante a emissão de 400 mil accões de valor nominal de 1.000 escudos cada.

Admissão e suspenção de cotações

• **A Ariston** entrou na lista de empresas no mercado oficial da Bolsa de Valores de Lisboa com a admissão de 1,7 milhões de acções de valor nominal de mil escudos, correspondentes ao seu capital social. As acções são representadas por títulos de 1, 5 10, 20, 100 e 1.000 acções e o lote mínimo para a formação de cotação é de 20 unidades. Ao mesmo tempo, a cotação das acções de seis empresas — **Rações Valouro, Torres Novas, Fitor, Banco Português de Investimento, Estoril-Sol e Companhia Portuguesa de Higiene** — foi suspensa até ao dia 4, para permitir o exercício do direito de preferência na subscrição de novas acções, enquanto decorrem aumentos de capital reservados a accionistas.

Obrigações

• **A Proleite, Cooperativa Agrícola de Produtores de Leite do Centro Litoral**, vai emitir 500.000 obrigações de valor nominal de 1.000 escudos cada. As obrigações estão representadas em títulos ao portador de 10, 20, 50, e 100 e em certificados distribuídos por 3, séries.

Acesso ao FSE vai ter "matriz orientadora"

O Governo português vai definir, no primeiro trimestre de 1988, uma «matriz orientada» de acesso aos apoios do Fundo Social Europeu (FSE), por forma a permitir esquemas de avaliação mais concretos dos programas candidatos às ajudas comunitárias. A afirmação foi feita pelo ministro português do Emprego e Assuntos Sociais, Silva Peneda. De acordo com o ministro português, foram «detactados alguns problemas que têm de ser corrigidos» relativamente às candidaturas portuguesas ao FSE. «Só agora foi possível fazer o balanço e, para o ano, os formulários e candidaturas vão ser feitos com base num quadro orientado previamente definido e discutido com os parceiros sociais», sublinhou Silva Peneda.

Programa para jovens

Os ministros do Trabalho e Assuntos Sociais da Comunidade Europeia aprovaram em Bruxelas um programa quinquenal de apoio a formação profissional dos jovens depois da escolaridade obrigatória, no valor global de cerca de 40 milhões de Ecus. O programa, com início em 1988, visa assegurar aos jovens um mínimo de um um ano de formação profissional depois de concluída a escolaridade obrigatória. Para Portugal, o programa reveste-se de particular importância dado o peso da população jovem no país ser muito elevado comparativamente ao resto da Comunidade.

CGTP defende elevação do salário mínimo e revisão dos impostos

A CGTP/Intersindical defendeu, na reunião de ontem do Conselho de Concertação Social, a elevação do salário mínimo nacional para 28.500 escudos a partir de 1 de Janeiro próximo.

A CGTP apresentou a proposta num quadro de medidas destinadas a desonerar a carga fiscal sobre os rendimentos dos trabalhadores por conta de outrém, alargar a fiscalidade directa e indirecta a fontes de rendimento e riqueza actualmente isentas ou omissas e combater a fraude e evasão fiscais.

No que toca ao Imposto Profissional, a CGTP propõe uma tabela que isenta os rendimentos anuais até 435 contos e estabelece taxas de dois por cento para rendimentos até 565 contos a 20 por cento para os superiores a 2.354 contos.

A central defende também a abolição do imposto complementar na Classe A, argumentando que esta, tendo um fraco peso relativo no conjunto das receitas fiscais do Estado, constituiu pesado fardo anual no orçamento dos trabalhadores.

Outra proposta refere-se à conversão dos títulos ao portador em títulos nominativos, com alegação de que tal medida, além de dar maior transparência às operações bolsistas, obstaria a evasão fiscal e faria tributar os rendimentos gerados na Bolsa.

No mesmo âmbito, a CGTP defende a criação de um imposto indirecto sobre o mercado de títulos, com excepção do mercado obrigacionista.

Na proposta de elevação do salário mínimo nacional, aquela central sindical indica que o aumento, «é não só justificável de um ponto de vista social, visando assegurar uma melhor protecção dos trabalhadores mais mal pagos, como é economicamente comportável», pois só representa mais 13 por cento sobre o actual mínimo, que é de 25.200 escudos.

Quanto às actuais isenções do salário mínimo segundo a idade, a CGTP defende a sua revisão no sentido de não serem fixadas deduções superiores a 25 por cento entre os 14 e os 17 anos, sem prejuízo do princípio de salário igual para trabalho igual.

Advoga ainda a revoção das normas que reduzem o salário mínimo para os trabalhadores com capacidade de trabalho reduzido.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

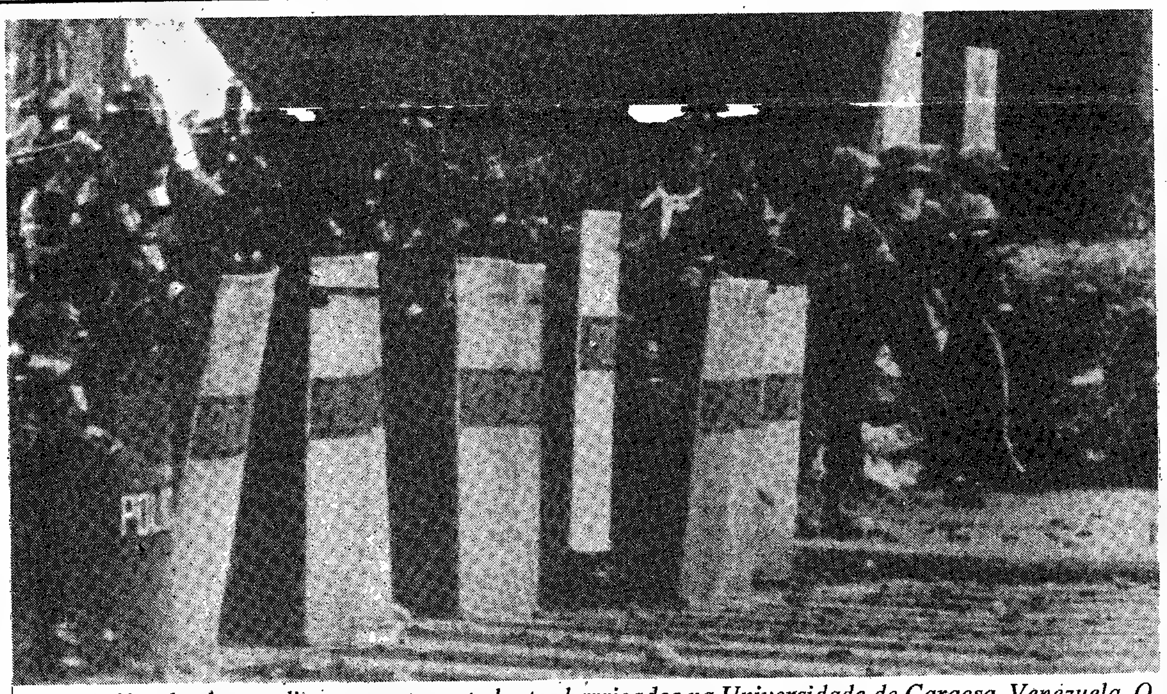
(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$33	56$35
ALEMANHA FED. (marco)	80$30	81$50
ÁUSTRIA (xelim)	11$40	11$60
BÉLGICA (franco)	3$641	3$891
BRASIL (cruzado)	1$311	2$011
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	101$15	103$65
(notas de 5 a 1000)	101$65	104$15
DINAMARCA (coroa)	20$85	21$25
ESPANHA (peseta)	1$159	1$279
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	133$00	136$50
(notas de 5 a 1000)	133$50	137$00
FINLÂNDIA (marka)	32$65	33$25
FRANÇA (franco)	23$65	24$35
HOLANDA (florim)	71$40	72$50
IRLANDA (libra)	214$50	218$50
ITÁLIA (lira)	$099	$114
JAPÃO (iene)	$960	1$015
NORUEGA (coroa)	20$70	21$20
REINO UNIDO (libra)	241$00	246$30
SUÉCIA (coroa)	22$15	22$65
SUÍÇA (franco)	98$15	99$65
VENEZUELA (bolívar)	3$978	4$978

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



Polica de choque dispara contra estudantes barricados na Universidade de Caracsa, Venezuela. O governo ordenou o encerramento das Universidades após motins estudantis na sequência da morte de um estudante provocada por maus tratos infligidos pela polícia

A Câmara Municipal de Los Angeles aprovou um projecto de lei que proíbe o fabrico e venda de brinquedos de guerra de aspecto «realista», devido à utilização de alguns deles em assaltos, anunciaram fontes oficiais norte-americanas. O vereador Nate Holden, que propôs a adopção desta medida, aprovada por unanimidade, poderá influenciar outras cidades norte-americanas. Este projecto prevê penas que vão até seis meses de prisão e uma multa que poderá atingir os 1.000 dólares para qualquer pessoa que venda este tipo de brinquedos para qualquer pessoa que venda este tipo de brinquedos. Um dos grandes promotores desta iniciativa foi o jornalista David Horowitz, ameaçado num programa televisivo «em directo» por um homem armado com uma pistola de brinquedo, que o obrigou a ler um comunicado incoerente e perfeitamente descabido.

Polícias ajudam uma criança vietnamita a entr... Kong, para ser repatriada, juntamente com 500 imigr...

A libertação dos reféns franceses

O ministro francês do Interior, Charles Pasqua, afirmou que o Governo «não pode ser acusado de falta de determinação na luta antiterrorista nem de falta de solidariedade para com os aliados de França». As afirmações de Pasqua foram proferidas na Assembleia Nacional, onde respondeu a perguntas dos deputados sobre a actuação do Governo quanto à libertação dos reféns franceses sequestrados no Líbano. Na semana passada, os reféns franceses Jean Louis Normandin e Roger Auque foram libertados em Beirute, tendo em seguida a França autorizado a partida de Paris do intérprete da Embaixada Iraniana, Vahid Gordji, acusado desde há seis meses de envolvimento em actividades terroristas. O Irão libertou então o cônsul da Embaixada francesa em Teerão, Paul Torri, que era acusado de actividades subversivas. Tanto a Grã-Bretanha como os Estados Unidos criticaram o que qualificaram de cedências da França a terroristas.

Pasqua manifestou-se «admirado» com a a atitude britânica, relembrando que as autoridades francesas confiscaram recentemente 150 toneladas de armas e explosivos que seguiam num barco e se destinavam ao Exército Republicano Irlandês (IRA), grupo de guerrilha que contesta o domínio britânico da Irlanda do Norte. O ministro francês desmentiu informações que acusavam o Governo de estar a vender armas ao Irão em troca da libertação de reféns no Médio Oriente e explicou que houve apenas um «desanuviamento nas relações franco-iranianas» que permitiu a troca de Torri por Gordji.

Negociações com cubanos amotinados

Negociações para pôr fim a 10 dias de motim na Penitenciária Federal de Atlanta, onde mais de mil detidos cubanos mantêm 89 reféns, estão a progredir, mas ainda não há acordo iminente. Um porta-voz do Departamento de Justiça dos EUA, Patrick Korten, disse que não se sabe «ainda quanto vai durar até à resolução do levantamento». «Parece que lá dentro, há um desejo sincero de pôr fim a este incidente, o que é importante para se conseguir chegar a acordo, que todavia ainda não está iminente», salientou. Korten disse que os detidos forneceram recentemente fotografias dos reféns, «e todos parecem de boa saúde». O mesmo porta-voz assinalou a intervenção medianeira do bispo católico Augustin Roman, que se deslocou à prisão de Atlanta e participou no processo de negociações, juntamente com o Procurador de Justiça, Gary Leshaw. Num gesto de alegada boa-vontade, os detidos que protestam contra a sua eventual deportação para Cuba libertaram um refém, mas rejeitaram o acordo que no domingo passado pôs fim a idêntico motim na Prisão de Oakdale, na Lousiana.

Encontro entre Sihanouk e Hun Sen

O príncipe Norodom Sihanouk e o seu rival, o primeiro-ministro do Campuchea, Hun Sen, apoiado por Phnom Pehn, que se encontraram ontem pela primeira vez, em Fere-en-Tardenois, França, concordaram em alargar as conversações pelo menos por mais um dia. O primeiro-ministro pró-vietnamita chegou ao hotel de Fere-en-Tardenois — pequena localidade da região Leste da França — para o seu primeiro encontro com Sihanouk, que governou o Camboja — actualmente designado Campuchea — entre 1940 e 1970, altura em que foi deposto. À saída de uma reunião de seis horas, Hun Sen, de 66 anos, declarou, sorridente: «Obtivemos bons resultados. As conversações irão continuar». O filho de Sihanouk, o príncipe Norodom Ranariddh, afirmou considerar este encontro «muito positivo», acrescentando que ele decorreu de uma forma muito «calorosa e produtiva».

Eliminação dos mísseis de alcance intermédio

MOSCOVO ACUSA WASHINGTON DE [...] A DIFICULTAR CONCLUSÃO DO TRAT[...]

A poucos dias do início, em Washington, da terceira cimeira Reagan-Gorbatchov, continuam a subsistir dificuldades na conclusão do tratado que deverá ser assinado pelos dois líderes e que havia sido dado como pronto quando da deslocação a Genebra, na última semana de Novembro, dos responsáveis pela diplomacia norte-americana e soviética.

Num comunicado ontem divulgado, a delegação soviética nas negociações de Genebra acusou os Estados Unidos de estarem a criar dificuldades na finalização do tratado para a eliminação das forças nucleares intermédias (INF), cuja assinatura constitui o principal acontecimento da cimeira que terça-feira começa em Washington.

Segundo a delegção da URSS, «a inacção dos EUA em determinadas áreas levanta agora dificuldades nas negociações».

O mesmo comunicado desmente afirmações proferidas na terça-feira pelo secretário de Estado norte-americano, George Shultz, segundo as quais Moscovo não teria fornecido informações prometidas sobre os mísseis que serão desmantelados ao abrigo do acordo INF.

«São afirmações sem fundamento», refere o comunicado soviético, que retribui as acusações afirmando que os Estados Unidos não forneceram todos os dados sobre a localização dos mísseis Pershing-2.

Estes dados são indispensáveis para concluir o tratado, refere o documento.

Os ministros da Defesa da NATO saudaram, entretanto, o acordo entre a URSS e os EUA sobre a eliminação dos mísseis de médio e curto alcance e exortaram o Senado norte-americano a ratificá-lo depois de ser assinado na próxima semana.

Num comunicado divulgado ontem, no final de uma reunião de dois dias, os ministros da Aliança Atlântica salientam que vão cooperar de maneira mais estreita a partir do póximo ano na produção de armas convencionais.

A NATO tem alertado para a superioridade neste terreno do Pacto de Varsóvia.

Entrevista censurada

A televisão e os jornais soviéticos censuraram uma parte da entrevista concedida pro Mikhail Gorbatchov à cadeia de televisão norte-americana, NBC, precisamente aquela em que o líder soviético afirmava que discutia todos os assuntos com a sua mulher, Raisa.

O corte, aparentemente o único na entrevista de uma hora transmitida nos EUA na segunda-feira e na URSS um dia depois, atingiu uma pergunta do jornalista da NBC, na qual este insistia se Gorbatchov discutia com Raisa «assuntos soviéticos do mais alto nível».

A resposta de Gorbatchov— «penso que já respondi a esssa pergunta. Discutimos tudo»- não foi reproduzida na televisão nem nos jornais soviéticos.

Raisa acompanhará o seu marido a Washington, onde chega no próximo dia 7.

E... s... c... e... b... E... c... D... 1... q... s... g... c... e...

Conversações Irão-ONU sobre cessar-fogo no golfo Pérsico

O secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, e o vice-ministro iraniano dos Negócios Estrangeiros, Mohamed Larijani, reúnem-se hoje em Nova Iorque para continuarem as conversações sobre o conflito no golfo Pérsico.

O anúncio da continuação dos trabalhos foi feito ontem pelo vice-ministro iraniano após a segunda ronda de conversações que teve com o sceretário-geral da ONU para debater a resolução 598 do Conselho de Segurança das Nações Unidas que apela a um cessar-fogo na guerra que o Irão e o Iraque travam há mais de sete anos.

«Venho com muitas esperanças», foi o único comentário de Larijani à sua chegada à sede da ONU.

Perez de Cuellar avistou-se no início da semana com o ministro iraquiano dos Negócios Estrangeiros, Tariq Aziz, numa tentativa de assegurar a implementação da resolução do Conselho de Segurança aprovada em Julho.

As autoridades de Teerão anunciaram, entretanto, que foi «testado com êxito» um míssil terra-terra concebido pelos investigadores da indústria militar do país, acrescentando que esta arma será em beve posta à disposição das tropas do Irão.

A rádio Teerão informou que o executivo iraniano assistiu ontem ao visionamento de um filme sobre o projecto e os testes efectuados a este novo míssil.

Por seu lado, o Iraque afirmou que a sua Força Aérea atingiu ontem uma grande embarcação ao largo da costa iraniana no golfo, além de ter atacado quatro instalações de produção e armazenamento petrolífero na região iraniana de Iman Hassan.

Um comunicado militar de Teerão reivindicou também um ataque contra astropas de Bagdade, que causou pesadas baixas. Na terça-feira, o primeiro-minsiro iraniano, Hussein Musavi, enviou dezenas de milhar de voluntários para a frente de batalha, descrito como um dos maiores movimentos de tropas iranianas de smepre.

Sequestrado há 92 [...]

Coronel chileno foi libertado [...]

O coronel do Exército chi[...] trado há 92 dias em Santiago [...] do por um comando da Frent[e] Pa[...] (FPMR), próximo das instalaçõ[es] São Paulo», na cidade do mesm[...]

O coronel passou várias horas [...] nal, na companhia de represent[...] país e, segundo fontes oficio[...] Força Aérea chilena que chegara[...] horas.

Fontes diplomáticas consulta[...] conhecer até ao momento as ci[...] ronel entrou em território bras[...] que foi libertado pelos seus seq[...]

Entretanto um tribunal chile[...] desse protecção parcial, durant[...] cerca de 80 actores, ameaçados [...] de direita.

Os actores ameaçados, na pass[...] veram um festival artístico, que [...] público e durante o qual foram [...] contra o regime militar.

ia a entrar num barco, em Hong-
00 imigrantes ilegais

E ESTAR
ATADO

Encontro com congressitas

Congressitas norte-americanos foram convidados a encontrar-se com Gorbatchov na embaixada soviética em Washington.

Um funcionário da Casa Branca anunciou que este encontro decorrerá no dia 9 de Dezembro. Roberty Michel, líder republicano na Câmara dos Representantes, disse que no encontro com o dirigente do kremlin estarão cinco membros desta Câmara e quatro do Senado.

Recorde-se que chegou a estar previsto que Gorbatchov falasse perante o Congresso dos Estado Unidos. A hipótese foi contestada pela ala conservadora dos republicanos, cuja reacção levou a Casa Branca a desistir do projecto.

...á 92 dias

...tado em São Paulo

...hi...o, Carlos Carreno, seques-
...ago do Chile, foi ontem liberta-
...nte Patriótica Manuel Rodrguez
...talações do jornal «O Estado de
... mesmo nome, no Brasil.
... horas na redacção daquele jor-
...resentantes diplomáticos do seu
...ficiosas, viajará num avião da
...hegará a São Paulo nas próximas

...nsultadas pela Efe disseram des-
... as circunstâncias em que o co-
...o brasileiro e as condições em
...s sequestradores.
...chileno ordenou à Polícia que
...durante um mês, a um grupo de
...çados de morte por extremistas

...a passada segunda-feira promo-
...o, que teve grande afluência de
...oram entoadas palavras de ordem

Mortos poderão ser mais de 200

Ameaças e repressão continuam no Haiti

Um líder político do Haiti ameaçou colocar milhões de pessoas «nas ruas» se o Governo provisório não se demitir, e o presidente de uma organização religiosa suíça acusou o exército haitiano de boicotar as eleições. Entretanto o presidente do comité de relações externas da Câmara dos Representantes dos EUA, apelou à demissão dos militares que cotrolam o Governo haitiano, acrescentando que, se isto não acontecer, Washington poderia reconhecer «um Governo que tenha o apoio e a confiança dos haitianos.

Durante uma conferência de Imprensa realizada em Genebra, na sede do Conselho Mundial Eclesiástico Ecuménico, o presidente da Ajuda Protestante Suiça, Rudolf Renfer, declarou que no domingo as forças militares do Haiti tentaram intimidar a população disparando para o ar e criando um clima de instabilidade e violência, de forma a impedir a afluência às urnas.

Segundo Renfer, que esteve no Haiti, na madrugada de sábado para domingo, veículos do exército percorreram as ruas da capital do Haiti e dos outros principais centros urbanos, e os soldados disparavam tiros para o ar, evitando que a população acorresse aos locais de voto para participar nas eleições que garantiriam a transição para um sistema democrático.

De acordo com a mesma fonte, os automóveis dos «tonton-macoutes», grupos paramilitares criados durante a ditadura dos Duvalier e conhecidos pela violência dos seus métodos, saíam armados dos quartéis do exército, «com a intenção de atacar a população».

Em Port-au-Prince, o candidato presidencial Sylvio Claude afirmou entretanto que se o Governo provisório não anunciar a sua demissão até ao fim do dia de hoje, ele apelará à «total desobediência civil», colocando nas ruas «milhões de pessoas».

Além de candidato à Presidência deste país, Claude é igualmente o líder da maior central sindical do Haiti.

Um porta-voz da embaixada dos Estados Unidos na capital haitiana disse que a situação naquele país poderá gerar «mais violência»

Nos recentes acontecimentos, segundo o arcebispo católico Kelvin Felix, da Santa Lucia, o número de mortos poderá ultrapassar os 200, balanço muito superior aos 34 veiculados por alguns órgãos de comunicação social.

A violência gerada no Haiti levou o Conselho Eleitoral a cancelar as eleições.

A Organização dos Estados Americanos (OEA) está entretanto a analisar a situação no Haiti, tendo convocado uma reunião de emergência do seu conselho permanente para aprovar uma resolução.

Porta-vozes da OEA afirmaram aos jornalistas que a direcção daquela organização iniciou uma sessão à porta-fechada para decidirem a marcação da sessão extraordinária.

Os suecos Ket Anderson e Gunnar Sjoeberg chegam ao aeroporto de Joanesburgo após terem sido liberatdos pela UNITA

Com a mediação de João Soares

UNITA libertou dois cooperantes suecos

Os dois cooperantes suecos capturados no Norte de Angola há mais de dois meses pela Unita foram libertados na terça-feira, anunciou a agência noticiosa do movimento rebelde.

Kent Andersson, de 28 anos, e Gunnar Sjoberg, de 29, foram entregues a diplomatas suecos, afirmou a agência, Kwacha United Press (KUP), sem indicar onde se efectuou a entrega.

Os dois cooperantes, empregados da agência sueca de desenvolvimento internacional, trabalhavam em projectos de construção em Angola, quando foram capturados pela Unita.

Outro colega, Goran Larsson, de 33 anos, aprisionado na mesma ocasião, morreu um dia depois, de ferimentos sofridos durante o ataque rebelde.

Nas negociações entre Estocolmo e o presidente da Unita, Jonas Savimbi, com vista à libertação dos reféns, serviu de intermediário o deputado socialista João Soares, filho do Presidente da República portuguesa, a pedido das autoridades suecas.

No sábado, um porta-voz da Unita disse à Lusa que João Soares, que mantém relações pessoais com Savimbi, viajara para a Jamba juntamente com uma delegação sueca integrando a embaixadora para as organizações não estatais, Anne-Marie Sundbom.

A KUP cita um comunicado de Jonas Savimbi, em que o presidente da Unita afirma que a libertação dos suecos comprova a política humanitária do seu movimento.

«Ambiguidade» dos Estados Unidos

A Angop acusa os Estados Unidos de ter observado «uma notável ambiguidade» face à recente agressão sul-africana contra Angola.

«A sua única reacção oficial «foi a acentuação daquilo a que decidiu chamar 'incremento nos últimos tempos' da ajuda concedida pela União Soviética e por Cuba em reforço da capacidade combativa das Fapla».

O editorial da agência noticiosa angolana, que sublinha o facto de os EUA pretenderem ser «um árbitro honesto», pergunta: «Até quando permanecerá tal árbitro na ambígua posição de fechar sempre os olhos pudicamente perante o agressor e de os esbugalhar olhando para a vítima?».

24 HORAS

Contraproposta dos "Contras"

O Presidente nicaraguense, Daniel Ortega, disse que apesar da contra-proposta da resistência nicaraguense «matar as possibilidades da concertação do cessar-fogo», o seu Governo tudo «fará para o tornar uma realidade». A poucas horas da preparação do 1º encontro oficial na República Dominicana com os líderes e o cardeal Miguel Obando y Bravo, mediador entre as partes em conflito, Ortega deu a primeira reacção governamental à proposta dos «contras».

Seul avisa Coreia do Norte

A Coreia do Sul disse que deixará de encarar a hipótese de dividir os Jogos Olímpicos de 1988 com a Coreia do Norte se se verificar que esta foi responsável pela destruição de um avião sul-coreano. «Se se provar que o Norte organizou um ataque terrorista contra o avião, é totalmente inconcebível continuarmos a conversar sobre os Jogos Olímpicos» - disse um porta-voz do Comité Olímpico, Park Dong-Hee. Entretanto as buscas para encontrar o avião entraram no quarto dia, enquanto aumentam as dúvidas de que se tenha despenhado numa região montanhosa junto da fronteira entre a Tailândia e a Birmânia.

Missão da ONU no Sara Ocidental

Uma missão técnica da ONU sobre o Sara Ocidental chega hoje a Tinduf, quartel-general da Frente Polisário, depois de ter concluído as suas primeiras investigações na parte controlada por Marrocos e no Sul do antigo território espanhol. A comissão percorre a região com o objectivo de reunir informações sobre as possibilidades de convocar um referendo sobre a autodeterminação do povo saraui.

Choque de comboios: 92 mortos

Um total de 92 pessoas morreram num acidente ferroviário na República da Geórgia, Cáucaso, anuncia o jornal «Izvestia». O vespertino, citado pela Tass, diz que um comboio de mercadorias que circulava a 60 quilómetros à hora chocou contra um comboio de passageiros, parado na plataforma da estação de Riisbolo. As vítimas, na sua maioria, são militares.

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA — *AVISO*

CONCURSO PÚBLICO PARA VENDA DO LOTE N.º 7 DO LOTEAMENTO URBANO DO BOREL II

Em reunião de 15 de Setembro último, a Câmara Municipal da Amadora deliberou vender mediante concurso público, livre e desembaraçado de quaisquer ónus ou encargos, o lote de terreno em epígrafe, que apresenta as seguintes características:

— Área – 177 m²;
— Área de construção prevista – 1610 m²;
— Número de fracções autónomas 13.

Os eventuais interessados a apresentar propostas de compra do identificado lote devem fazê-lo na Secção Central do Departamento de Administração Geral e Finanças da Câmara Municipal da Amadora, até às 17 horas do próximo dia 21 de Dezembro.

Para mais informação consultar Edital da Câmara Municipal da Amadora.

Amadora, 27 de Novembro de 1987

O Presidente da Câmara Municipal da Amadora

GIRP — GABINETE DE IMPRENSA E RELAÇÕES PÚBLICAS ☎ 4942930 Ext. 321/323/372 TELEX 40104 CMAMAD P

A Grundig Portuguesa aumentou capital social

A **Grundig Portuguesa** aumentou, a 26 de Novembro passado, o seu capital social de 300 000 para 500 000 contos. Proporcionado pela empresa-mãe (a **Grundig A.G.**), este aumento de capital social vem demonstrar uma inequívoca confiança nas potencialidades do mercado nacional.

É este mais um investimento directo da **Grundig A.G. na sua actividade comercial em Portugal, o que nos dois últimos anos ronda os 450 000 contos. Demonstra também assim a confiança completa na competitividade da Grundig Portuguesa, Lda.**, bem como no sucesso dos novos produtos e tecnologias que, constantemente, está a lançar no nosso país.

Avis lança campanha especial de Inverno

A **Avis Rent a Car** acaba de lançar as suas habituais campanhas especiais de Inverno, desta vez acrescentando aos anteriores **programas de fim-de-semana** (sexta a segunda-feira com 300km incluídos, a partir de 1990$00), **Semana Comercial** (segunda a sexta-feira também com 300km, a partir de 4500$00), o **programa Dia Comercial** que inclui 100km, a partir de 1590$00.

Para além da surpresa de não existirem alterações nos preços do ano anterior, o **modelo incluído nos preços acima referidos passa a ser o Mini Metro**, existindo também outras opções, que vão desde o **Opel Corsa** ou **Ford Fiesta** ao **Ford Escort** ou **Opel Kadett**.

Falecimento do fundador do Grupo Samsung

Realizaram-se na passada semana em Seul as cerimónias fúnebres de **Byung Chull Lee**, presidente e fundador do **Grupo Samsung**, e da **Samsung Electrónica Portuguesa.** Este grupo, constituído por 37 empresas dos mais variados ramos entre os quais se distinguem a electrónica, têxteis e construção naval, foi dirigido até à sua morte por **Chull Lee**, através de tempos difíceis como a guerra da Coreia e as várias convulsões políticas ocorridas no País.

Em 1982, **Chull Lee** decidiu alargar os horizontes do **Grupo Samsung** e escolheu Portugal para a primeira experiência industrial fora das fronteiras coreanas, experiência essa tão bem sucedida que hoje o Grupo conta com unidades industriais nos Estados Unidos e em Inglaterra. O **Grupo Samsung** é presentemente cotado como um dos maiores conglomerados do mundo, classificado em 1986 como a 35.ª empresa mundial, e 21.ª se excluirmos as empresas norte-americanas.

Emprega 147 150 pessoas e tem um volume de vendas de 16 522 664 mil dólares, cujos resultados líquidos foram 182 175 mil dólares, um activo total de 10 900 652 mil dólares e uma situação líquida de 1 273 522 mil dólares.

Chull Lee, que tinha grande admiração pelas artes, passava ultimamente parte dos seus tempos na sua propriedade de Yongin, a 30 km de Seul, onde se encontra o Museu Ho-Am, mandado por si construir para a sua vasta colecção de obras coreanas de arte antiga, que adquiriu ao longo da sua vida.

Entretanto, foi já anunciado que **KH Lee,** substituirá o falecido industrial na direcção do **Grupo Samsung.**

Chefes Vendas TAP

A partir de 15 de Novembro foi nomeado para **Chefe de Vendas** da TAP para a **Delegação de Itália** o **sr. Fernando de Carvalho, admitido na TAP Air Portugal, em 1968, como Promotor de Vendas em Moçambique. Foi, sucessivamente, delegado em Moçambique e Guiné-Bissau e chefe de vendas no Brasil. Actualmente desempenhava funções no Gabinete de Apoio às Vendas da Direcção-Geral Comercial. Por outro lado e a partir de ontem foi nomeado para Chefe de Vendas para a Delegação de França o sr. Ricardo Lo Presti,** admitido na **TAP Air Portugal em 1976, como Representante Regional do Norte, de Itália, desempenhando aquelas funções em Milão até à data da sua nomeação.**

BPA e BSP

O Banco Português do Atlântico (BPA) vai funcionar como «clearence bank» do **Bank Settlement Plan (BSP) das companhias aéreas nos termos de um contrato assinado na semana passada. Formado por 24 transportadores aéreas, entre as quais a TAP, o BSP** é uma espécie de câmara de compensação onde se centralizam as regularizações dos débitos e créditos entre as agências de viagens e as transportadoras aéreas.

O esquema deverá entrar em funcionamento pleno no próximo dia 1 de Janeiro, estando a decorrer, desde 1 de Outubro, uma experiência-piloto envolvendo 51 agências de viagens do Norte do País, experiência esta que **Carlos Ribeiro,** director de receitas de tráfego da **TAP,** que preside ao **BSP,** considerou como «muito positiva».

A direcção do BSP, a que **preside a Transportadora Aérea Nacional,** é integrada pelas companhias **Alitalia, British Airways, Canadian International, Ibéria, Lufthansa, El Al, Varig, SAS e Swissair.** Como membros suplentes foram eleitas a **Air France e a TWA.**

A Assembleia Geral é também presidida pela TAP tal como o conselho fiscal, de que fazem parte a **Canadian e a KLM, e a Alitália,** como suplente.

Além destas transportadoras aéreas integram ainda o **BSP a Air India, Taag, Viasa, Austrian Airlines, Finnair, Danair, Sabena, Japan Air Lines South Africa Airways, CSA (Checoslováquia) e Royal Air Maroc.**

Imoleasing

No passado dia 23 de Novembro a **Imoleasing, Sociedade de Locação Imobiliária, SA.** inaugurou as suas novas instalações no **Edifício Aviz,** na Avenida da Boavista, no Porto.

Muitos foram os convidados que, pelas 17.00 horas, visitaram as novas instalações (salas 5 e 6 do Edifício Aviz) a que se seguiu um «cocktail» no Hotel Meridien.

Central de Cervejas proporciona visitas à sua fábrica de Belas

A **Central de Cervejas** convidou representantes de órgãos da Comunicação Social para, em 10 de Novembro passado, visitar as suas instalações de Belas (Fábrica n.º 3), almoçar e assistir à cerimónia com que esta cervejeira distinguiu com emblemas de ouro, representando o seu símbolo, 40 elementos do quadro da empresa que completaram 25 anos de serviço.

A receber os convidados, o eng. **Alegre da Silva,** director daquela unidade de produção, o **dr. Macedo dos Santos,** director do Departamento de Refrigerantes e Águas, **Luís Melo Corrêa,** chefe do Departamento de Relações Exteriores da Empresa e vários engenheiros encarregados de diversos sectores fabris. O **dr. Eusébio Marques de Carvalho, presidente do Conselho de Gerência desta empresa pública chegaria no fim do almoço, tendo trocado impressões com os presentes.**

A Fábrica de Cervejas de Belas foi inaugurada em 1972, como centro de produção da então **CERGAL — Cervejas de Portugal.** Da fusão desta empresa com a **Sociedade Central de Cervejas, em 1977, resultou a sua óbvia integração na Central de Cervejas,** da qual é, actualmente, a Fábrica n.º 3. Com uma capacidade de produção de 40 milhões de litros de cerveja e de 35 milhões de litros de refrigerantes, emprega 360 pessoas e **nela se fabricam as cervejas Carlsberg, Bohemia e cervejas sem álcool,** bem como todas as marcas de refrigerantes comercializados pela **Central de Cervejas,** destacando-se, dentro de pouco tempo, a **Coca-Cola cuja produção, enchimento, comercialização e distribuição passaram para a Central de Cervejas.**

À semelhança do que é prática corrente nas **Fábricas n.º 1 (Vialonga) e n.º 2 (Coimbra)** desde há muitos anos, a **Central de Cervejas** passa — a partir de agora — a proporcionar também visitas a todas as pessoas e entidades interessadas em conhecer as instalações da **Fábrica n.º 3 (Belas), as quais são organizadas pelo Departamento de Relações Públicas da empresa.** Nesta visita — para além da produção e enchimento de cervejas e refrigerantes — é patenteada a **preocupação da empresa pela defesa do ambiente,** nomeadamente pela **existência de um sistema de tratamento de águas residuais,** o que se sublinha por estarmos no Ano do Ambiente.

Sociedade Figueira-Praia aumenta capital por subscrição pública

A **Sociedade Figueira-Praia** que explora a **zona de jogo da Figueira da Foz** até ao ano de 2005, e a única concessionária cujas instalações não reverterão para o Estado finda a concessão, **vai aumentar o seu capital social** de 900 000 para 1 200 000 contos, com a emissão de 30 000 mil acções de valor nominal de 1000$00, que serão postas à venda por 3500$00 cada em subscrição pública a decorrer de 9 a 11 de Dezembro.

A **Sociedade Figueira-Praia** que possui um vasto património cujo valor ultrapassa os três milhões de contos pretende, com este reforço de capital, não só completar desafogadamente os investimentos derivados das obrigações da concessão e outros, mas também melhorar de forma substancial toda a política de exploração, participando em acções que visam consolidar a **Figueira da Foz e a sua Costa de Prata** como invejável pólo de atracção turística e de realizações nacionais e até internacionais.

Na verdade, o **Casino da Figueira** tem sido palco de acontecimentos marcantes na vida nacional e de organizações consagradas como o **Festival de Cinema da Figueira da Foz e a Gala de Pequenos Cantores,** vai ter nos seus salões, no 1.º trimestre de 1988, a realização do **Prémio Nacional da Música,** a transmitir directamente pela RTP, e do qual se pensa irá sair o representante de Portugal para o Festival da Eurovisão, numa iniciativa conjunta da **Câmara Municipal, Região de Turismo do Centro e Sociedade Figueira-Praia,** tendo como director o **maestro José Calvário.**

No tocante a investimentos, vai a **Sociedade Figueira-Praia** proceder ao aumento da sua capacidade hoteleira (hoje com cerca de 1000 camas) à construção de aparcamentos para 200 carros junto ao casino, de 2 estúdios de cinema, sala de congressos e urbanização, de nível, na mata Sotto Mayor, com capacidade para 645 fogos e apoiada num conjunto turístico desportivo com piscina de água quente e fria, squash, campos de ténis, centro de saúde, comércio e restaurantes.

O Casino da Figueira é hoje um dos lugares preferidos pelas empresas e organismos para a realização dos seus congressos, podendo dizer-se que nele se verificam acontecimentos todos os fins-de-semana.

O resultado do exercício apurado até 30/9/87 traduz um aumento de cerca de 160%, relativamente ao valor conseguido em igual período do ano transacto.

Câmara Municipal de Oeiras

INQUÉRITO à POPULAÇÃO

OEIRAS meses Dez.-Jan.-Fev/88

A Câmara Municipal de Oeiras em conjunto com a empresa Pluriteste está a realizar um inquérito à população para saber:

- A qualidade de vida dos residentes no concelho;
- A opinião dos munícipes sobre o funcionamento e qualidade dos serviços prestados pela Câmara;
- A opinião dos munícipes quanto às prioridades da actuação da Câmara.

COLABORE

Os entrevistadores apresentar-se-ão devidamente credenciados.

SOCIEDADE COOPERATIVA DOS CATRAEIROS DO PORTO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do n.º 1 do artigo 34.º dos nossos estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária desta sociedade cooperativa, para as 17.30 horas do dia 22 de Dezembro de 1987, na sede social Avenida 24 de Julho, 96 — 1.º, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

§ — Apreciação, votação do orçamento e plano de actividade para o exercício de 1987.

§ — Esclarecimentos internos a serem dados à Assembleia pela Direcção da Cooperativa.

Se à hora indicada não houver quorum, será a mesma indicada uma hora depois com qualquer número de associados.

Lisboa, 2 de Dezembro de 1987

Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Gualter Correia Neves

10.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA ANÚNCIO

3.ª Secção
Proc.º n.º 5183
10.º Juízo Cível

Por este Tribunal correm éditos, citando a Ré para comparecer pessoalmente neste Tribunal no próximo dia 10 de Dezembro de 1987, pelas 10 horas, ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, a fim de se proceder à tentativa de conciliação na presente acção de despejo, que lhe é movida pelos fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra à disposição da Ré na Secretaria deste Tribunal. Fica ainda por este meio citada a Ré, de que não comparecendo à tentativa de conciliação no dia acima mencionado ou não comparecendo o Autor, razão pela qual a diligência não é adiada, ou ainda caso não seja obtido o acordo, deverá no prazo de DEZ dias a contar daquela data, contestar querendo, a presente acção, sob pena de condenação no pedido.

Acção Especial de despejo n.º 5183 – 3.ª secção.

Autor: José Dias de Carvalho.

Réu: LOURDES MARIA DA GRAÇA FERRÃO com última residência conhecida na Rua Academia das Ciências, 9 - r/c Esq. em Lisboa, e sustenta em parte incerta nos Estados Unidos da América.

Lisboa, 4 de Novembro de 1987

O Juiz de Direito
(Assinatura ilegível)
O Adjunto
(Assinatura ilegível)

«DL» 3/12/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.º JUÍZO

AÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de 30 dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio citando os réus para no prazo de 20 dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de a acção ser julgada procedente, declarando-se que Ana Cristina de Andrade Sampaio não é filha de António Cabral Sampaio.

Acção Ordinária de Impugnação de perfilhação P.º 3584 1.ª Secção Autor Digno Magistrado do M.º P.º Réu António Cabral Sampaio, solteiro e residente na R. do Terreirinho n.º 55-2.º em Lisboa e Ana Cristina de Andrade Sampaio representada por sua mãe M.ª Cecília de Andrade, solteira e residente na R. das Gáveas 42 em Lisboa.

Lisboa, 16 de Novembro de 1987

O Juiz de Direito,

José Nuno de Almeida Valadas

Pel'O Escrivão de Direito,

Maria Helena dos Santos Gonçalves

«DL» 3/12/87 — 2.ª Pub.

8.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

P.º 741

O Doutor Luís Filipe Castelo Branco do Espírito Santo, Juiz de Direito do 8.º Juízo Cível de Lisboa — 2.ª Secção.

FAZ SABER que no dia 19 de Janeiro de 1988, pelas 9.30 horas, no Tribunal desta comarca, 8.º Juízo Cível, 2.ª Secção, na Execução Sumária que a União Fabril Farmacêutica, SARL move contra o executado JOÃO MANUEL TAVARES DA SILVA, residente na Av. Gomes Pereira, n.º 92, 3.º dt.º, em Lisboa, hão-de ser postos em Praça para se arrematarem ao maior lanço oferecido os seguintes bens: — Um televisor a côres da marca «Sanyo», ecrã 56, em bom estado de conservação e funcionamento; — Um vídeo, marca «Sharppa», em bom estado de conservação e funcionamento; bens estes apreendidos aos executados.

Lisboa, 19 de Novembro de 1987

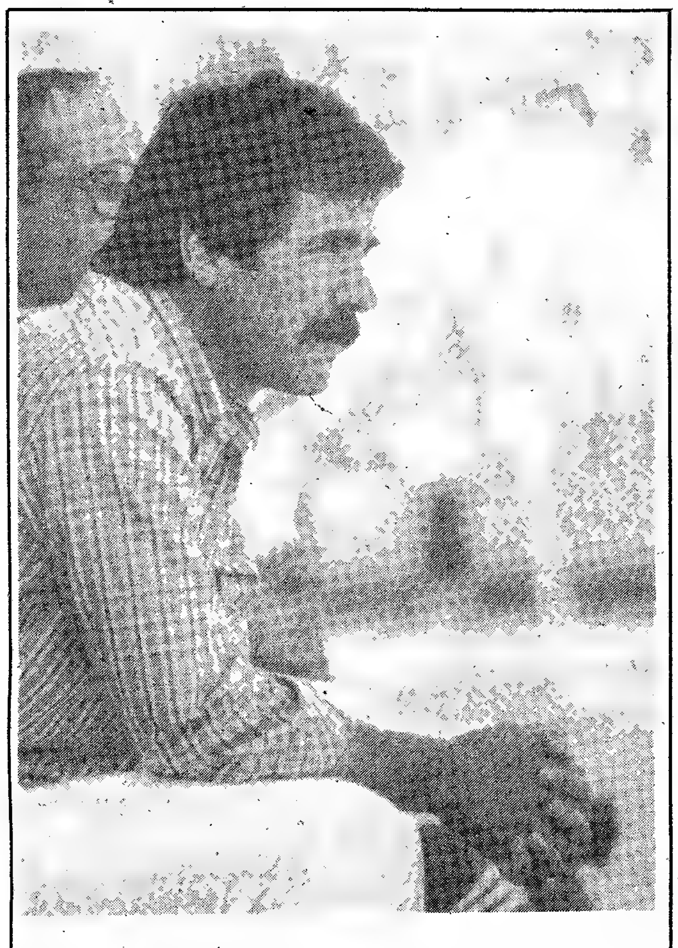
O Juiz de Direito,

Luís Espírito Santo

A Escriturária,

Assinatura ilegível

«DL» 3/12/87 — 2.ª Pub.



Para suceder a Skovdahl

Toni aceitou o desafio

Tal como era aguardado, Toni aceitou o convite formulado pelos dirigentes do Benfica, para, a partir de hoje, desempenhar as funções de treinador principal em substituição do dinamarquês Ebbe Skovdahl que, no passado sábado, fora afastado em consequência do empate verificado, momentos antes, perante o Farense. Depois de vários anos como «assessor» de Eriksson, Barotti, Csernai, Mortimore e Skovdahl, chegou a hora do «salto» e, quando forem 15,30 horas deste dia 3 de Dezembro, António da Conceição Oliveira deixa de ser um treinador «preservado» para ficar sujeito às contestações. Oxalá escute mais aplausos do que assobiadelas. Para a história, aqui fica o teor do comunicado emitido pela direcção do SLB:

«1 — Em reunião realizada depois do jogo com o Farense, a direcção do SL Benfica decidiu, por unanimidade, rescindir o contrato com o senhor Ebbe Skovdahl.

2 — Hoje, dia 2, pelas 18 e 30, em reunião de direcção convocada para o efeito, foi deliberado, por unanimidade, convidar o sr. António da Conceição Oliveira, «Toni», para assumir o cargo de técnico principal das suas equipas de futebol, com plenos poderes.

3 — A fim de lhe ser comunicado o expresso em 2, foi-lhe solicitada a sua presença.

4 — O sr. António da Conceição Oliveira aceitou o convite formulado.

Itália,6 - Portugal,0

DESILUSÃO DAS NOSSAS "ESPERANÇAS"

Portugal despediu-se pela porta do fundo do europeu de «esperanças» em futebol ao ser goleado pela Itália por 6-0 no derradeiro encontro do grupo dois da fase de apuramento, disputado em Piacenza, Itália.

Ao intervalo a Itália deixava ainda uma réstea de esperança aos portugueses quando vencia apenas por 1-0, com um tento apontado de cabeça por Benedetti aos três minutos na sequência de um pontapé de canto.

A derrota em Itália, a quarta das «esperanças» portuguesas nesta fase de apuramento que os relegou para o último lugar do grupo dois, marcou também de mau grado a despedida do treinador António Oliveira à frente da equipa nacional e dos quadros técnicos da Federação Portuguesa de Futebol.

E, perante mais este descalabro do luso futebol a nível de selecções melhor será não adiantar qualquer comentário, ficando todos nós à espera que o treinador-responsável da nossa equipa, António Oliveira, nos diga o que realmente se passou já que ele promete «**ir averiguar e tentar saber, porque jogou tão mal a selecção**». Pois que faça as suas investigações e não se esqueça de nos transmitir as conclusões.

Uma coisa é certa: Portugal ficou em último lugar num grupo formado pela Itália, Suécia e a Suíça com apenas dois triunfos em 6 encontros com 8 golos marcados e 15 sofridos. Realmente dá que pensar aos responsáveis de mais este naufrágio da nau lusitana.

Para a (triste história) aqui se recorda a ficha do jogo

Sob a direcção de Deda, Turquia, alinharam:

Itália: Gatta, (Gregori aos 66m); Brambati, Maldini, Zanocelli e Benedetti: Pellegrini, Berti, Crippa e Rizzitelli; Notaristefano e Scarafoni.

Portugal: Silvino; José Carlos, Soeiro, Barny e Quim (Aparício aos 20m); Basílio, Júlio Sérgio, Monteiro e Miranda; Pacheco (Luís Manuel aos 57m) e Mito.

A ordem do marcador: 1-0, Benedetti aos 3 minutos; 2-0, Maldini, (50); 3-0, Rizzitelli (54); 4-0, 5-0 e 6-0, Berti aos (84, 86 e 89).

	J	V	E	D	G	P
Itália	6	3	3	0	14- 4	9
Suécia	6	1	4	1	6- 6	6
Suíça	6	1	3	2	4- 7	5
Portugal	6	2	0	4	8-15	4

Holanda-RFA questão adiada

A Bulgária venceu em Sófia a Alemanha Federal por 2-1 na penúltima partida do Grupo Oito de qualificação para o Europeu de futebol, na categoria de Esperanças.

A vitória sobre a RFA permitiu aos búlgaros igualar no topo da tabela os holandeses, com quem discutirão o apuramento para a fase final da prova, em jogo a realizar no dia 15, na Holanda.

Jogos das selecções AA

Em jogos para «cumprir calendário» defrontaram-se ontem a Hungria e o Chile que os húngaros venceram por 1-0 e Luxemburgo-Escócia que terminou com o «nulo» a zero. Após estes encontros vejamos a posição nos respectivos grupos:

Grupo 5

	J	V	E	D	G	P
Holanda	6	4	2	0	8- 1	10
Grécia	7	4	1	2	12-10	9
Hungria	8	4	0	4	13-11	8
Polónia	8	3	2	3	9-11	8
Chipre	7	0	1	6	3-12	1

Próximos jogos: Holanda-Chipre (jogo de repetição) 9/12 e Grécia-Holanda (12/12).

Grupo 7

	J	V	E	D	G	P
R. Irlanda	8	4	3	1	10- 5	11
Bulgária	8	4	2	2	12- 6	10
Bélgica	8	3	3	2	16- 8	9
Escócia	8	3	3	2	7- 5	9
Luxemburgo .	8	0	1	7	2-23	1

Olímpicos

A contar para o grupo E do Europeu de qualificação para os JO de Seul, a Jugoslávia recebeu e venceu a Bélgica por 4-0. Eis a classificação actual e os jogos que restam:

	J	V	E	D	G	P
Jugoslávia	6	4	1	1	14- 4	9
Bélgica	8	4	1	3	10-11	9
Checoslov. ...	6	4	0	2	7- 4	8
Áustria	6	2	0	4	7- 8	4
Finlândia	6	1	0	5	2-13	2

Jogos por disputar: 12 Abril 88: Checoslováquia-Áustria; 27 Abril 88: Jugoslávia-Checoslováquia; 18 Maio 88: Finlândia-Jugoslávia e 31 Maio 88: Áustria-Finlândia.

Jordão: Burocraticamente «apto»

A documentação de Rui Jordão, como jogador do Vitória de Setúbal, foi entregue na Federação Portuguesa de Futebol, pelo que sob o ponto de vista burocrático, está em condições de alinhar no dia 13 contra o Elvas.

A imprensa italiana a propósito do jogo de sábado

"Uma farsa à portuguesa"

A ausência dos jogadores do FC Porto da selecção portuguesa que jogará com a Itália no sábado, em Milão, suscitou viva «indignação» na Imprensa italiana.

O «Corriere Della Sera» dá a notícia sob o título **Farsa Portuguesa em San Siro**, lamentando que a partida tenha perdido valor técnico. «Até ontem podia-se considerar uma partida inútil, agora é muito pior: uma farsa», comenta o jornal, alegando ser fácil imaginar o tipo de resistência que uma selecção cheia de estreantes poderá opor à Itália».

Apesar da sua falta de interesse competitivo, os italianos davam muita importância ao jogo com Portugal, um adversário capaz de pôr a jovem selecção de Azeglio Vicini a dura prova.

Ao ser conhecida a notícia de que os futebolistas do clube campeão europeu de futebol não jogarão sábado, o técnico Vicini tentou «pôr água na fervura». «Para nós é pior, porque os substitutos vão querer demonstrar estarem à altura dos titulares», disse, mas nem assim a ira dos jornais diminuiu.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º49/87 DE 6 DE DEZEMBRO DE 1987

Voz de Lamego: 11X X11 X11 12X1; Gazeta das Caldas: 111 111 X1X 111X; Penalti: 111 111 X1X 1111; Correio de Coimbra: 111 X11 212 1111; O Mensageiro: 111 X11 XX1 1211; Quatro Linhas/Rádio Altitude: 11X X11 111 X11X; Rádio Totobola: 111 X11 XXX 2XXX; A Ordem: X12 X11 21X 122X; Notícais de Gouveia: 11X 2X1 21X 12X1; Litoral: 112 111 11X 1X11; Notícias de Guimarães: 111 211 X11 XX11; Rádio Sports: 111 211 211 1111; Voz do Ave:; Desporto Regional/RR: 111 1X1 21X 1212; Panorama Desportivo/RDP Rádio Guarda: X12 X11 XX1 X12X; Diário de Lisboa: 1XX 22X 211 11XX; Clube da Manhã/RDP Comercial: 1X1 112 X11 121X; Manhã Manhã/RDP Comercial: 11X X11 XX1 X2XX; Secção Desportiva/RDP Comercial: 111 X11 2X1 121X; Tempo de Desporto/RDP Comercial: 111 111 X2X 2212; Defesa de Espinho: 11X X11 X11 11X1; Jornal de Amarante: 111 111 XX1 1211; Folha do Domingo: 11X 111 X1X XX22; Jornal da Beira: 111 X11 XX1 X21X; A Voz do Domingo: 111 111 211 211X; Eu Sei Tudo: 111 111 XX1 221X; Correio do Vouga: 111 X11 211 1111; Rádio Guarda: XX1 121 2X1 112X; Ponto de Mira/RDP Centro: X1X 211 21X 1XX1; Grande Sábado/RDP Centro: X1X 2X1 2XX 12X1; Fora de Jogo/RDP Centro: X11 111 X11 1XX1; Bola ao Centro/RDP Centro: X11 2X1 X1X 1XX1; Fotogramas/RDP Centro: X1X 111 X1X 1XX1; Sintonia Desportiva/RDP Centro: X11 1X1 XXXXXXX 1XX1; Canal Mais-/RDP Centro: X1X 1X1 XX1 1XX1; Boomerangue/RDP Centro: X11 2X1 2XX 12X1; Programa da Manhã/RDP Centro: X11 111 21X 1XX1; Livre e Directo/RDP Antena Um: 111 X1X X11 221X; Jornal de Felgueiras: 111 X11 111 X1X1; Tarde Desportiva/RDP Antena Um: 112 11 122 2212; No Estúdio e no Estádio/RDP Antena Um: 11X X11 X2X 2X1X; Disco e Daquilo/Rádio Altitude: X12 X11 21X 11X1; Pista de Dança/Rádio Altitude: 111 111 2X1 XX1X; Sons da Madrugada-/Rádio Altitude: 111 1X1 X11 1X11; Maria da Fonte: 11X X11 111 1111; Linhas de Elvas: 111 111 X1X 2111; Jornal da Lixa: X1X 111 XX1 2X1X; Notícias de Felgueiras: 11X X11 X11 XXX1; Gente Gira/Antena Um: 112 211 X11 1XX1; A Defesa: X1X 1X1 21X 1X1X; Bola Branca/RR: 11X 1X1 X11 22X2; Frente Desportiva/RR: 111 X11 2X1 X2X2; Desporto/RR: 11X 111 X1X XXXX; Jornal de Gaia: 11X X11 X11 12X1; Jornal da Graça: 1X2 11X 1X1 XX11; Jornal de Notícias: 11X X11 X11 12X2; O Primeiro de Janeiro: 112 1XX 121 2X2X; Alvo Desportivo: 1X 111 111 1X1X; Rádio Alvo: X11 X11 XXX 1112; Alvo: 111 X11 1XX 221X; Alvo Suplemento: 111 X11 1XX 221X; A Voz dos Ridículos: 111 111 121 221X; Comércio de Leixões: 111 X1X 21X 1X1X; De Tudo Um Pouco: 11X X11 X1X 11X1.

assim vai o

totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Farense-Académica	48	16	0	9	3	1
2. P. Ferreira-Lourosa	60	4	0	11	1	1
3. Aves-Famalicão	33	23	8	6	4	2
4. Trofense-Gil Vicente	27	27	10	5	5	2
5. Felgueiras-Tirsense	51	11	2	9	2	1
6. Bragança-Freamunde	58	5	1	10	1	1
7. Fafe-Leixões	12	33	19	2	6	4
8. Feirense-Torreense	39	20	5	7	4	1
9. O. Bairro-Caldas	36	26	2	7	4	1
10. U. Santarém-E. Portalegre	38	12	14	7	2	3
11. E. Lagos-Nacional	18	23	23	4	4	4
12. C. Caparica-Oriental	34	25	5	6	5	1
13. Sacavenense-Louletano	31	25	8	6	4	2

*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:

111 1 ou X11 X11 1X ou 211

PONTA ESQUERDA

Hoje: questão do policiamento em reunião ministerial

Para resolução da questão do pagamento do policiamento nos recintos desportivos, vai realizar-se, esta tarde (16 horas), uma reunião entre os ministros da Educação e da Administração Interna com os representantes da Federação Portuguesa de Futebol, Direcção-Geral dos Desportos, Associação Nacional de Clubes e Confederação de Futebol.

Estatuto de "utilidade pública" para o Almada Atlético Clube

A Câmara Municipal de Almada concedeu declaração ao Almada Atlético Clube de Associação de Utilidade Pública, para a obtenção do respectivo estatuto.

O Almada Atlético Clube, fundado em Julho de 1944, é uma das mais prestigiadas associações do concelho e desenvolve uma actividade regular nas modalidades de futebol, andebol, atletismo e damas.

Maradona vai semeando a dúvida

O Nápoles vai propor a Diego Maradona a renovação do contrato com os campeões italianos de futebol até 1993.

Entretanto, Maradona, que voltou a desmentir estar em negociações com o Ac Milão, limita-se a dizer que honrará o compromisso com o Nápoles «até ao último minuto», afirmação que é alvo de múltiplas interpretações.

Para uns, Maradona pretende tranquilizar os dirigentes do clube napolitano, mas na opinião de outros analistas, o futebolista argentino pretende semear a dúvida sobre o futuro, numa tentativa para aumentar a «parada».

O actual contrato entre Maradona, considerado unanimemente o melhor futebolista da actualidade, e o Nápoles, expira em Junho de 1989.

Juventus: foguete custa derrota

O Tribunal Desportivo de Itália puniu a Juventus com a derrota por 2-0 devido ao mau comportamento dos seus adeptos durante o encontro com o Cesena disputado a 22 de Novembro e que a Juventus venceu por 2-1.

A decisão da Comissão de Disciplina relegou a Juventus do 2.º para o 5.º lugar da classificação do campeonato italiano de futebol da primeira divisão e fez diminuir as hipóteses da equipa de Turim na luta pelo título.

O Tribunal Desportivo italiano baseou a sua decisão na explosão de um foguete atirado pelos adeptos da Juventus para o defesa Dario Sanguin do Cesena, quando este se encaminhava para as cabinas no final da primeira parte e que acabou por não regressar ao relvado, sendo transportado ao hospital, onde foi sujeito a vários exames médicos.

Peter Larsson ingressa no Ajax

O Gotemburgo, detentor da Taça UEFA, concordou em «vender» o seu defesa Peter Larsson ao Ajax de Amesterdão, adversário do FC Porto na Supertaça Europeia de Futebol.

«É um excelente negócio para nós e o Ajax é um bom clube para o Peter» — disse o presidente do Gotemburgo, Gunnar Larsson, em conferência de Imprensa.

A mais alta basquetebolista muda-se da URSS para Espanha

A mais alta basquetebolista do mundo, a soviética Uliana Semenova, com 2,12 metros e 130 quilos, chegou a Madrid, para ingressar no clube «Tintoretto», da primeira divisão espanhola.

Na sua agenda

S. Silvestre de Avis

Organizado pela Câmara Municiapl de Avis, vai realizar-se, naquela localidade alentejana, no dia 27 de Dezembro a «corrida do ambiente S. Silvestre» destinada a todos os escalões etários. As inscrições deverão ser feitas até ao dia 22 de Dezembro nos Serviços Socioculturais daquela autarquia.

GP de Abrantes

Realiza-se no dia 12 de Dezembro a 6.ª edição do Grande Prémio de Natal em atletismo, prova organizada pela Câmara Municipal de Abrantes com a colaboração do Sporting local. As inscrições estão abertas na sede da autarquia, SC Abrantes e Papelaria Académica, podendo inscrever-se atletas de todos os escalões.

DL DESPORTO

"Mundial-90"

"L'EQUIPE" AVANÇA CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Portugal cotado com índice 2

Portugal integra o grupo de sete países europeus com «índice dois» no sorteio da fase de qualificação para o Campeonato do Mundo de futebol de 1990, a realizar em Zurique no próximo dia 12 do corrente.

De acordo com um artigo do jornalista francês Gerard Ernault, publicado no «L'Equipe» de terça-feira, Portugal faz parte do grupo «B» do sorteio, juntamente com a Bulgária, Holanda, Polónia, RDA, Escócia e Hungria.

O Grupo «A», de cabeças de série, será composto pela RFA, Inglaterra, Espanha, URSS, Dinamarca, Bélgica e França.

A FIFA usou como critérios os resultados obtidos nas fases preliminar e final do Campeonato do Mundo de 1986 e os resultados obtidos na fase de qualificação para o Campeonato da Europa de 1988.

Portugal, 11.º cllassificado após o «Mundial 86» ((coeficiente 2), com 22pontos, e 19.º na qualificação para o Europeu (coeficiente 1), com 19 pontos, ocupa actualmente o 13.º posto na classificação geral, com 41 pontos.

Contudo, as contas do «L'Equipe» terão de ser actualizadas com os resultadeos dos jogos a efectuar na fase de qualificação para o Europeu 88: Itália - Portugal (5 Dez.), Malta - Portugal (20 Dez.), Turquia - Jugoslávia (16 Dez.), Holanda - Chipre (9 Dez.) e Grécia - Holanda (16 Dez.).

Os quatro países com menor cotação no «mercado» futebolístico do velho continente (Turquia, Malta, Luxemburgo e Chipre) serão integrados no Grupo «E» do sorteio, devendo ser distribuídos pelos grupos de qualificação com cinco competidores.

A disposição dos 32 países europeus em cinco grupos para o sorteio do dia 12, consoante o índice de avaliação, será discutida na próxima semana em Zurique pelos representantes das federações europeias, mas — segundo o «L'Equipe» — a versão apresentada parece reunir o consenso, contrariamente ao sistema de quatro grupos usado no sorteio para o «mundial» de 1986.

As 32 equipas nacionais serão escalonadas pelos sete grupos de qualificação (quatro de cinco competidores e três de quatro), liderados pelos sete cabeças de série.

Para a fase final serão apuradas 13 equipas: primeiro e segundo classificados de cada um dos quatro grupos de cinco equipas e o vencedor de cada um dos restantes três agrupamentos. As restantes duas equipas finalistas sairão do lote de três segundos classificados dos grupos de quatro competidores.

Os grupos para o sorteio, segundo o «L'Equipe», são os seguintes:

Grupo A: Inglaterra, RFA, Espanha, URSS, Dinamarca, Bélgica e França; **Grupo B:** Bulgária, Holanda, Polónia, RDA, Portugal, Escócia, e Hungria; **Grupo C:** Roménia, Suécia, País de Gales, Irlanda do Norte, Áustria, Checoslováquia e Jugoslávia; **Grupo D:** República da Irlanda, Grécia, Suíça, Finlândia, Islândia, Noruega e Albânia e **Grupo E:** Turquia, Malta, Luxemburgo e Chipre.

Hóquei em patins: europeu de juvenis

Portugal: "tudo sobre rodas"

Depois do tangencial 4-3 averbado na jornada de abertura frente à França, a selecção nacional de juvenis venceu ontem a Inglaterra (5-2) e a Espanha (3-1) pelo que comanda a classificação do «europeu» (com 9 pontos) em igualdade com a Itália.

Recordem-se os resultados das três jornadas já efectuadas:

1.ª Jornada: Alemanha, 2 - Holanda, 0; Portugal, 4 - França, 3; Espanha, 7 - Inglaterra, 0 e Itália, 6 - Suíça, 0. **2.ª jornada:** Inglaterra, 2 - Portugal, 5; França, 1 - Espanha, 10; Suíça, 2 - Holanda, 4 e Itália, 5 - Alemanha, 4. **Jornada n.º 3:** Alemanha, 2 - França, 9; Inglaterra, 1 - Suíça, 7; Portugal, 3 - Espanha, 1 e Itália, 2 - Holanda, 0.

●

O Europeu prossegue hoje com mais duas jornadas, uma de manhã (4.ª) e outra à noite (5.ª) com os seguintes jogos: Suíça - Portugal, Espanha - RFA, Holanda - Inglaterra, Itália-França (de manhã) e Portugal - Holanda, Itália - Espanha, RFA - Inglaterra e Suíça - França (à noite).

A classificação está assim ordenada:

	J	V	E	D	G	P
Itália	3	3	-	-	13- 4	6
Portugal	3	3	-	-	12- 6	6
Espanha	3	2	-	1	18- 1	4
RFA	3	1	-	2	8-14	2
Holanda	3	1	-	2	4- 6	2
Suíça	3	1	-	2	9-10	2
França	3	1	-	1	13-14	2
Inglaterra	3	-	-	-	3-19	0

Meia-maratona de Lagos

A II Meia-Maratona de Lagos, que a Junta de Freguesia de S. Sebastião, promove no próximo dia 6, terá a participação de 800 atletas de ambos os sexos, oriundos de todo o Algarve.

Entre os participantes assinala-se a presença do inglês Timothy Wright, que correrá a título individual.

A meia-maratona, que se inicia às 9 horas junto da Câmara Municipal e compreende um trajecto de cerca de 22 quilómetros terá prémios no valor total de 300 mil escudos.

Com a prova «pretende-se revitalizar o atletismo em Lagos e atrair novos valores para a modalidade a nível de concelho», disse Silvestre Ferro, presidente da Junta de Freguesia de S. Sebastião.

Xadrez: partida suspensa

A 19ª partida do campeonato do mundo de xadrez, a decorrer em Sevilha entre os soviéticos Garry Kasparov (titular) e Anatoly Karpov (candidato), foi suspensa após o 40º movimento.

O marcador do «match», jogado ao melhor de 24 partidas, está igualado a 9 pontos e, recorde-se, no caso do empate persistir, até ao final do encontro, o campeão manterá o título.

A partida prossegue hoje às 15.30, no teatro Lope de Vega, em Sevilha.

Golfe: dólares contrariam boicote

Oito dos melhores golfistas mundiais vão ignorar o boicote desportivo à África do Sul e participar no torneio de Sun City, para tentar ganhar o maior prémio de sempre na história da modalidade, um cheque de um milhão de dólares (135 mil contos).

O torneio de quatro dias em Sun City irá registar a presença dos norte-americanos Curtis Strange e Lanny Wadkins, dos britânicos Nick Faldo e Ian Woosnam, do alemão-federal Bernhard Langer, do espanhol Jose-Maria Olazabal, e dos sul-africanos David Frost e Fulton Allem.

Apenas os dois primeiros golfistas do «ranking» mundial, o australiano Greg Norman e o espanhol Severiano Ballesteros optaram por não jogar na África do Sul.

Ginástica: "europeu" de trampolim em Braga

O campeonato da Europa de trampolim realiza-se no pavilhão de desportos de Braga, entre sexta-feira e domingo. Numa iniciativa da Associação de Ginástica do Norte e Federação Portuguesa de Ginástica. A organização da prova, conta com a colaboração da Câmara Municipal de Braga, Delegação de Braga da Direcção-Geral de Desportos e Comissão de Turismo Verde Minho.

A recepção às comitivas dos 16 países participantes faz-se às 16 horas de hoje na Câmara Municipal, e a abertura oficial da prova é precedida de um «verde de honra».

Amanhã, às 18 horas, será a cerimónia de abertura, já no pavilhão, e a primeira prova disputa-se às 19 desse dia, com o duplo minitrampolim e o «tumbling».

Provas de trampolim (preliminares) e duplo mini-trampolim disputam-se no sábado, havendo ainda uma prova de trampolim (preliminares). No domingo as provas iniciam-se às 8 horas com trampolim sincronizado (preliminares-/finais), disputando-se as finais do trampolim das 15 às 17 horas, seguindo-se a cerimónia final.

Entretanto já se encontra em Braga, desde o último sábado, a selecção portuguesa, que tem realizado treinos no pavilhão da Escola Preparatória André Soares.

Aliás, será este pavilhão o palco de treinos para todas as selecções, que já começaram a chegar à cidade dos arcebispos.

Assim, para além da equipa das «quinas», já estão em Braga a selecção da Escócia, Suíça, Suécia, Dinamarca, aguardando-se a chegada das restantes representações estrangeiras.

A selecção nacional está representada pelos seguintes atletas:

Duplo minitrampolim: feminino: Maria Baptista (Sporting), Rita Vilas Boas (Sporting), Rita Matos (União Ginásio), Amélia Carneiro (União de Lamas) e Isabel Figueiredo (Sporting).

Masculino: Jorge Pereira e Jorge Moreira (Ginásio Vilacondense), João Ferreira e Luís Nunes (Sporting).

Trampolim feminino: Maria Baptista (Sporting).

Masculino: Jorge Moreira (Gin. Vilacondense), João Ferreira, Luís Nunes, João Faria e Luís Santos (todos do Sporting).

Tumbling: feminino: Sónia Cruz (Naval Setubalense), Madalena Aparício (Boavista), Cláudia Pinheiro (FC Porto), Giesela Maia e Vanda Videira (Benfica).

EFEMÉRIDES

1694 Em Inglaterra entra em vigor a Lei Trienal, que prevê a eleição do Parlamento de três em três anos

1808 Madrid rende-se às forças francesas de Napoleão Bonaparte

1810 A Grã-Bretanha captura as Ilhas Maurícias aos franceses

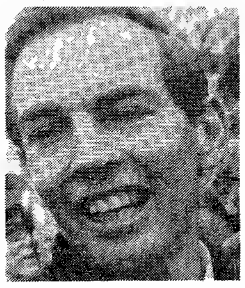
1912 Termina a Guerra dos Balcãs, contra a Turquia, sendo assinado o armistício entre este país, Montenegro, Bulgária, Sérvia e Grécia

1917 O presidente norte-americano, **Woodrow Wilson**, solicita ao Congresso a declaração de guerra ao Império Austro-Húngaro

1952 A Assembleia Geral da ONU adopta a proposta indiana para o armistício na Coreia

1958 Na Indonésia são nacionalizadas as empresas holandesas

1961 Os EUA colocam tropas ao longo da fronteira entre Berlim Ocidental e Oriental, à medida que a RDA inicia os trabalhos de reforço do muro de Berlim



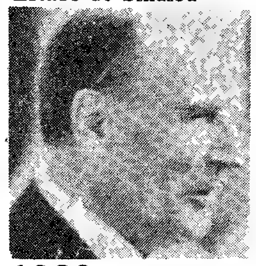
1967 Cirurgiões da Cidade do Cabo, na África do Sul, efectuam, com êxito, uma **transplatação do coração humano**, afirmando ser essa a primeira vez que se realiza uma operação de tal tipo

1971 Devido à disputa sobre Caxemira, a Índia ataca o Paquistão, terminando o conflito 13 dias com a rendição das tropas paquistanesas

1972 Um jacto espanhol, trasportando turistas, despenha-se ao levantar voo das ilhas Canárias, causando 155 mortos

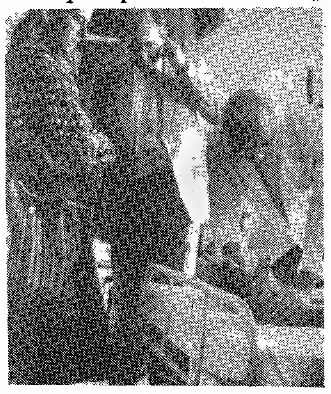
1975 Forças comunistas assumem o controlo do Laos e põem termo a 600 anos de regime monárquico

1976 No México, insatisfeitos com a lei da Reforma Agrária, assinada pelo ex-presidente Echeverria, um grupo de camponeses invade e ocupa uma área de 7 mil hectares do Estado de Sinaloa



1982 o presidente francês **François Mitterrand** rejeita, na Dinamarca, qualquer tipo de política global «comandada» por Washington

1983 O Conselho de Segurança concorda em que os navios que deverão retirar de Tripoli 3.000 a 4.000 guerrilheiros palestinianos utilizem bandeira das Nações Unidas, tal como fora solicitado pelo presidente da OLP, Yasser Arafat



1984 Uma fuga de gás venenoso numa fábrica de insecticidas, em **Bhopal**, India, causa mais de 300 mortos (o acidente viria a fazer mais de um milhar de vítimas)

1985 Corazon Aquino anuncia que se vai canmdidatar às eleições presidenciais filipinas para derrotar o presidente Ferdinando Marcos

DL HÁ 20 ANOS

Grandes inundações de 1967

«Pelas informações que esta manhã colhemos junto das autoridades das áreas mais afectadas pelas cheias, ascende a 458 o número de corpos recolhidos: Alanquer - 54; Arruda dos Vinhos - 13; Loures - 125; Oeiras - 33; Sintra - 12; Sobral de Monte Agraço - 3; Vila Franca de Xira - 218.»

«Evitar males maiores é, presentemente, a grande preocupação de todas as entidades, oficiais e particulares que se empenham no auxílio às vítimas das inúndações. Enquanto prossegue a busca dos desaparecidos e a desobstrução das áreas atingidas, a Direcção-Geral de Saúde, por intermédio dos seus serviços centris e da Delegação de Saúde de Lisboa, e em colaboração com as subdelegações dos concelhos interessados procuram exercer activa vigilância sanitária junto das populações, especialmente no campo profiláctico.»

Primeiro coração humano transplantado

«Cirurgiões da Cidade do Cabo realizaram hoje, pela primeira vez no Mundo, a transplantação de um coração humano.»

«Um comunicado do Hospital Groote Schuur diz que uma equipa médica demorou cinco horas para colocar um novo coração num paciente de 55 anos, do sexo masculino.»

«O comunicado acrescenta que o paciente já recuperou os sentidos, após a operação, encontrando-se em estado safisfatório.»

«Os médicos aguardavam há semanas a oportunidade de obterem um coração em bom estado, para efectuarem a transplantação. Ontem à noite, retiraram o coração de uma jovem que tinha acabado de morrer, num desastre de automóvel, e procederam esta manhã à transplantação.»

EUA pedem compreensão europeia

«O secretário de Estado norte-americano, Dean Rusk, apelou, hoje, para uma maior compreensão, por parte dos países europeus, relativamente à política dos Estados Unidos no Vietname.»

«Temos esperança em que os nossos amigos na Europa compreendam o que estamos a tentar fazer na Asia» — declarou Rusk.

«Entretanto, um grupo de democratas dissidentes do Michigan condenou, ontem, em Detroit, a política do presidente Johnson relativa ao Vietname.»

«Os 'rebeldes' denunciaram o que eles chamam 'as decisões irracionais' tomadas durante os passados quatro anos pela Administração, quanto ao Vietname. Em sua opinião, o resultado desta linha de conduta ilógica é a possibilidade de uma invasão do Vietname do Norte e de um conflito com a China.»

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	-4	2	0,0	Encob.
V. Castelo	11	8	0,0	Chuva
Vila Real	6	3	0,0	Chuva
Porto	10	7	0,0	Aguac.
Coimbra	13	8	0,0	Encob.
C. Carvoeiro ..	13	10	0,0	Encob.
C. Branco	8	6	0,0	Chuva
Portalegre	9	9	0,0	Chuva
Lisboa	12	–	0,0	Chuva
Évora	11	10	0,0	Encob.
Beja	13	12	0,0	Aguac.
Faro	15	15	0.0	Chuva
Sagres	16	13	0,0	Encob.
P. Delgada	15	13	0,0	Aguac.
Funchal	16	13	0,0	Aguac.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 15, Porto 13, Faro 19, Ponta Delgada 17, Funchal, 18.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

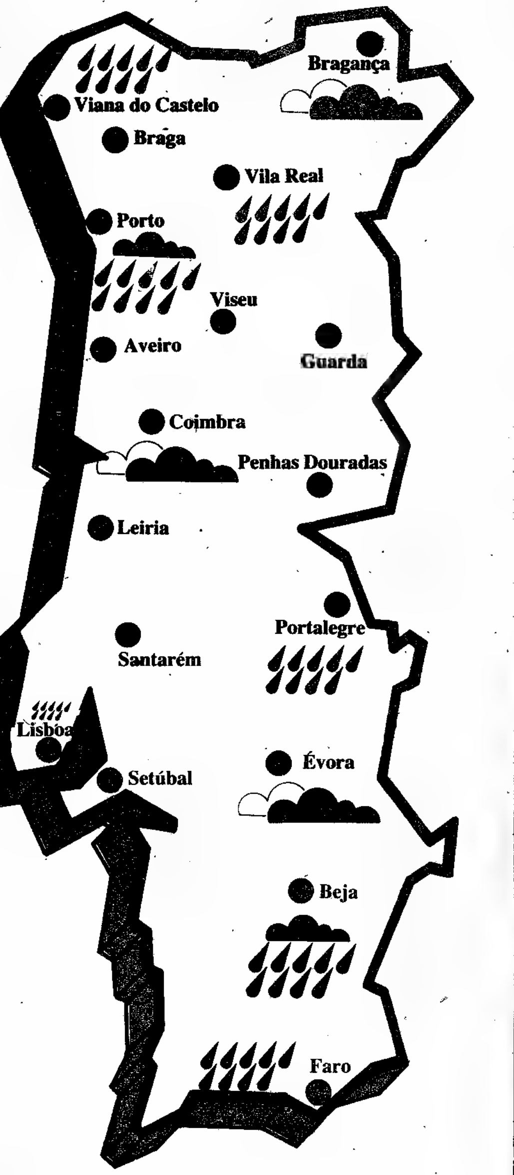
	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	6	2	Chuva
Londres	4	3	Bruma
Paris	0	0	Limpo
Bruxelas	-1	-1	Limpo
Amesterdão. ...	1	1	Limpo
Genebra	2	2	Bruma
Roma	5	5	Neblina
Oslo	-8	-10	Nevoeiro
Copenhaga	-3	-2	Nevoeiro e gelo
Estocolmo	-1	-1	Pouco nub.
Berlim	0	0	Neblina
Viena	1	0	Encoberto
Varsóvia	1	0	Encoberto
Atenas	7	7	Pouco nub.
Moscovo	-9	-9	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	17	27	Nublado
Joanesburgo ...	14	23	Nublado
Los Angeles	9	18	Nublado
Montreal	1	3	Nublado
Nova Deli	8	29	Limpo
Nova Iorque ...	11	16	Nublado
R. de Janeiro ..	20	33	Limpo
S. Francisco ...	11	13	Nublado
São Paulo	18	27	Nublado
Tóquio	4	10	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu muito nublado. Vento moderado de sueste soprando forte do sul e com rajadas nas regiões do Sul. Períodos chuva ou aguaceiros, por vezes acompanhados de trovoadas. Pequena subida da temperatura.

***Estado do mar: Costa Ocidental* — Mar cavado com ondulação sudoeste de três a quatro metros.**
***Costa Sul* — Mar cavado a grosso com ondulação sudoeste de três a quatro metros.**

Nos Açores:

***Grupo Central* e *Ocidental*: Períodos de céu muito nublado. Vento norte moderado a fresco. Aguaceiros fracos.**

***Estado do Mar*: Mar cavado a grosso. Ondulação norte de quatro a cinco metros.**

Na Madeira:
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de oeste por vezes forte. Aguaceiros.

***Estado do Mar:* Mar cavado a grosso. Ondulação noroeste de quatro a cinco metros na costa Norte sendo de sudoeste inferior a três metros na costa Sul.**

AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado do sul. Períodos de chuva. Pequena subida de temperatura.

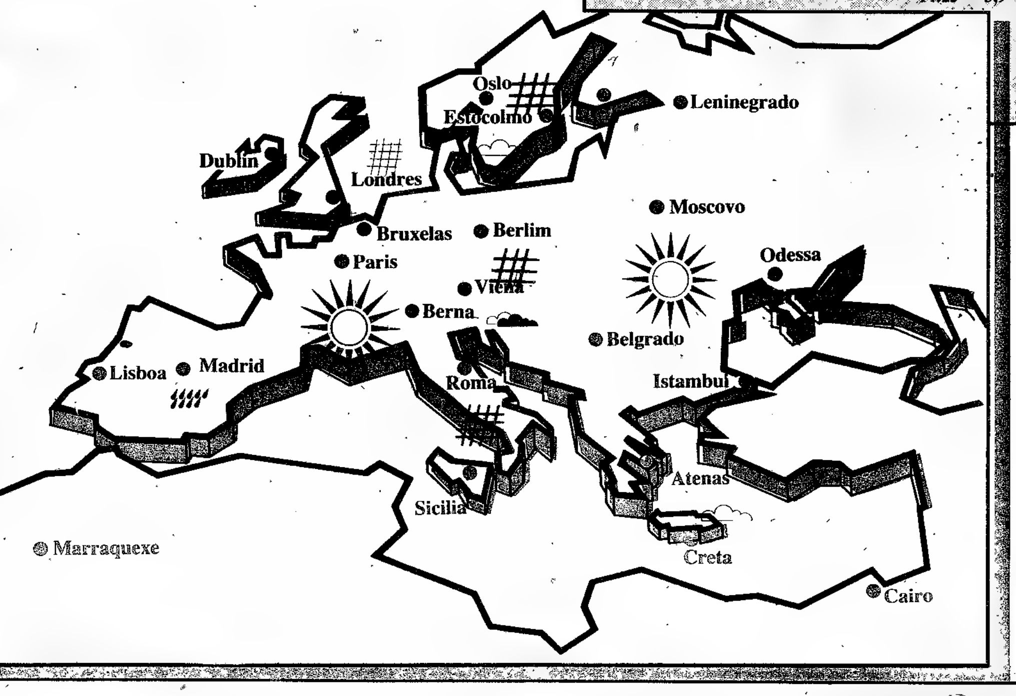
DEPOIS

Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco de sudoeste. Aguaceiros.

MARÉS

	Praia-Mar		Baixa-Mar	
Hoje				
	1.21	3,9 m	7.09	1,3 m
	13.42	4,0 m	19.26	1,2 m
Amanhã				
	2.04	4,0 m	7.49	1,2 m
	14.25	3,9 m	20.01	1,2 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.



• *Informação da agência Lusa*

TEATRO LAURA ALVES
3.º MÊS
Rua da Palma, 251 (ao Martim Moniz)
Telefs.: 86 39 77 — 86 47 56

IO APOLLONI APRESENTA
"SOCORRO...
SOU UMA MULHER DE SUCESSO"
SUB. MONTAGEM S.E.C. E GULBENKIAN — COMÉDIA MUSICAL EM DOIS ACTOS — VERSÃO LIVRE DE: CARLOS PAULO - IO APOLLONI
DE 5.ª A SÁBADO AS 21.30 h
SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS ÀS 16 h
CENÁRIO: JORGE ROCHA — FIGURINOS: JOSÉ CARLOS — ENCENAÇÃO: IO APOLLONI — CANÇÕES: NUNO GOMES DOS SANTOS — ARRANJOS MUSICAIS: LUÍS FILIPE
IO APOLLONI
ELAN
50% DESCONTO ESTUDANTES
SETE • RÁDIO COMERCIAL • DIÁRIO DE LISBOA • DIÁRIO • ANTENA 1
ÚLTIMA SEMANA
ÚLTIMO ESPECTÁCULO DIA 8 ÀS 16 HORAS

Informação COMERCIAL

DIRECÇÃO COMERCIAL
SERVIÇO DE PROMOÇÃO E APOIO

AVISO LEILÃO

A C. P. informa:

Em 14 de Dezembro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda em hasta pública de remessas que não tenham sido retiradas nos prazos legais, bem como de todos os volumes abandonados e que não tenham sido reclamados pelos donos, entre os quais:

«Roupas, malas, capacetes, calçado, máquina de costura, guarda chuvas, sombrinhas, mochilas e tenda de campismo, ferragens, peças auto, agrafes, drogas sólidas e liquidas, colas, louças, artigos p/rega, tubos plástico, pasta, velas, peças para agricultura, livros, bebidas, pneus, aquecedores eléctricos, brinquedos, rádios, máquinas fotográficas, relógios, bicicletas, frigorífico, etc.», no estado de novos e usados.

A C.P. reserva-se o direito de não aceitar a arrematação se o valor oferecido a não justificar.

Lisboa, 11 de Novembro de 1987.

Caminhos de Ferro Portugueses

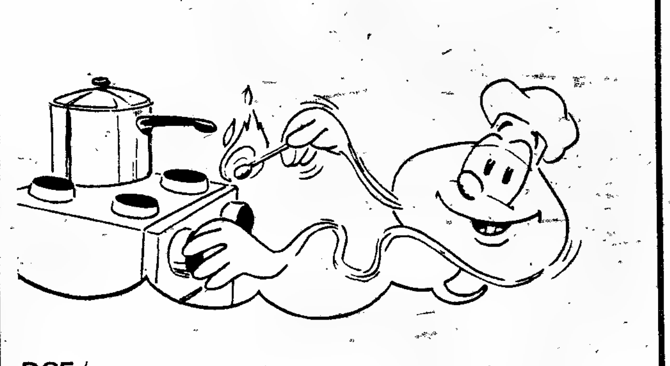
PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 62 459 «PROCESSO CATALÍTICO PARA A PREPARAÇÃO DE ÁCIDOS CARBOXÍLICOS INSATURADOS».

Trata: Clarke, Modet & C.ª, Lda.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 – 3.º – Esq.
1000 – LISBOA
Telefs.: 65 13 39 – 65 46 13 – 69 28 15

Lisboa cidade limpa

Primeiro acenda o fósforo e só depois ligue o gás.
Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

FACTOS SÃO FACTOS

Mário Castrim

O socialismo já não é uma utopia. Ele instalou-se numa parte significativa do planeta. Aqui está uma realidade que não pode ser esquecida nem ignorada. É um erro grosseiro. E como se costuma dizer nos desportivos da RTP «em alta competição, os erros pagam-se caro».

Quanto mais não fosse, a viagem do Presidente da República à URSS valeu exactamente como prova real de que o socialismo existe e, como diz uma cronista francesa, «está de boa saúde». Dele nos vem o grande sinal de esperança do nosso tempo, quando o ministro dos Negócios Estrangeiros solenemente declara: «O próximo passo vai ser a abolição de todas as armas nucleares».

Perestroika é, hoje, a palavra-chave, a palavra universal. Que não nos conduz apenas à reflexão de uma parte do globo, mas do globo inteiro.

As imagens e as palavras

A viagem do Presidente foi seguida, na RTP, por dois enviados especiais. O seu trabalho quase se limitou às peripécias oficiais da visita. No entanto, ainda deu para algumas referências, especialmente culturais, capazes de abrir algumas perspectivas aos mais atentos.

Convenhamos que foi pouco. Muito pouco, para uma semana de trabalho. Também se não lhes exigia o aprofundar de uma experiência tão complexa, nos breves minutos da intervenção diária. Pelo que será de esperar, em tempo oportuno, uma reportagem alargada, com as imagens que ficaram por dar e com as palavras que ficaram por dizer.

Em certos aspectos me quis parecer ter havido alguma precipitação no avançar de informações negativas respeitantes à realidade soviética. Não se discute o direito que lhes assiste no plano do jornalismo, de prestar essas informações. Mas uma objectividade que esquece determinados aspectos da informação assume o carácter de uma subjectividade capaz de lançar alguma desconfiança.

É certo que a URSS, sendo o primeiro produtor de aço e a primeira potência na tecnologia espácial, não conseguiu resolver certos aspectos de ordem social. Quando se diz, por exemplo, que uma grande percentagem de casas não estão ligadas a redes de esgoto, esquece-se o factor geográfico, cuja imensa vastidão condiciona certas medidas. O saneamento não se processa apenas por esse meio. Eu próprio me fixei lá numa aldeia cujas casas possuíam seu saneamento próprio. Nem nunca dei por falta de água nem deixei de tomar o meu banho matinal. Coisa que em Paris, para não ir mais longe, em muitos casos se considera um luxo...

As coisas não são o que são, as coisas são as razões de ser.

O sumo do consumo

Por outro lado, os enviados especiais referiram, honra lhes seja, a tragédia que para a URSS representou a última guerra, com os seus vinte milhões de mortos, e os incontáveis milhões de feridos, mutilados, traumatizados. Como também frisaria o Presidente Mário Soares, o Exército soviético não apenas salvou o seu país, mas todo o mundo do pesadelo nazi. E essa dívida não pode ser esquecida.

Mas falta dizer que os últimos setenta anos não foram de trabalho ordenado e pacífico. Por exemplo: depois da revolução de 1917, em virtude das invasões dos catorze países, a economia desceu ao nível de 1913! Apenas em 1927 se atingia o nível de produção de 1917. E as destruições nazis foram de tal ordem que, em 1945, a economia rondava o nível de 1927...

Por outro lado, as prioridades tomaram o carácter de urgência. Não se podia enveredar pelo caminho do consumismo, que mais não faz do que esconder uma realidade de penúria.

E vieram à balha as famosas bichas. Ao elevado poder de compra — diz um enviado especial — corresponde uma penúria da oferta.

Lógico! Se todos os portugueses pudessem comprar fruta, as montras não estariam cheias dela, sem falar nos montes que apodrecem diariamente.

Isto não quer dizer que não haja deficiências nos circuitos, os soviéticos são os primeiros a reconhecê-lo e vão decerto eliminá-las.

A criança, isto é, o futuro

Curiosamente, uma das emissões mais esclarecedoras sobre a realidade soviética foi transmitida fora do âmbito da viagem, e por alguém que, como se costuma dizer, está acima de qualquer suspeita. Simplesmente, Carlos Fino viveu muitos anos na URSS, conhece a realidade, sabe o que diz.

Assim, ficaram os telespectadores portugueses a saber que

a) as lojas não são atraentes, mas asseguram o essencial;

b) os camponeses são donos de hectares de terra, à qual dão o destino que entenderem. Tal produção é significativa no âmbito geral da economia;

c) a protecção da criança é a prioridade das prioridades. Os artigos para crianças são de excelente qualidade e baratos;

d) a assistência, embora com deficiências, é gratuita;

e) em qualquer sítio, podem faltar lojas, mas não faltam as escolas nem os jardins de infância;

f) o telefone é quase gratuito;

g) las rendas de casa são extremamente baixas, muito embora a sua construção não prime sempre pela estética. Pessoalmente, quer-me parecer que este pormenor está sendo ultrapassado, havendo já sinais evidentes disso nos bairros periféricos da capital;

h) a democratização da cultura, ao alcance de toda a população, é um facto;

i) há nas cidades o culto dos espaços verdes;

j) é grande a procura dos jornais;

l) o património cultural (vimos depois isso em Ieravan) é religiosamente defendido;

m) os transportes são baratíssimos...

Peço desculpa aos leitores desta enumeração que está, entretanto, longe de ser exaustiva. Sem falar na exaltante entrevista com um historiador soviético com absoluto domínio da nossa língua que referiu a existência nos arquivos soviéticos de inúmeros e preciosos documentos da História de Portugal. Isto, só por si, justificaria acordo cultural imediato.

Comovente a entrevista com estudantes de Língua portuguesa que sublinharam «o sentimento de descobrir e compreender o mundo» comum a ambos os povos. E juro que nunca ouvi, com tanto orgulho, recitar versos de Fernando Pessoa.

Para terminar: a certa altura, o responsável do programa conta-nos que deambulou por Moscovo e declara: **não vi miséria.**

Oxalá pudesse dizer o mesmo quem anda por Londres, Paris, Nova Iorque — e por Lisboa, claro...

Desculpem, um pormenor mais.

No citado programa, informa-se que os preços dos transportes não se alteram desde os anos trinta...

Não só os transportes. Apontamento pessoal: em 1979 comprei na URSS um medicamento por 1,02 rublos e acrescento que, dos medicamentos com que fui assistido no hospital do bairro, na paguei. Todos os anos na mudança de estação, peço a quem lá vai que mo traga. Preço no ano de 1987, o mesmo: 1,02 rublos...

Cá me fico

Não quero, longe disso, que esta crónica se pareça com um acto desajeitado de propaganda. Aliás, são em número reduzido as palavras que nela existem de minha autoria.

Mais não pretendo do que contribuir para uma reflexão séria sobre a realidde na União Soviética, tão ignorada e tão mutilada.

Termino por onde comecei: fico (ficamos) aguardando a reportagem que os enviados da RTP nos estão devendo.

"A Desobediência Civil" de Thoreau agora em versão portuguesa

Uma versão portuguesa de Manuel João Gomes de «A Desobediência Civil», texto da autoria de Henry David Thoreau, foi lançada no mercado livreiro do País.

Publicado em 1949, em Boston, com o título «Resistência ao Governo Civil», e logo traduzido em várias línguas, este texto do autor de «Defesa de John Brown» é — no dizer de Manuel João Gomes, que tambám prefacia a obra — «O livro-guia de todos os que aqui e agora têm consciência das injustiças a que estão sujeitas as minorias».

O texto retoma uma conferência lida por Thoreau num liceu de Massachusetts, sua terra natal, em 1848, quando a escravatura nos Estados Unidos estava consagrada na Constituição. «Por uma questão de honestidade todo o bom americano deve ser contra o Governo e contra a Constituição» — defendia a propósito Henry David Thoreau.

Obra que influenciou profundamente muitos dos grandes movimentos liberais da história social do Ocidente e mais ou menos quase todos eles, «A Desobediência Civil» corre o risco — faz notar Manuel João Gomes — «de ser geralmente citada fora do contexto e utilizada para dar cobertura às mais variadas causas — a da paz como a da guerra».

«Ora este discurso — considera o prefaciador — nada perde só ganha, em ser lido no tempo e no espaço, em que foi dado à luz».

Por isso, João Gomes traz ao presente da sua introdução alguns factos, nomeadamente o da guerra civil que nos Estados Unidos opôs o norte antiesclavagista ao sul e a lei dos escravos fugitivos, promulgada em 1850, que incitava à captura dos negros, onde quer que eles estivessem refugiados.

«Pela liberdade de todos os homens» — considera Manuel João Gomes — «Thoreau ataca pela base um sistema cujo objectivo essencial é manter viva uma lei iníqua. Desafia o Governo, as Igrejas, as maiorias, o exército. Despreza a lei e o voto. Recusa os impostos. Porque todas essas instituições são uma só e todas servem a instituição, da escravatura, que é uma necessidade ditada pelo sistema económico capitalista. e num tal sistema as pessoas honestas estão em minoria».

Para o mesmo dia em que anuncia o lançamento de «A Desobediência Civil», a Editora Antígona informa que porá no mercado a segunda edição da versão portuguesa do livro do surrealista francês Benjamim Peret «Os Tomates Enlatados», numa tradução assinada por Silva de Viseu, pseudónimo de um jornalista de um semanário de Lisboa.

A primeira edição desta versão foi publicada em 1980.

Com o álbum "Miradouro"

Júlio Pereira com disco de ouro a pensar no Coliseu

Enquanto Júlio Pereira recebia o disco de ouro pelas vendas do seu último trabalho discográfico, «Miradouro», no vídeo desfilavam imagens de Lisboa acompanhadas pela música do tema que dá nome ao álbum.

Ao fim de três semanas, o duplo álbum de Júlio Pereira atinge um número de vendas que lhe permite alcançar o disco de ouro. Para o músico o galardão é encarado «com muita alegria, e maior ainda porque é o reconhecimento de um projecto que venho desenvolvendo desde o álbum «Cavaquinho» até hoje, mais do que por um disco pontual».

Para Júlio Pereira as vendas que os discos de música portuguesa estão a ter é um processo normal: «Habituámo-nos durante anos a um consumo de valores exteriores anós, mas com o tempo música que é feita com base nas nossas raízes vai-se impondo. Somos todos 'portugas', e acabamos por nos virar para uma sonoridade que é nossa».

Não há ainda uma inversão de preferências musicais dos portugueses e a música estrangeira continua a atingir vendas superiores à nacional. No entanto, para o autor de «Cavaquinho» e «Braguesa», «só o tempo pode dizer que evolução a música portuguesa vai ter, mas à medida que as expressões de arte vão trabalhando no sentido das nossas raízes, vamos descobrindo coisas que até agora ignoravamos».

«Miradouro» é o resultado de um trabalho desenvolvido desde «Cavaquinho», no qual Júlio Pereira apostou. «Por um lado sou muito teimoso, e não abandono aquilo em que acredito e, por outro, mantive essa continuidade pela minha sensibilidade. Nas várias expressões de arte e concretamente na música tenho-me interessado pelas raízes culturais de vários países, do mesmo modo que também gosto de jazz e o resultado é este disco».

«Miradouro» vai ser editado no mercado internacional, através da «Virgin Records», excepto na Grã-Bretanha, onde o álbum aparece com o selo da «Rough Trade», editora independente que tem mantido estreitos contactos com a «Trnasmedia», editora do artista.

A aceitação que o seu duplo-álbum terá no mercado internacional é encarada por Júlio Pereira com optimismo. «Pela minha experiência, e tenho tocado em vários festivais, a minha música, toda ela baseada na nossa música tradicional, tem encontrado boa aceitação, tanto na Europa como no Oriente».

O facto explica-se para o músico facilmente, pois «todos nós gostamos de ouvir coisas diferentes, portuguesas ou chinesas. Por outro lado, a Europa mostra uma grande curiosidade pelas nossas coisas desde que Portugal e Espanha entraram na CEE, e mais ainda em relação a nós, pois enquanto a Espanha tem realizado uma série de iniciativas, Portugal tem estado quieto».

«O poder vai percebendo, aos poucos, a importância das expressões de arte em geral. Quer tenha ou não consciência disso, e tenho notado muito pouca, o tempo encarrega-se disso. Nenhum poder consegue-se impor-se, pela positiva, sem contar com a arte, e agora, interesse-lhes ou não, vão perceber essa importância».

Se «Miradouro» chegará ou não a disco de platina, é coisa que não o preocupa. «Sou sempre muito céptico em relação a isso, nunca acredito em «booms» de vendas, embora a minha editora pense que vamos lá chegar».

Em relação ao vídeo, Júlio Pereira pensa que é necessário, pois ajuda à divulgação do disco. «Em termos da Europa, e cá começa-se a pensar da mesma forma, o vídeo é o grande motor após a produção de um disco. Mas em Portugal estamos no começo, a produção discográfica é ainda limitada».

«A ideia para o vídeo é colectiva, e baseia-se na ligação entre o homem e a criança. Sempre tive a ideia de que todos nós, quando ouvimos uma música que não tem palavras, cada um faz o seu filme próprio. E o grande vídeo-clip é aquele que não fere a ideia que a música transmite. É o que tenho tentado fazer, e penso que o José Figueiredo Nunes, o realizador, o conseguiu».

Projectos para novos trabalhos ainda não existem. «Ainda é muito cedo. Agora estou na fase de pré-produção do espectáculo do Coliseu dos Recreios. é a minha única preocupação de momento».

E quando, lá para Março do próximo ano, Júlio Pereira se apresentar no maior palco de Lisboa, «Miradouro» «de certeza absoluta que lá estará também».

Dezembro cultural em Setúbal

A Câmara Municipal de Setúbal vai promover durante o presente mês um conjunto de actividades de animação cultural, que integra exposições de pintura e fotografia, conferência e um ciclo dedicado ao Natal.

Assim, ontem, no salão nobre da Câmara Municipal houve duas conferências — uma de manhã e outra de tarde —, ambas proferidas por António Oliveira sobre «Aspectos Económicos e Políticos da Restauração».

As conferências integraram-se no projecto «História ao Vivo», a que o «DL» já fez referência por mais de uma vez, que visa mostrar aos alunos de Setúbal, através dos vários monumentos daquele concelho, aspectos da História de Portugal.

Também ontem, pelas 18 horas, no Museu de Setbal/Convento de Jesus, foi inaugurada uma exposição da sueca Maj-Lis.

Esta mostra, de 66 trabalhos, terá como tema a Bíblia.

Neste mesmo local, a partir do próximo sábado à tarde, estarão patentes ao público os trabalhos que participaram no concurso «Fotografia Jovem» promovido pela FAOJ.

Posteriormente, entre os dias 8 e 18, ainda no mesmo museu, haverá um ciclo de actividades dedicado à criança.

Uma nota da Câmara Municipal refere que «sob o lema Natal-amizade e paz, alunos de vários estabelecimentos da ensino poderão participar no «presépio vivo» a consoada que serão instalados nos claustros do convento de Jesus».

Adianta a nota que «durante estas actividades serão explorados vários aspectos lúdicos, através dos quais as crianças poderão aprender de uma forma diferente do habitual».

Entretanto, no dia 6, na «Casa de Bocage», será inaugurada uma exposição do jovem artista plástico Eurico Coelho.

O certame, intitulado «Hiper Banalidade», encerrará o ciclo de exposição de artes plásticas deste ano, na Casa de Bocage.

Maria Dilar

Depois do Zenith o Olympia

Foi há um quarto de século que uma jovem de Lagos deixou a sua cidade natal para tentar, em Lisboa, a carreira de cançonetista na extinta Emissora Nacional. Naquela época existia um departamento, dirigido por Mota Pereira, onde os candidatos podiam tentar a sua sorte. Tratava-se do Centro de Preparação de Artistas.

Até agora, 23 discos registados (incluindo fado), algumas presenças no pequeno ecrã (próxima, a 12 de Janeiro) e muitos espectáculos na província e, sobretudo, além-fronteiras. Com «Mãe preta» (o tema de Caco Velho, proibido anos a fio), agora em arranjo diferente, Maria Dilar, prepara-se para fecho de 87 de maneira destacada — após actuação, a 31 de Maio transacto, no Zenith (Paris), ei-la que regressa à capital gaulesa no próximo dia 26, para programa no Olympia, em festival organizado por hoteleiros portugueses ali radicados.

Casa de Serralves no Porto

Artistas franceses e alemães e uma exposição bibliográfica

Encerrada a Exposição Nacional de Arte Moderna, integrada nas comemorações do centenário do nascimento de Amadeo de Souza-Cardoso, novas exposições estão patentes ao público, desde 5 de Dezembro (sábado) entre as 14 e as 20 horas todos os dias excepto às segundas-feiras, dia de encerramento.

«Nove Artistas Franceses» — Alberola, Autard, Blais, Bouillou, Monique, Frydman, Rousse, Thufinier, Tosani e Vieille — que representam as diferenças, o eclectismo e as tendências da pintura e escultura francesas actuais, foram agrupados por Alain Moussegne, que explica tal reunião do seguinte modo: «Testemunham bem a singularidade dos talentos que desde há cinco anos se exprimem em França e que resistem — sobretudo — a qualquer vontade de fixar as modas e os estilos de uma dita modernidade, de um convencionalismo internacional... livres e únicos face ao determinismo de uma cultura excessivamente mediadora e nostálgica de vanguardismo... é na diversidade das respostas que se pode procurar este famoso 'espírito francês', que já foi questionado quanto à sua sobrevivência neste século.»

Com esta exposição realizada em colaboração com a Embaixada da França e Instituto Francês (e já apresentada na Fundação Gulbenkian), uma outra exposição, esta realizada em colaboração com o Instituto Alemão do Porto, «Desenhos Realistas», de 8 artistas da República Federal da Alemanha.

São 57 obras que exemplificam as posições realistas, tomadas na RFA e em Berlim Oeste desde os finais dos anos 60 por oito diferentes artistas — Erhard Gottlicher, Johannes Grutzke, Gunther Knipp, Wolfgang Petrick, Malte Sartorius, Peter Sorge, Klaus Vogelgesang, Ben Wilikens —, apresentadas em quadros grandes e definitivos. Todos, em comum, encontraram no desenho uma expressão inequívoca, já que o desenho se tornou, particularmente na Alemanha, o meio preferido da arte realista, estando subjacente, segundo opinião generalizada, a toda a arte alemã.

Esta exposição esteve patente ao público nos salões da Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Lisboa.

Juntamente com estas exposições, uma outra se realiza, organizada pela Livraria Leitura (que possui um espaço concessionado em Serralves), intitulada «A Arte e o Livro», apresentando-se aos visitantes várias dezenas de volumes.

Até ao final do mês de Novembro prosseguiu o Ciclo Expressionismo, que se completou no dia 28, às 18,30 horas (sábado), com a conferência «Steiner — Uma Arquitectura Diferente», pelo prof. dr. Jacinto Rodrigues, antecedida pela exibição do filme «Dr. Mabuse», de Fritz Lang.

A partir do dia 11 do corrente retomam-se as visitas guiadas às exposições, orientadas pelo prof. Fernando Pernes.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.° 19.° do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.° 1/3143, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Benavente, de uma linha aérea a 30 KV, com 91 metros, do poste n.° 6 da linha para o PT n.° 2 da Sociedade Imobiliária do Freixial, SARL ao PT n.° 1456 Estrada do Miradouro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 20 de Novembro de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

(assinatura ilegível)

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.° 19.° do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.° 1/3142, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Fortios, concelho de Portalegre de uma linha aérea a 30 KV, com 244 metros, do poste n.° 5 da linha para o PT n.° 278 de Roluto e Mata ao PT n.° 1460 de Cova de Onça.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 20 de Novembro de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

(assinatura ilegível)

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

CRIMES DO CORAÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

HARÉM
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

O QUARTO PROTOCOLO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1

CRIMES DO CORAÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 18 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30, e 24.00 h

Amoreiras 4

O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

NASCIDO PARA MATAR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

CONTOS ASSOMBROSOS
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

CRIMES DO CORAÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30.h

Ávila

— T. 539930

ANGEL HEART (NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 18 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Berna

— T. 776098

AS MINAS DE SALOMÃO – PARTE II
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «O Sacrifício» realizado por André Tarkovski, distinguido com o prémio especial do júri e o prémio ecuménico pela visão poética de um mundo ameaçado, no Festival de Cannes. Em exibição no cinema Quarteto.

Capitólio

— T. 372358

SONHOS SELVAGENS
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

O HARÉM
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

CONVULSÕES ERÓTICAS
(maiores 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

O ÚLTIMO DRAGÃO
(n/acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 533253

DUELO IMORTAL
(n/acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
OS FUGITIVOS DO INFERNO
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 9434773

Estúdio Anusha

O INVENCÍVEL
(maiores 16 anos)
16.00, e 21.45 h

Estúdio Sheza

O VINGADOR SOLITÁRIO
(maiores 12 anos)
15.00 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

OXALÁ SEJA MENINA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

A SEIVA DO MAL
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O QUERIDO LILÁS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

NASCIDO PARA MATAR
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

O QUERIDO LILÁS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

CRONICA DE UMA MORTE ANUNCIADA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O SEGREDO DO DESERTO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

JAMES BOND 007 — RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.15 h

Forum Picoas

O BEIJO DA MULHER ARANHA
(maiores 16 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

Sala 1

A SEITA DO MAL
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

ARIZONA JÚNIOR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

AS MINAS DE SALOMAO
(maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

A SEIVA DO MAL
(maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

HOMEM CERTO, PRECISA-SE
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

ARIZONA JÚNIOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

CRIMES DO CORAÇÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

FULL METAL JACKET NASCIDO PARA MATAR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

NADINE, UM AMOR À PROVA DE BALA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

OS MARGINAIS DA ESTRADA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia

T. 325309

AMADORES DO SEXO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

— 821933

ALARME MORTAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

AS MINAS DE SALOMÃO – PARTE II
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A MULHER PÚBLICA
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 2

ROCINANTE
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
O MISTÉRIO DE GORKY PARQUE
(maiores 12 anos)
23.30 h

Sala 3

MELO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A EXPERIÊNCIA DE FILADÉLFIA
(maiores 12 anos)
23.45 h

Sala 4

O SACRIFÍCIO
(maiores 12 anos)
15.00, 18.45 e 21.30 h
CARRIE
(interdito 18 anos)
24.00 h

Roma

T. 889192

O QUERIDO LILÁS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

ROBOCOP — O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
15.30,, 18.30 e 21.15 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

CONTOS ASSOMBROSOS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

HARÉM
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

FULL METAL JACKEY (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45e 24.00 h

Star

— T. 804210

OXALA SEJA MENINA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

NADINE — UM AMOR A PROVA DE BALAS
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

CRIMES DO CORAÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

O REGRESSO À ESCOLA
(maiores 12 anos)
15.00, 17:30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

PERSEGUIÇÃO ESCALDANTE
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Anjo Vingador», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).
AMADORA — Cinestúdio — «O 4.º Protocolo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
AMADORA — Babilónia — «Jardins de Pedra», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Nascidos para Matar», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Os Intocáveis», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Vingador Solitário», às 21.30 h (maiores 16 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «O Quarto Protocolo», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).
ALGÉS — Cinema 2000 — «Que Sorte Danada!», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «O Passageiro da Noite», às 18.30 e 24.00 h (maiores 16 anos).
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Que Sorte Danada», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «Encontro Inesquecível», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «La Bamba», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Arizona Júnior», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «O Homem Certo Precisa-se», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «O Pixote», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (Int. m. 18 anos).
ALMADA — Cinestúdio Almada — «A Mais Louca Odisseia no Espaço», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
ALMADA — Incrível Almadense — «O Regresso do Inspector Martelada», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. men. 13 anos).
COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Os Gansos Selvagens», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «O Grande Assalto», às 15.45 e 21.30 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «A Costa do Mosquito», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos).
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O Segredo do Meu Sucesso», às 15.00 e 21.15 h (maiores 6 anos).

ROTEIRO CULTURAL

CARLOS CANHÃO NO ESCORIAL

Na Sala de Arte do Restaurante Escorial (R. das Portas de Santo Antão, 47), encontra-se patente até ao próximo dia 17 uma exposição de Pintura de Carlos Canhão, um dos fundadores, em 1982, da Associação de Artistas Plásticos do Concelho de Almada - Imargem.

Carlos Canhão expõe desde 1979, data em que integrou uma colectiva na Sociedade Nacional de Belas-Artes, de alunos do Curso de Pintura 1978-79 subsidiado pela Fundação Gulbenkian. De então para cá, foram já mais de trinta exposições colectivas.

Entre 1983 e o corrente ano, Carlos Canhão participa sucessivamente nas seguintes exposições individuais: «Viagem ao País de Infância» (83 em Almada, 84 no Feijó e em Lisboa), Palácio Anjos em Algés e Camarim em Lisboa (1985), Pousada de S. Filipe em Setúbal e Codilivro em Lisboa (86), Codilivro e Centro Comercial Bica de Almada (87). E agora no Escorial, apresenta-se, como escreveu Romeu Correia, como «um pintor de horizontes rasgados, mas seguro em cada degrau da sua evolução. (...) Artista prolífero e exigente, ao longo de um percurso rico de sucessivas descobertas, ele vem alterando os sinais digitais da sua arte, que identificam as teclas tocadas pelos seus pincéis».

EXPOSIÇÕES

GALERIA CÓMICOS (R. Tenente Raul Cascais, 1-B): até 9 de Janeiro, a exposição de Juan Munoz «Estudos para a Descrição de um lugar» Diariamente das 15 às 20, excepto domingos e feriados.

PALÁCIO ANJOS (Algés): I Exposição Nacional de Arquitectura, organizada pela Câmara Municipal de Oeiras.

GALERIA DA LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 1-A): até 9 de Janeiro, Escultura de Salvador Dali. De segunda a sábado das 12 às 23.

GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria, 101): até 22 de Dezembro, Pintura de Alice Trigueiros; até 12 de Janeiro, a colectiva «Pequeno Formato». Patentes de terça a domingo, das 15 às 20 horas.

GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): «Arqueologicamente», pinturas de Victor Belém até 16 de Dezembro. De segunda a sábado.

GALERIA «ESPACE ALLIANCE»(R. Braamcamp, 13-1º): até 18 de Dezembro, fotografias de Rui da Silveira. Exposição patente nos dias úteis das 10 às 13 e das 14 às 19,30.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: exposição de Joias de Madalena Rosalis.

GALERIA ANA ISABEL (R. da Emenda, 111-1º): exposição de tapeçaria de Kika Costa Campos, até 30 de Dezembro, de segunda a sábado das 14 às 19.

GALERIA HALMA (Estoril): em exposição tapeçarias e aguarelas de Helena Sá.

BIBLIOTECA NACIONAL (Campo Grande, 83): exposição de pintura de Emerenciano, organizada pela Galeria 75 em colaboração com a Biblioteca Nacional. Até 10 de Dezembro, nos dias úteis das 14 às 20, sábados das 14 às 17.

ARCADAS DO PARQUE (Junta de Turismo da Costa do Estoril): 18 pinturas temáticas de Carlos Lança.

ESPAÇO DO PINTOR (R. de S. Nicolau, 119-2º-Dt.): até 14 de Dezembro, de segunda a sexta das 14 às 19, Maria João Franco expõe pintura, desenho e gravura.

LOJA DE DESENHO (R. Academia das Ciências, 2-B): até 12 de Dezembro, exposição com trabalhos de José Mouga. Patente de terça a sábado das 15 às 19,30.

ATELIER 2 (R. da Emenda, 66-3º): colectiva com originais de Carlos Dutra, João Vieira, Mário Rita, Rocha Pinto e Romualdo; serigrafias de Artur Bual, Relógio, Romualdo, João Vieira, Sérgio Pombo, Palolo, Cesariny, Rodrigo, Guilherme Parente, Sá Nogueira, Barroco, Justino Alves, Nuno Carinhas, Laura Cesana, Charteres d'Almeida, entre outros. De segunda a sexta das 14,30 às 20.

FUNDAÇÃO RICARDO ESPÍRITO SANTO SILVA (MUSEU-L. das Portas do Sol,2): exposição de desenhos de José Guilherme Toledo, até 30 de Dezembro.

GALERIA LIOZ (Centro Comercial Alto da Barra-Oeiras): até 30 de Dezembro, uma exposição dos artistas plásticos de Cascais -VIRAGEM; uma colectiva de alunos do último ano da ESBAL.

POSTO DE TURISMO DE ÉVORA: exposição de fotografia de Ulisses Rolim, «Pequenas Solidões».

CASA DA IMPRENSA: até 7 de Dezembro, a «Colectiva de Outono» com trabalhos de Alfredo Luz, Cabral Duarte, Caldeira Martins, Colaço, Helena Justino, Manuel Vieira e Real Bordalo. Patente de segunda a sexta das 10 às 12 e das 14 às 20.

CASTELO DE CAMPO MAIOR: 3ª Exposição de Artes Plásticas dos artistas do Distrito de Portalegre, até 20 de Dezembro, organizada pela Associação de Artes Plásticas de Campo Maior.

GALERIA FORUM (Viseu): até 6 de Dezembro, exposição de Fotografia de Wim Wenders «Imagens Contemporâneas» (sobre os locais de rodagem do filme «Paris, Texas».

POUSADA DE SANTA MARINHA (Guimarães): «Arte do Fogo», pintura sobre porcelana de Loudes Abraços até 12 de Dezembro.

MUSEU REGIONAL DE SINTRA: até 10 de Dezembro, nos dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 18, sábados e domingos das 14 às 18, Pintura de João Mário.

GALERIA DE ARTE AGUARELA (R. Paiva Couceiro-Odivelas): Pintura de Marianela Roque.

GALERIA DO TEATRO MIRITA CASIMIRO (Estoril): Pintura de Mafalda Osério.

GALERIA DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA: exposição comemorativa do 1º centenário da AAC. Temas e Artistas de Coimbra: Mário Silva, Pedro Olaio, Rui Cunha, Pedro Madeira, Cunha Rocha, Vasco Berardo, Michel Barrett, Celestino André, Heitor Chichorro, Lucia Maia, Hebil, Nunes Pereira e Silva Palmeira; Exposição da Galeria: Álvaro Perdigão, M. Cargaleiro, Artur Bual, Maria Viana, Rico Sequeira, Ribeiro Farinha, Hogan, António Carmo, José de Azevedo, Rogério Amaral, Louro Artur, Kira, Agostinho Nogueira Lopes, Manuel Branco e Carlos Viseu.

BRITISH COUNCIL (R. de S. Marçal): exposição de pintura do artista inglês Leslie Harmar até 11 de Dezembro, de segunda a sexta das 10 às 18.

GALERIA MONUMENTAL (Campo dos Mártires da Pátria, 101): até 19 de Dezembro, exposição de escultura de Sérgio Taborda.

GULBENKIAN (galeria de exposições temporárias): exposição «A Distância e o Encontro» de Cyril Bourquin

PALÁCIO VALENÇAS (Sintra): pintura e desenho de Domingos Saraiva até 9 de Dezembro, de segunda a domingo das 14 às 20.

GALERIA NEUPERGAMA (Torres Novas): até 20 de Dezembro, uma exposição de Pintura com trabalhos de Bual, Carlos Carreiro, Cargaleiro, Cesariny, Lima de Freitas, Noronha da Costa, Relógio, Rogério Amaral e Vespeira. Patente de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às

JUNTA DE FREGUESIA DA PÓVOA DE SANTO ADRIÃO (R. Mestre de Aviz): exposição de 100 caricaturas de Aniceto Carmona, no encerramento das comemorações do 1º aniversário da elevação da Póvoa de Santo Adrão a vila. Em complemento, projecção de slides sobre pinturas murais depois de 25 de Abril de 1974, uma colecção particular de Júlio Pires. Na coleção de caricaturas de Aniceto Carmona, podem ver-se figuras conhecidas, como Sofia Loren, o rei Juan Carlos de Espanha, o duque de Edimburgo e o prof. Agostinho da Silva, entre muitas outras personalidades fixadas pelo talento de A. Carmona.

GALERIA VIRAGEM (Cascais): até 16 de Dezembro, a 2ª Exposição Nacional de Pequeno Formato da Viragem. Presentes 67 obras de 46 autores, seleccionadas entre um total de 152, por um júri formado pelos críticos António Bacalhau e Edgardo Xavier e pelos pintores Fernando Cruz e Maria Gabriel.

GALERIA HOLLY (L. da Trindade, 17): exposição de originais e serigrafias de vários artistas, entre os quais A. Barros, M. Cargaleiro,M. Cesariny, J. Cutileiro, S. Delaunay, J. Hogan, J. Rodrigo, Arpad Szenes e Vieira da Silva. Patente até final de Janeiro

GULBENKIAN (exposições temporárias piso 01): exposição de Pintura de António Aurélio.

ESPAÇO POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): exposição de pintura de Ana Leonor e Luís França intitulada «Mateo, XXV, 30».

BOCA DE CENA (R. Duque de Palmela, 6-A): I Antystetika/87 - «Trylogya», uma mostra colectiva de artes plásticas com trabalhos dos «operários plásticos» João Cruz, Cesário Monteiro e Paulo João Cunha. Patente até 13 de Dezembro, de segunda a quinta das 16 às 20 e das 21 às 24; sextas das 16 às 20 e das 22 às 3; sábados das 22 às 3; domingos das 21 às 24.

GALERIA DO RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): Pintura de Carlos Canhão até 17 de Dezembro, diariamente das 12 às 24 horas.

GALERIA FONTE NOVA (Centro Comercial - Est. de Benfica, 503): pintura e desenhos de José Viana até 11 de Dezembro, todos os dias das 10 às 24 horas. 13 e das 16 às 18, domingos das 16 às 18.

MERIDIEN PORTO (salão Sagres): exposição colectiva de Artes Plásticas «74-87 Reviver a Amizade com Júlio Resende»

CONFERÊNCIAS

CINEMATECA PORTUGUESA: Ciclo Claude Chabrol - às 18,30 «Profecia de um Delito»/1976 com Jean Rochefort e Stefania Sandrelli; às 21,30 «Alice» com Silvia Kristel e «Irmãos de sangue»/1977, com Donald Sutherland e Stéphane Audran.

CINEMA

GULBENKIAN: Colóquios sobre «Expressionismo/Expressionismos, hoje intervenções de Victor Consiglieri, Fernando Pernes, Fernando de Azevedo (moderador), Claude Samuel, José Sasportes, Carlos Pontes Lança (moderador).

LIVROS

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA (R. do Salitre, 146): às 18,30 apresentação do livro de Italo Calvino, «Palomar», pela jornalista Clara Ferreira Alves.

MÚSICA

LOUCURAS: hoje «noite de emoções: o fado no trinar de uma garganta que vive a alma do seu país». «Maria da Fé, Maria do Povo», como escreveu Ary dos Santos. Ou, simplesmente, esta noite há FADO no Loucuras.

TEATRO DE S. CARLOS (salão nobre): às 18,45 «Ciclo Canção do Século XIX» com Helena Afonso e Carla Seixas (piano). Obras de Stravinsky e Mussorgsky.

ESPECTACULAR

ESPE CTA CULAR

Tenho participado de algumas tertúlias literárias, famosas pela quantidade e qualidade dos seus membros, eu excluído. Recordo como se falava de tudo, desde futebol à política, passando pelo cinema, pelo teatro, pela pintura, pelo folclore e, como não podia deixar de ser, pela má-língua como é de uso entre oficiais do mesmo ofício. De tudo se falava, até de literatura. Mas, caso curioso, sempre da literatura já feita, nunca da literatura por fazer.

Hoje, compreendo. É sempre perigoso falar dos nossos projectos.

Há sempre alguém que já «tinha pensado nisso» ou quem, passado tempo, apareça com uma coisa parecida...

A situação pode alargar-se a outros ramos e daqui o meu conselho: se tens qualquer ideia para um filme, guarda-a bem para ti; guarda bem para ti o «desarrincanço» que tiveres para um programa de TV. E logo que esse programa esteja feito, gravado e tudo, que ele vá para o ar depressa. Se não, sabe-se lá o que poderá acontecer ás ideias que andam por aí no ar...

José Mirandum

MÉDICO DE URGÊNCIA

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — AJUDA: Lídia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); **ALVALADE: Cartaxo**, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS: Valle**, Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); **BENFICA - IGREJA: Marques**, E. de Benfica, 648 (T. 700096); **CAMPOLIDE: Pátria**, C. dos Mestres, 30-A (T. 680627); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **HOSPITAL DE SÃO JOSÉ - DESTERRO: Silmar**, R. de São Lázaro, 128 (T. 542829); **INFANTE SANTO - PAMPULHA: Infante Santo**, R. do Olival, 290 (T. 661003); **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **PALÁCIO DE SÃO BENTO: Micael**, R. de São Bento, 380-382 (T. 662162); **PENHA DE FRANÇA: Central da Penha**, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **VALE FORMOSO - POÇO DO BISPO: Barros Gouveia**, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Catela Tavares**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — BAIRRO AMÉRICA: Costa Ferreira, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448); **BAIXA: Durão**, R. Garrett, 92 (T. 324166); **CAMPO DE OURIQUE: Condestável**, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 666206); **ESTEFÂNIA: Morgado Lourenço**, L. D. Estefânia, 4-5 (T. 554808); **ESTRELA: Martins**, C. da Estrela, 165-167 (T. 660823); **JOÃO XXI: Onilda**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **MARQUÊS DE POMBAL - PICOAS: Correia Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais**, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÃ: Aguiar**, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTO AMARO: Correia Azevedo**, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **BRANDOA - AMADORA: Tavares de Matos**, R. Irene Lisboa, lote 108 (T. 993220); **BURACA - AMADORA: Gaspar Pote**, R. das Gaias, lote 16, Bairro Zambujal (T. 902221); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores RURAIS, 'º (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403216). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Higiénica**, R. D. Manuel I, 178 (T. 2073017). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B. Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim — Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **AMORÁ: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 13 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Bocageana**, R. do Romeu (T. 23425). Permanente; **Oliveira Rodrigues**, Vale das Cerejeiras, lote 11 (T. 31567). Permanente; **Louro**, R. Frei António das Chagas (T. 24491). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo (T. 4101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA:: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 18-C (T. 24371966). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 97-A (T. 2471204). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. do Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 4938424). Permanente; **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 4938149). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Permanente; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, R. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Permanente; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Até às 22 horas; **LOURES:**

DL TEATROS

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«**TOMA LÁ REVISTA**«, de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cúnha e Marina Mota.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CRIADA PARA TODO O SERVIÇO**», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Teatro Maizum

R. dos Poiais de São Bento, 75-B — Tel. 60 18 66

De 4.ª a sábado, às 21.30, até 12 de Dezembro

«**A BELA CALÍGULA**«, de Augusto Sobral. Encenação de Rogério Vieira. Interpretação de Silvina Pereira e Fernando Nascimento.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De quarta a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**A DAMA DO MAXIM'S**«, de George Feydeau. Pelo **Novo Grupo**. Tradução: Luiz Francisco Rebello, Vera San Payo Lemos e João Lourenço. Encenação: João Lourenço. Cenários: Nuno Carinhas. Figurinos: Vera Castro. Música: Eduardo Paes Mamede.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

R. Tenente Raul Cascais, 1-A (Telef. 66 15 15)

De 3.ª a Sáb., às 21.00; Domingos e feriados, às 16.00

«**GRANDE PAZ**», de Edward Bond. Cen. de Luís Miguel Cintra. Interps. Alda Rodrigues, Maria Breia, Raquel Maria, Laurinda Ferreira e Miguel Guilherme.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 863977

De 5.ª a domingo, às 21.30; sábados, domingos e feriados, também às 16.00

«**SOCORRO... SOU UMA MULHER DE SUCESSO**», de Alloisio Coli-Gaber. Cen.: Jorge Rocha. Enc.: Io Appolini. Fig.: José Carlos. Versões das canções de Nuno Gomes dos Santos. Arranjos musicais de Luís Filipe.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Sala Gil Vicente

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30

«**RELATÓRIO PARA UMA ACADEMIA**«, de Kafka. Encenação de Durval Lucena. Interpretação de João d'Ávila. (Estreia provável dia 12).

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De terça a sábado, às 21.30; domingos e feriados, às 17.00

«**LENDAS DE AMOR E MORTE**«, de Yukio Mishima. Encenação de Blanco Xil. Cenários de Francisco Ferreira de Almeida. Figurinos de António Filipe. Interpretação de Adelaide João, António Filipe, Francisco Soromenho, Maria José Baião, Teresa Corrte-Real, Artur Mendonça, Ana Rita e António Liza.

Coliseu dos Recreios

R. das Portas de Santo Antão — Tel. 36 19 97

Todos os dias, às 21.30; quintas, sextas e sábados, às 16.00; domingos e feriados, às 14.30 e 17.30

CIRCO DO NATAL — companhia internacional.

Circo Chen

Instalado no Campo Pequeno

Todos os dias, às 21.30; quintas e sábados, às 16.00; domingos e friados, às 15.00 e 17.30

CIRCO E GELO. 2 pistas.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 07

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00

«**METRO-CABARET**«. Espectáculo musical. Texto de Fernando Gomes e música de Zé Carraza. Com Fernando Gomes, Maria Vieira e Adriano Luz.

Instituto Franco-Português

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 45 74

De 3.ª a sexta, às 21.30; sábado e domingo às 17.00

«**LES LETTRES DE LA RELIGIEUSE**«. Por IFP — La Théatrelle. Encenação de Jean Lejude. Interpretação de Solange Charlot, Maria Mendes e Alexandre Melo. Música de Fernando Marques.

Novo Espaço Teatral

R. de Santiago, 19 (ao Miradouro de Santa Luzia)

De 25 Nov. a 20 Dez., às 21.30; aos domingos às 16.00 h.

«**À PROCURA DO PRESENTE**«. Texto e encenação: Adolfo Gutkin. Interpretação de Ruy Furtado, Glicínia Quartin, João Lagarto, José Lopes, Ávila Costa e Diogo Dória. Assessor literário: José Triana. Cenógrafo: José Castanheira. Figurinista: Vera Castro. Música e direcção musical: Carlos Gutkin.

Drogaria Ideal

R. do Conde, 57 — Tel. 66 12 77

Diariamente, às 23.30

«**MULHERES DE CALÇAS**«. Números de revista. Por Zita Duarte.

Forum Picoas

Av. Fontes Pereira de Melo — Tel. 54 10 37

A partir do dia 4. De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

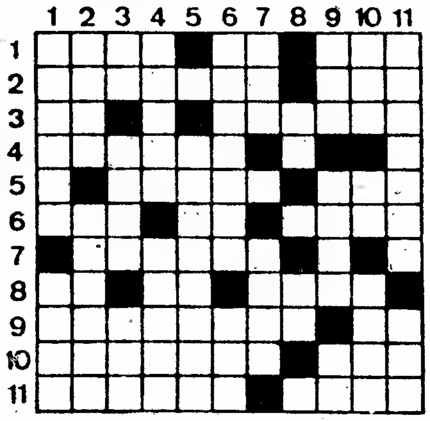
«**RELATÓRIO PARA UMA ACADEMIA**«, de Kafka. Encenação de Durval Lucena. Interpretação de João d'Ávila.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 199

HORIZONTAIS:

1 Batráquio anuro semelhante à rã. Preposição. Despida.
2 Rebaixar. Medida de líquidos usada na Alemanha.
3 O lado do vento. Resíduos de barro que aderem às mãos do oleiro.
4 Guarneciam de asas.
5 Cobrem. Uma das Espórades.
6 Ave pernalta. Átomo. Som agudo.
7 Agarraras.
8 Frâncio (s.q.). Duas consoantes desiguais. Cidade da Ucrânia.
9 Respiraram com dificuldade e ruidosamente. Antes do meio-dia.
10 Versejaras. Agora.
11 Abertura no alto da muralha de uma fortaleza por onde se visava o inimigo. Ninho.



VERTICAIS:

1 Formiga branca de origem africana. Exteriormente.
2 Antepassados. Dentes de elefante e de outros animais.
3 Letra grega. Prendes. Nome de letra.
4 Cidade de Espanha. Rio do Estado da Baía.
5 Separara de.
6 Natural da Dalmácia. Chefe etíope.
7 Época. Transpiras.
8 Despido. Dois mil em romano.
9 Recusa. Range. Interjeição brasileira.
10 Género de peixes de água doce do Brasil. Satélite de Júpiter (inv). Cidade do Japão.
11 Domesticou. Desgraça.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 198

HORIZONTAIS:

1 DEVER. Baila.
2 Arara. Airas.
3 Fria. É. Ri.
4 Nas. Olá. Aer.
5 Er. Si. Parca.
6 Aios. Avio.
7 Ba. Broa.
8 Alisaras. Pu.
9 Gas. Sim.
10 Am. Croas. Aí.
11 Raera. HONRA.

VERTICAIS:

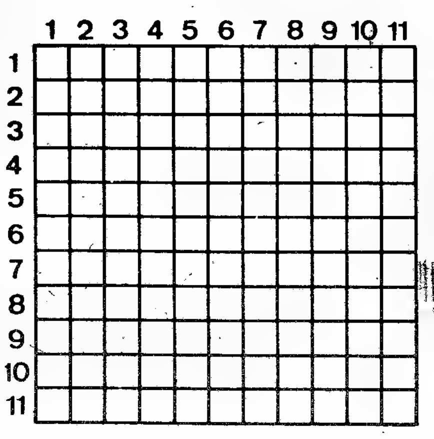
1 Dafne. PAGAR.
2 Errara. Lama.
3 Vais. Ibis. É.
4 Era. Soas. Cr.
5 Rã. Ois. Rã.
6 El. BRIO.
7 Ba. Apara. Ah!
8 Air. Avós. Só.
9 Iriaria.
10 Lá. Eco. Piar.
11 Asara.

PROVÉRBIO: Dever, é honra, pagar é brio.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 024

HORIZONTAIS:

1 Fruta seca, especialmente uvas. Cautelosa.
2 Elevação da voz ou do tom. Adória.
3 Rente. Bário (s.q.). Sufixo que designa abundância.
4 Prefixo de privação. Estrondeais.
5 Sugai o leite materno. Trabalha de noite.
6 Abreviatura que se usa em música. Zomba.
7 Domesticar. Aguenta.
8 Fruto silvestre. Apelido.
9 Pronome pessoal. Átomo. Pátria de Abraão. Rádio (s.q.).
10 Nome de letra. Falda. Igual.
11 Amofina. Criança francesa célebre pelo seu heroísmo.



VERTICAIS:

1 Estacionam. Pôr a data em.
2 Lugar de contenda. Letra grega.
3 Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Farsa satírica. O mais.
4 Catedral. Cobrira.
5 Quadrúpede ruminante. Rói.
6 Designação genérica das plantas herbáceas. Berilo (s.q.).
7 Zombas. Guindaste.
8 Em partes iguais. Cortas com serra.
9 Graúdo. Escarneçam. Utensílio doméstico.
10 Asso. Habitar.
11 Arara. Guarnecera de asas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 023

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Patusco. Cão.	1 Pacaás. CC.
2 Atormentado.	2 Atravancado.
3 Crio. Mer.	3 Toiros. Lãs.
4 Aar. Piropos.	4 Uro. Má. Na.
5 Avós. Topais.	5 Sm. Valmor.
6 Sãs. Vê. Alta.	6 Cemitérios.
7 Marasmo.	7 Onero. Aarão.
8 CC. Alia.	8 Tropas.
9 Cal. Moradia.	9 Ca. Palmadas.
10 Danosa. Adi.	10 Ad. Oito. Ide.
11 Rosar. Ósseo.	11 Oó. SSa. Caio.

Rádio

Antena Um

17.00: Pequeno jornal; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Musical; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.45: Efeméride musical; **16.05**: Três improvisos, de Schubert; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Correspondências; **17.40**: Trechos de ópera; **18.40**: Aberturas de operetas, de Planquette, Johann Strauss e Offenbach; **19.00**: Integrais; **19.33**: Música, de Bach; **20.40**: Música, para violino; **21.00**: Histórias de música e... outras; **21.30**: Música de câmara de Tartini e Poulenc; **22.00**: Música vocal comentada; **23.00**: Concerto sinfónico; **00.50**: Música de tecla de Chopin e Mozart; **01.50**: Último andamento; **02.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**; 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Boa nova; **20.30**: Programa da LAR; **21.00**: Nova e tal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Cem mais; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fontes termais.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.55**: Meditando.

TELEVISÃO

RTP 1

17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
«Vem Lá Filme», «As Aventuras de Punqui» e «Teddy»

18.25 - Gira Mundo
4º programa

18.55 - O Império de Carson
39º Episódio: Tommy começa a sua campanha e, mais uma vez, conta com Gerard para lhe resolver os problemas

19.20 - Boletim Metereológico para a Agricultura
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorologico
20.09 - Direito de Antena
«Associação dos Maquinistas Navais»

20.15 - Roque Santeiro
38º Episódio: Matilde fica sem perceber a presença de Roque em casa de Porcina apesar das explicações deste. Flô, Malta e Porcina resolvem falar com o padre e pedir-lhe autorização para que Roque possa partir. Padre Hipólito recusa o pedido, o que enfurece Malta. Roberto e Tania namoram em casa. Quando Porcina se prepara para dormir Roque bate, timidamente, na porta do quarto dela.

21.20 - Primeiro Andamento
«Mozart por Maria João Pires

22.00 - Telemundo
22.30 - Se o Amanhã Chegar
3º Episódio

23.35 - 24 Horas
00.05 - Remate

RTP 2

15.40 - As Blue Bell
Último episódio

16.35 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
139º Episódio

18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Formula Um
19.55 - Hitchcock Apresenta...
131º Episódio: Gerald Daniels, está na cela da prisão.
No dia seguinte, será executada a pena de morte a que fora condenado. Mas Daniels afirma estar inocente daquele crime e faz o último pedido a que tem direito: uma máquina de escrerver e papel. Começa então a dectilografar uma carta dirigida a um conhecido jornal onde relata a verdade e denuncia os erros cometidos pelo promotor de Justiça.
Realização: Paul Henreid

20.20 - Os Malucos do Circo
45º Episódio

20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Já Está!
Esta noite José Cardoso Pires falará sobre o seu último livro «Alexandra Alfa», recentemente publicado.
Destaque também para a presença em estúdio dos actores José Viana e Mariema.
Para o auto-retrato foi convidado o actor Artur Semedo. Em foco está, por certo, o seu último filme «O Querido Lilás».

23.55 - As Teias da Lei
7ª Episódio: O processo de uma cliente de Kuzak e motivado por uma operação ao peito está a ser preparada enquanto Brackman se defende a si próprio num processo intentado contra ele pelos seus próprios inquilinos e é condenado a fazer obras e a indemnizá-los. Os inquilinos tentam um acordo, apesar disso, mas Brackman recusa.
Na reunião do escritório, Brackman cria dificuldades aos novos sócios Kelsey e Markowitz. Em casa, mais tarde, Kuzak, acompanhado por Grace, vê na televisão o julgamento da sua cliente.
Grace continua a sentir-se culpada em relação ao ex-noivo e Kuzak diz-lhe que está disposto a dar-lhe tempo... mas ela parece não desejar espaço entre ambos...

No 1º canal às 17.40, «As Aventuras do Ursinho Teddy»

AMANHÃ

RTP-1

10.00 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
18.25 - Os Anos Não Contam
18.50 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro
21.10 - Uma Canção Para Si
21.15 - De Um Natal ao Outro
22.25 - O Programa das Festas
23.00 - 24 Horas
23.35 - Remate
23.45 - Pela Noite Dentro

RTP-2

13.16 - Countdown
14.10 - Agora, Escolha!
15.40 - O Mundo é Um Palco
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Totally Live
19.55 - Hitchcock Apresenta...
20.20 - O Sol aos Quadradinhos
20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Clube de Jornalistas
22.00 - Mancha na Paisagem
23.00 - Troféu

ENSINE O SEU FILHO
Ensine o seu Filho a atravessar a rua nas passadeiras para peões

PRP
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1
Se o Amanhã Chegar

RTP 2
Já Está!

«Roque Santeiro»

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira: 55$00 DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

Carlos Lopes afirmou hoje em Melbourne, Austrália, ter esperanças de ir defender a Seul o título de campeão olímpico da Maratona. Lesões no joelho esquerdo e no tendão de Aquiles têm impedido Lopes de competir, desde Janeiro, mas o campeão olímpico ainda tem alguma esperança de ir a Seul. Lopes reconhece estar longe da sua melhor forma e admite que pesa mais oito quilos do que devia, mas considera poder baixar o peso em dois meses. «Espero continuar a correr até morrer», afirma.

Representou (mal) o Estado na Lusa

José Manuel Barroso exonerado com "raspanete" oficial

O «Diário da República» publica hoje o despacho de exoneração da direcção da agência Lusa do representante do Estado nesta empresa, José Manuel Barroso, responsabilizando-o pela degradação do serviço noticioso.

O diploma, assinado pelo ministro adjunto Couto dos Santos e com data de 11 de Novembro, acusa José Manuel Barroso de não ter alertado a tutela «de forma escrita ou mesmo oral sobre quaisquer constrangimentos ou carências com que a sua actividade pudesse deparar».

O despacho refere que o serviço noticioso da agência «foi-se degradando a pouco e pouco, tendo chegado ao ponto de os órgãos de Comunicação Social noticiarem o facto de, muito embora a agência devesse funcionar durante 24 horas, não haver trabalho redactorial na madrugada».

Além disso, o ministro Couto dos Santos afirma que José Manuel Barroso demonstrou «oposição às obrigações assumidas pelo Estado para com a agência», que constam quer dos estatutos da agência quer do programa do Governo.

O despacho conclui que José Manuel Barroso não deu cumprimento às obrigações de que estava incumbido, adoptando um comportamento que não se enquadraria no perfil que levara à sua nomeação como representante do Estado.

José Manuel Barroso é substituído nas funções de representante do Estado na direcção da agência Lusa por Manuel Sales Grade.

"Os engenheiros técnicos no ano da reforma educativa"

O Sindicato dos Engenheiros Técnicos do Norte promove no próximo dia 12, às 9 e 30, num hotel de Lisboa, um colóquio subordinado ao tema «Os engenheiros técnicos no ano da reforma educativa».

A reunião destina-se a debater o futuro dos institutos superiores de engenharia, ao abrigo da Lei de Bases do Sistema Educativo.

Uma polémica que se verifica há anos sobre o enquadramento daqueles instintos, de ensino médio antes do 25 de Abril e de ensino superior no novo regime.

Por parte de entidades governamentais tem havido a tentativa de os integrar no ensino superior politécnico, enquanto professore, alunos e os próprios profissionais formados por aqueles institutos defendem a sua integração no ensino universitário, ao abrigo inclusivamente do Decreto-Lei 830/74.

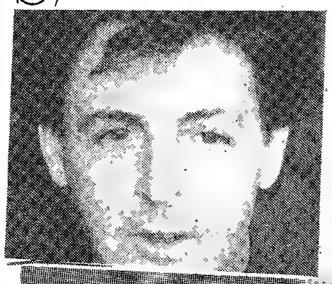
Para o colóquio do dia 12 foram convidados representantes do Ministério da Educação, orgãos de soberania, poder local, dos institutos superiores de Engenharia e de associações sindicais e profissionais ligadas à problemática do ensino da engenharia em Portugal.

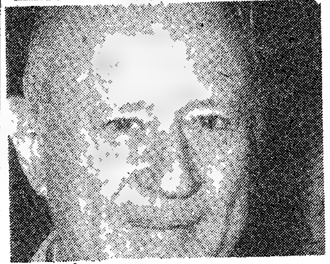
Premiado método português para diagnóstico de rejeição de corações transplantados

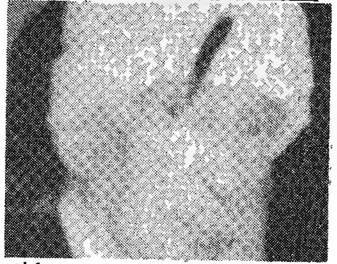
Um novo método para diagnóstico da rejeição de corações transplantados concebido por portugueses, recebeu o primeiro prémio na reunião internacional da Sociedade Espanhola de Cardiocirurgia.

O trabalho distinguido é da autoria dos Serviços de Cardiologia e Cirurgia cardio-toráxica do Hospital de Santa Cruz, com o apoio da LNETI.

/D/E/C/A/R/A/S/







ANTÓNIO, cartonista, lançou no mercado o segundo volume do seu «Álbum de Caras», com quatro «cartoons» de Mário Soares e outros tantos de Cavaco Silva, e ainda cerca de 60 desenhos de personalidades da vida pública portuguesa. Dessas personalidades a esmagadora maioria são titulares de cargos públicos, quase todos ministros, dirigentes partidários e deputados. A maiora dos «cartoons» foram publicados no jornal «Expresso», excepto três inéditos que António desenhou para a exposição que este ano realizou em Macau: Stanley Ho, Carlos Melância e Carlos Monjardino.

JOSÉ CARDOSO PIRES afirmou, ao jornal brasileiro «O Estado de S. Paulo», que «Portugal é um país frustrado e a grande preocupação dos seus políticos é negar isso, porque eles têm aquele optimismo eterno, que tão bem convém aos seus interesses». Ao falar mais da realidade portuguesa do que dos seus livros, Cardoso Pires declara «recear o totalitarismo da Igreja» em Portugal, e que é por isso que a tem criticado: «Os meus receios não são infundados. Portugal, é óbvio, está melhor depois do fascismo. Mas a Igreja caminha a passos largos para ter e exercer uma força brutal».

PAUL McCARTNEY tem seu novo vídeo, «Once Upon a Long Ago» transmitido esta noite, na RTP 2, no programa de Joaquim Letria «Já Está». Trata-de de um vídeo que o ex-Beatle filmou em condições perigosas no Valley of the Rock, para ilustrar o seu novo single com o mesmo título. Para filmar o vídeo, com câmaras instaladas em helicópteros, Paul McCartney recusou um «duplo» para escalar o Valley of the Rock, na zona de Devon, a 200 pés de altitude. «Escolhi este vale por ser um local bonito e selvagem», justificou o ex-Beatle, escusando-se a mais pormenores.

KAULZA DE ARRIAGA, general que até Julho de 1973 foi comandante-chefe das Forças Armadas portuguesas em Moçambique, declarou ontem ao «Jornal das Nove» da RTP 2 que o Governo de Marcelo Caetano já não estava em posição de resolver «o problema português». Entrevistado a propósito do lançamento do seu livro «Guerra e Política», Kaulza disse que, a partir de Agosto de 1973, ele e outras personalidades do regime queriam fazer pressão sobre o Governo, de modo a que Marcelo Caetano aceitasse afastar-se. A 4 de Dezembro daquele ano, porém, durante um jantar em casa do prof. Costa Leite (Lumbrales) — contou — o general António de Spínola desligou-se das demais personalidades que pretendiam actuar conjuntamente sobre Caetano e disse que actuaria à parte, quando entendesse.

SALVADOR DALI estará presente, por obra e graça de esculturas suas, em Lisboa. Hoje, na Galeria da Livraria Barata (Avenida de Roma, 11 A) será inaugurada, às 21 e 30 horas, uma exposição de esculturas de Salvador Dali que estará patente ao público até ao dia 9 de Janeiro. O acontecimento é digno de registo. A apreciação crítica da obra de Dali, com realce para a sua pintura, está feita. A obra de Dali ilustra a sua visão do mundo: «mistura de clássico e de barroco, de monarquia e de anarquia». Salvador Dali nasceu em Figueras, em 1904. Em 1982, o rei Juan Carlos concedeu-lhe o título de Marquês de Dali e Pubol. É um grande de Espanha. E um grande entre os artistas contemporâneos.

TOMÉ PINTO, general Comandante Geral da Guarda Nacional Republicana, despediu-se dos Orgãos de Comunicação Social, oferecendo-lhes um almoço na Messe de Oficiais do Quartel do Carmo. Foram cordiais as relações dos Orgãos de Comunicação Social com o general Tomé Pinto enquanto exerceu o Comando Geral da G.N.R. O antigo Chefe do Estado Maior do Governo Militar de Lisboa num período difícil, vai agora desempenhar o importante cargo castrense de General Quartel Mestre. O seu nome tem sido referido, frequentemente, para o exercício de outros cargos cimeiros na hierarquia das Forças Armadas. O general Tomé Pinto tem uma folha de serviços prestigiosa.

Greve é quase inevitável

Petrogal aconselha consumidores a evitar situações de ruptura

O Conselho de Gerência da Petrogal está a aconselhar os consumidores, nomeadamente os industriais, a precaverem-se contra os eventuais efeitos da greve total de três dias, entre quarta e sexta-feira da próxima semana, e as paralisações parciais entre sábado (5) e domingo (13). Todas as associações sindicais representadas na empresa estão em greve, devido à contraproposta do Conselho de Gerência da empresa sobre aumentos salariais: os trabalhadores reclamam um acréscimo da ordem dos 11,5 por cento, a administração acena apenas com 7 por cento — soube esta manhã o «DL» junto da empresa.

É opinião unânime de gestores e sindicatos da empresa que os combustíveis irão faltar durante aqueles dois períodos, principalmente entre 9 e 11 do corrente, em que a greve será total. Por isso, o gabinete de Relações Públicas da Petrogal recomenda aos consumidores que se abasteçam, de acordo com as suas necessidades, com a devida antecedência, de modo a evitar situações extremas de rotura.

Mas há ainda uma «pontinha» de optimismo quanto à possibilidade de a greve não avançar. Uma fonte das Relações Públicas da Petrogal, depois de admitir que tudo isso aconteceria se não forem tomadas medidas (casos de rotura, falta de combustíveis), pôs uma condição, face a tão negro quadro: «se à última hora não for resolvido».

Associações sindicais e Conselho de Gerência da Petrogal lembram o que aconteceu em 1985, quando os quadros técnicos da empresa paralisaram (gerando uma situação de rotura quase total no abastecimento) e, sobretudo, a greve de 1980, de caos completo no sector. A greve de três dias será de paralisações parciais, já a partir de sábado, de que resultarão efeitos acumulados.

As paralisações e a greve resultam do facto do Conselho de Gerência da Petrogal haver rompido as negociações para a revisão do Acordo de Empresa (AE).

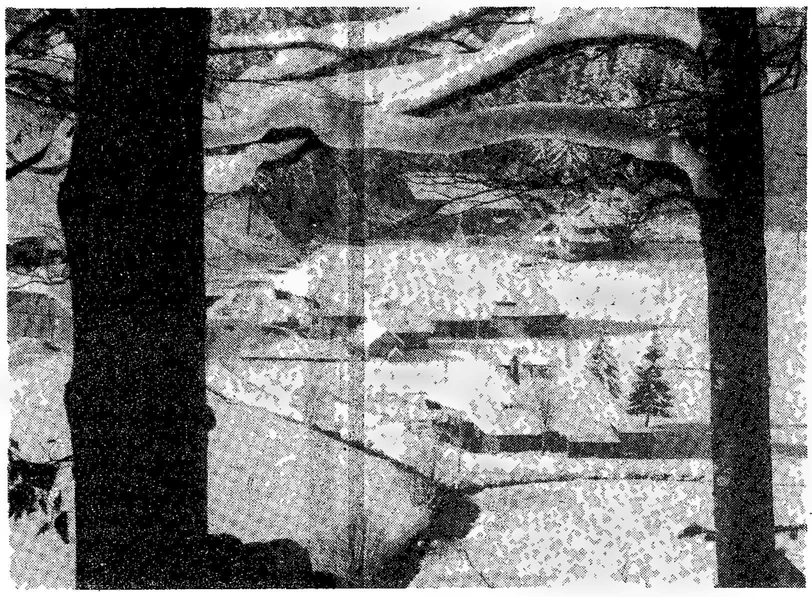
LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 331

Finita, Diário 2, de Maria Gabriela Llansol

Dos prelos da *Rolim* sai dentro de dias *Finita, Diário 2*, de Maria Gabriela Llansol, uma das mais importantes ficcionistas portuguesas contemporâneas. O *Ler Escrever* apresenta hoje aos seus leitores um excerto desse novo livro. Que esta pré-publicação cumpra o seu destino de engodo para que a fazemos.



JODOIGNE, 10 de Janeiro de 1976.

O que Kierkegaard não disse a Regina Olsen, mas que o Mestre da Culpa talvez dissesse a Hadewijch para a arrebatar à sedução de Nietzsche:

Será que lho vou dizer?
E se diante do que quero, ela
parte e me deixa só?
Se ela é quem penso, tomará o
meu espírito livre, a minha
criação do mundo,
o meu corpo
e verá no que lhe quero dizer
o instante e o simples.

Dir-lhe-ia
Vê como vejo. Não quero viver
contigo, nem com ninguém.
Quero ser nómada ou ermita. Ir
ou estar, de modo só. Ocupar-me
na observação do que vejo, e
sinto, e imagino.
Criar mundo no pensamento,
praticar o paradoxo.

Cuidar absurdamente do meu
jardim, limpar o limiar da minha
porta.
Dar forma. Aprender a
linguagem dos pássaros.

De tempos a tempos, vir ter
contigo, humana.
Praticar o rito do chá, a delícia da
tua morada, a claridade do teu
espírito,
o prazer do corpo.

Tu, que não precisas de mim.
Que não chorarás, se eu nao
voltar. Que, na minha ausência,
não te ausentas da tua vida. Que
não auferes prestígio pelo nosso
secreto encontro, que és tu
contigo e gostas do espírito, da
riqueza e dos ritos
e vens encontrar comigo, e vou
encontrar contigo uma forma de
mundo que é bravia, por que é
assim estabilizada no instante.

Poder estar contigo, como estou
comigo observando.
Imaginamos e falamos a
linguagem entre humanos,
comovidos com o mundo, e com
a Graça.

Ensinar-te-ei a falar com os
pássaros,
a vigiar em silêncio a paisagem,
a extrair pensamento do
pensamento, falar-me-ás da
vida depois de esta, da forma
surpreendente que nos projecta
sempre mais longe,
melhor,
fora de nós. Estar sorrindo de
tanta quimera e ver entre os
bordos entreabertos da tua blusa
o arredondado sedoso e apelativo
dos seios
que do teu corpo surgem no meu,
e reparar que o meu phallos
se implanta nos teus lábios
entreabertos.

Tu, que não precisas de mim
nunca me perguntaste que nome
eu tinha,
por que me vestia sem preparo,
nem qual era a minha culpa —;
não, não digas o ————
estás próxima da verdade.

entre **27 de Janeiro/quarta/e domingo.**

na pastelaria terna e feminina:

estamos sentados à nossa mesa, próxima da vitrina, os gémeos astrais que o Augusto e eu constituímos; tudo isto é, afinal, uma aventura da Vontade de Pujança, mas não sei se ela fará avançar o quer que seja no universo; aprendi que o sexo é um motor se se trata de libido, um obstáculo se se trata de posse; a intimidade transborda daí, está finamente em toda a parte porque, tal como a natureza, «elle n'est pas le champ d'un seul savant».

E se nos fragmentássemos?

Une nouvelle personne s'était ajoutée à eux.

Jodoigne, 28 de Janeiro de 1976.

Kierkegaard enviou hoje a Regina Olsen um lenço bordado de despedida.

Arrumou-o na caixa com a respiração curta. É o lenço dos suspiros. Fecho a caixa, e Kierkegaard diz-me que é o lenço de amor entre ele e Regine Olsen. A caixa não é uma caixa de lenços mas uma caixa pequena de música. Hadewijch põe-na sobre a chaminé, neste instante, há a caixa de música sobre a chaminé e há a mesma caixa no paraíso, **no momento em que ela**, Hadewijch, principia a tocar cravo, quando a música pianíssima acaba. O lenço deita um cheiro a jasmim.

Kierkegaard suspende a recordação intensa por prudência, e desvia-me a cara do seu ombro. Só então eu sei Kierkegaard é o último crítico do livro que escrevo, do qual — **A Restante Vida** — ele jamais fará parte, porque todos nós temos os nossos restos à mão, e eu quero conhecer o verdadeiro lenço sobre o qual ela, Regina Olsen, chorou a sua ruptura. Abro a caixa com percussões inconscientes do meu próprio desejo de saber.

Jodoigne, 31 de Dezembro de 1976/sexta.

sonho que, num quarto que não alude a nada, um pássaro pousa sobre um divã; entra um cão negro, possante, o focinho cheio de rugas, como o nariz de Jade quando exprime um sentimento; ao olhar, de novo, a coberta, o pássaro desapareceu. Concluo que foi comido pelo cão de fila, e lamento que alguém lhe tenha aberto a porta da gaiola que está vazia, suspensa da parede.

«O pássaro é, sem dúvida, Rilke», ocorreu-me depois do almoço, no pequeno Café. — «Por que pensas que o cão comeu o pássaro?» — pergunta-me o Augusto. Lembro-me que, nesse momento, associei a inteligência ao conteúdo da chávena. — «Por que não pensas que o pássaro se transformou em molosso?» — De qualquer modo, Rilke devia ser o pássaro: comido pelo molosso, ou transformado nele.

No dia 29, celebrou-se o meio centenário da morte de Rilke (29 de Dezembro de 1926); era Rilke, atestam-no as penas.

Se eu ficasse aqui, indefinidamente a escrever, tranformar-me-ia num tecido puído; desfeita quando alguém, ou alguma coisa me tocasse, deixaria apenas poeira com o brilho das palavras e dos seres.

Casa de Jodoigne, 3 de Julho de 1977

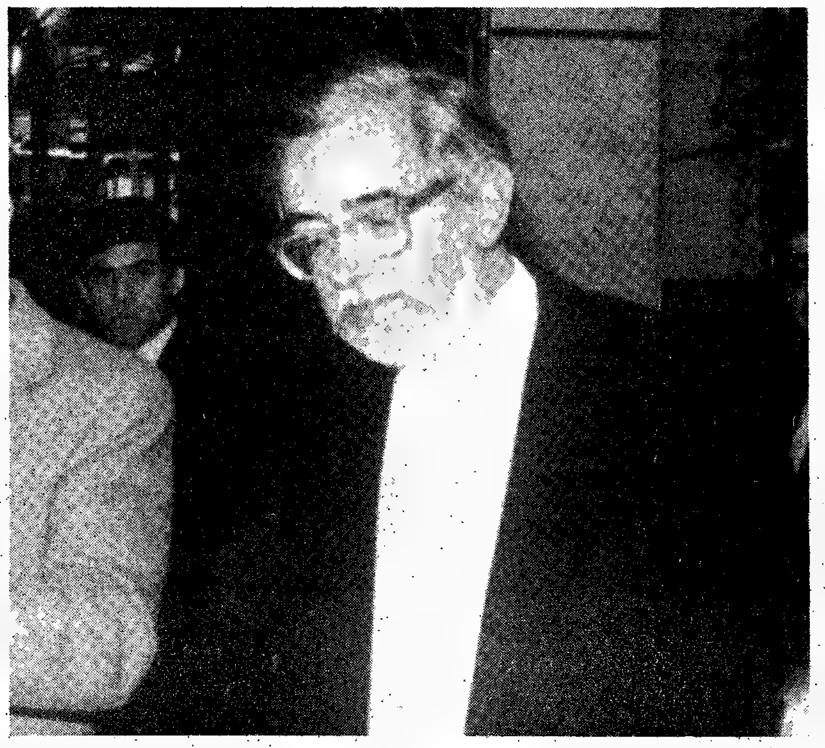
30 de temperatura, às 17 horas

Vivendo aqui no Brabante, não
estou habituada a um dia
com tanto sol, e meu bestiário,
constituído através da duração
limitada e ilimitada se levanta,
e ocupa cada canto desta casa e
de seus móveis.
Um dia acordarei,
e viverei
toda a minha vida;
não a minha vida de meu
nome,
mas essa também
com toda a minha vida.

Maria Gabriela Llansol
Finita, Diário 2, ed. Rolim

Inédito de Ramos Rosa

O poeta António Ramos Rosa ofereceu ao *LerEscrever* um seu poema inédito, *Delta*, que aqui publicamos como antegosto do seu próximo livro.



Delta

por António Ramos Rosa

Vem sobre o solo e sobre a página vem pelos atalhos
deste campo opaco as árvores dormem as coisas estão cansadas
pelas suas sombras mas o íris branco fulgura na hélice dos teus olhos
Estrelas de uma palavra que ressa através da água escura
Árvore outra palavra nas ervas da sombra e do silêncio
Que rumores ouves tu nos joelhos da noite e no sossego circular?
Quem martela as sílabas amorosas na fragrante nudez?
Um diafragma e um pulso vagueiam entre os astros
a substância da sombra rompe os muros e as mesas
Há uma falha vermelha entre as ancas da terra
A tua sombra perdeu-se e a tua espádua é um delta
onde o fogo demora Tangíveis são as velas
que se propagam entre o poder das lâmpadas
Nos teus ombros as primeiras flores e no teu sangue
os animais puros que caminham para os teus olhos
Nas veias da noite as tuas árvores incendeiam-se
Uma voz surda murmura entre os campos de pedra

A bolsa e a vida, Jacques Le Goff, Teorema

PUBLICADO em Paris pela Hachette, o interessante ensaio «La Bourse et la Vie — Économie et Religion au Moyen Age», da autoria de Jacques Le Goff, encontra-se agora divulgado entre nós, em tradução lançada pela Editorial Teorema.

Trata-se de um estado deveras curioso, inspirado pelos princípios metodológicos da Nova História, corrente que tem procurado surpreender a autenticidade do passado através de uma estrutural e meticulosa reconstituição dos tecidos económico-sociais e ideológicos que se vão sucedendo no tempo.

Com o apoio de documentos coevos, historiografia diversa, textos pontifícios e dos doutores da Igreja, consegue efectivamente Le Goff patentear-nos, o que foi o problemático percurso da Igreja e da Burguesia, com vista a encontrar um ponto de razoável equilíbrio entre o originário rigor dos teólogos e as exigências práticas decorrentes da progressiva afirmação histórica do capitalismo.

O século XIII, que Le Goff procura contemplar de perto, é bem o palco onde, com dramatismo, o problema se coloca. Por um lado, com efeito, o notável desenvolvimento económico que vinha processando-se desde o século XI era uma realidade cada vez mais patente e avassaladora, realidade que só no século seguinte, por causas aliás exógenas à economia (peste negra, recessão demográfica...) conheceria contrariedades. Por outro, valores cristãos havia que se sentiam ameaçados, face, justamente à difusão da economia monetária, difusão que, estimulando a «avaritia», concorria para a prática da usura, ou usuras, a que primeiramente os judeus, depois os cristãos irão, de consciência pesada, estar estranhamente ligados.

A bolsa (terrena, temporal, perecível) ou a vida (junto de Deus, eterna) parecia, assim, constituir o grande dilema, face ao que constava, límpido, do discurso eclesiástico («Aquele que ama o ouro não estará isento de pecado» — Ecles. XXXI, 5.)

Uma longa, cautelosa e, em certo sentido, realista (porque atenta à crescente complexidade do tecido económico em que o homem medievo se movia) evolução teológica, cuja presença será progressivamente mais visível, quer na legislação da Igreja quer na das monarquias, irá conduzindo a toda uma série de profundas alterações, as quais, passando pela instrução eclesiástica, pelas sumas e manuais de confissão, permitirão dar corpo a uma nova postura da Igreja em relação à usura e ao usurário. O pecado em questão, para além de poder apagar-se mediante a restituição das usuras, não conduzirá necessariamente à perdição eterna.

Com efeito, concebia-se agora uma sede onde, desde que venial, o pecado do usurário poderia ser expiado: o purgatório.

Le Goff conduz todo este seu original ensaio a partir de uma focalização que tem sempre em vista a especificidade do quadro temporal da Idade Média, quando o pensamento económico não se tinha ainda autonomizado verdadeiramente do pensamento teológico. E fá-lo de forma sempre autorizada, com o apoio seguro de pertinentes citações de textos bíblicos, canónicos, jurídicos e literários. Das suas páginas, resulta bem claro o esforço desenvolvido pela Igreja, o Direito Canónico e a Escolástica no sentido de como que repensar as relações, no âmbito de uma sociedade em mutação, do homem com Deus. Considerado originariamente «roulador de tempo», verdadeiro «ladrão do património de Deus», o usurário iria beneficiar, com o volver dos tempos e o aprofundamento da teorização jurídica, de um tratamento bem mais benevolente...

Pretende Le Goff demonstrar no seu ensaio que um obstáculo de natureza ideológica pode entrevar, ou pelo menos retardar, a afirmação e desenvolvimento de um novo sistema económico. Demonstração que se nos afigura ter ficado feita.

Livro que se lê com empenhado interesse, até pela riqueza de aspectos que nele são contemplados (como o das práticas usurárias dos judeus, as quais muito contribuíram para alimentar o anti-semitismo), complementam-no, como apêndices, três trechos poéticos, alusivos à usura, extraídos de Dante e Ezra Pound.

Manuel Alexandre Alvim

Conjunção Clínica—«O Divórcio de Frankenstein» de Monika Funke Stern.

AS «formações discursivas» de que falava Michel Foucault impregnam literalmente a atitude privilegiada pela nova geração de videastas alemães que continuaremos a retratar. Além da interrogação e da confrontação constantes com a História, esses novos videastas formam uma constelação cujas preocupações percorrem a arte contemporânea e vão no sentido de uma reformulação inédita através da metamorfose sociocultural ambiente, indagando, simultaneamente, o potencial criativo que as sociedades pós-modernas suscitam no processo da existência e do conhecimento.

Nessa dupla exigência surge uma problemática simétrica que o intenso desenvolvimento tecnológico impele e ordena, sub-repticiamente, a uma também resistência da parte do cidadão e do Estado. A ligeireza, perversa por vezes, com que o primeiro acode, reflecte-se na inércia inquietante do segundo. No espaço que resulta desta incoerência irrompe, em tropel e com alto tumulto, uma espécie de gestores financiada pela dor anónima de uns e pelo hedonismo abstracto de outros.

O objectivo de Monika Funke Stern apresenta-se sob a forma de uma denúncia irónica mas real da construção de um «novo» indivíduo, de uma ideia da «imagem» física que este terá de assumir, interiorizar até.

Desde o seu aparecimento e com a resolução do problema da sincronização da imagem e do som, um dos intentos da imagem-vídeo foi a comunicação directa do real. Que os Jogos Olímpicos de 36 tenham sido contemplados na altura confirma senão o realismo intrínseco que a imagem-vídeo recebeu desde esse momento. Foi só mais tarde, aquando da comercialização do vídeo portátil e da divulgação do sintetizador que a imagem, paradoxalmente, acolheu o estatuto de índice além do de índex que já possuía, isto é, ao carácter simbólico e convencional do seu regime semiótico vieram conjugar-se formas referenciais e não convencionais.

A conjunção clínica que presenciamos em «O Divórcio de Frankenstein» ilustra e demonstra que a natureza deixou de ser o horizonte da tecnologia. Esta revela-se criando o seu próprio espaço, atingindo, por sua vez, a faculdade de auto-avaliar-se. A imagem que assim se constrói é enviada aos seus próprios reflexos, multiplicando-lhes as diferenças, provocando e promovendo uma espécie de diálogo entre eles. Daí resulta uma proliferação onde se cruzam germinações, um cortejo infinito no seio do qual a metamorfose desafia o verosímil. A propriedade dessa repetição de artifícios anamorfóticos conduz-nos à constatação de paradoxos com a envergadura do que Monika Funke Stern nos propõe: Frankenstein é obrigado a divorciar.

Pudera! Ele fora senão uma figura criada pela literatura, inspirada pelo contexto electro-mecânico da época. «O Divórcio» provém do facto que o indivíduo agora re-criado não sacrifica o Tempo, inaugura a era positiva das aparências, o idoso re-nasce rejuvenescido. O ancoramento desta dupla repetição faz da tecnologia uma fonte de mocidade. O velho sonho da unidade mítica da ciência e da arte desvela-se-nos. O corpo da esposa de Frankenstein, verificado, remodelado, retocado pela cirurgia plástica reduz-se, após a intervenção médica, à materialidade visível que ilustra. Nela se conjugam três dispositivos: a medicina, a arte e a tecnologia.

O encontro que assim circunscrevemos traz-nos imagens que nos fazem alucinar um corpo racionalizado pela medicina estética, sublimado pela tecno-ciência. Também é sublinhada a procura do instante, não no sentido das portas do instante nietzschiano, mas as daquele que o academismo celebra, o nó em que a verdade da intervenção médica se contrai no anseio mudo de contemplar o Tempo.

Através da manipulação da aparência de um corpo origina-se um outro que é efeito publicitário. A continuidade incompreensível e lisa do tempo verteu-se na perfeição lisa de uma nova pele. O olhar estético da visão académica do médico vem reflectir-se no olhar inflexível da tecnologia rescindindo e arrancando «a contingência do tempo e a produção de figuras subtraídas ao natural para que uma vida eternizada, logo perfeita, se manifeste» (1). A pedagogia em que é versado o academismo transvalia-se nas múltiplas construções retóricas coevas em que a imagem de «moda» prescreve e discrimina tiranicamente as atitudes, ocupando a instabilidade dinâmica dos corpos até «desincarnar a carne e neutralizar a angústia inerente à representação do corpo sem desconcertar a sugestão realista» (2).

Rafael Godinho

Notas

1) — Jean-Pierre Guilerm — «Aux couleurs de la mort — Variations sur la peinture et la médecine dans la critique picturale à la fin du XIXe siècle». Revue des Sciences Humaines, lille III, Médecins & Littérateurs, 1985 — 2, 198.

2) — Michel Thévoz — L'académisme et ses fantasmes — Paris, Minuit, 1980 (citado por J.-P. Guillerm).

SETE PONTO SETE

Não se publicando o **Sete Ponto Sete** *nos dias 1 e 8 de Dezembro, feriados nacionais, o* **LerEscrever** *inclui neste número as secções «Retratos no Teatro» e «Transumâncias»*

Quanto rende a publicidade feita em suportes especializados? Faça a experiência

Alexandre Cabral, camiliano a tempo inteiro

Alexandre Cabral recebeu, há dias, em cerimónia realizada em Vila Nova de Famalicão, o Prémio Camilo, destinado a distinguir quem se tenha evidenciado como estudioso da vida e obra de Camilo Castelo Branco, quer no campo da investigação de carácter científico quer a nível da mera divulgação.

NINGUÉM mais do que Alexandre Cabral merecia tal distinção. São 40 anos de vida dedicados quase em exclusivo a estudar e a divulgar Camilo, naquilo a que muitos dos seus amigos chamam, com certo humor, «uma paixão das antigas».

Entre livros, antologias, separatas, prefácios, artigos em revistas e jornais, conferências, colóquios, entrevistas e depoimentos Alexandre Cabral assinou 163 títulos sobre Camilo...

Isto mesmo foi realçado, na cerimónia referida, pelo prof. padre Manuel Simões, que ao justificar a atribuição do Prémio, lembrou que aqueles 163 títulos falavam por si, sem necessitar «mais gasto de palavras».

Contudo, sublinhou ainda, «num país como o nosso, em que somos tão remissos em reconhecer e louvar condignamente e a tempo os verdadeiros 'operários do alfabeto', como de si próprio escrevia Camilo, bom é que nos demoremos um pouco mais, explicando os porquês desta homenagem».

Por nos parecer que esta afirmação tem todo o cabimento, «Ler e Escrever» transcreve largos excertos da comunicação do prof. padre Manuel Simões, intitulada *«Alexandre Cabral, camilianista a tempo inteiro»*.

Rigor

(...) Sei que Alexandre Cabral, por índole e formação, é alheio a qualquer pequena vanglória. E sei também que vai entender quanto dele aqui se disser como reconhecimento sincero e amigo — mais apreciável por vir de oficiais do mesmo ofício — pelo muito que já fez, e como estímulo para continuar, sem desfalecimentos, a obra empreendida.

Quanto ao título destas reflexões, terá reparado mais que um dos meus ouvintes que não me pertence. Aqui dou o seu a seu dono...

O professor Jacinto Prado Coelho, grande mestre e inspirador de camilianistas, primeiro destinatário, a título póstumo, neste mesmo lugar, em 18 de Novembro de 1984, do Prémio Casa de Camilo, no prefácio da segunda edição da sua monumental *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana* (Lisboa, INCM, 1982) discorre sobre a bibliografia em torno de Camilo nos últimos trinta e cinco anos.

A conclusão a que chega é a do predomínio de duas tendências que já vinham de trás: a biografista e a psicologista.»

A essas duas tendências (personificadas por Aquilino Ribeiro e Sousa e Costa) contrapõe-se em resumo uma terceira. O prof. Manuel Simões lembrou o que, a propósito, escreveu Jacinto do Prado Coelho:

«Na hora actual, sobressai como camilianista a tempo inteiro, Alexandre Cabral, empenhado não só em nos apresentar uma biografia mais exacta e um desenho mais verídico da personalidade de Camilo mas também em estabelecer nexos esclarecedores entre a vida, a época e a obra novelística, e finalmente em divulgar textos camilianos, dignos de antologia uns, menos lembrados outros.»

Enumeradas em seguida as obras de Alexandre Cabral publicadas até então, formula Prado Celho o seu juízo global, parecendo-lhe tratar-se de um «conjunto que se impõe pela riqueza de informação e pelas propostas interpretativas». (p.21, 22)

Lenda e realidade

Deixando depois de citar Prado Coelho, afirma o prof. Manuel Simões:

«Todo o esforço de Alexandre Cabral desde as aturadas investigações bibliográficas, tantas vezes levadas a cabo nas mais precárias circunstâncias, até ao estudo da inter-relação vida e obra do novelista, teve, antes de mais, um fim bem determinado: tentar restituir, quanto possível, o Camilo da vulgata corrente à sua real estatura de homem e de escritor.

Alguns dos camilianistas que o antecederam — e a quem constantemente ele se confessa devedor — parece terem reinvindicado para si próprios o dom da infalibilidade. As seitas camilianas tiveram também os seus fanáticos! O que sucedeu é que construiram um Camilo parcialmente deformado, consoante os gostos e ideologias de cada um.

O leitor desprevenido ao deparar com os diversos Camilos: revolucionário, contra-revolucionário, miguelista, liberal, ateu, místico — e utilizo apenas alguns dos epítetos que correm impressos em letra de forma — dificilmente se convenceria tratar-se apenas de um só homem de carne e osso!

Alexandre Cabral combateu sempre a lenda camiliana — essa hidra de sete ou mais cabeças — baseado em sólidos fundamentos. Isto é tanto mais de admirar quanto, possivelmente, o Camilo assim restituído ao natural nem sempre coincide com os valores da sua mais íntima convicção pessoal. Mas isenção é isso mesmo, segundo o velho prolóquio: amicus Plato, sed magis amica veritas!

A propósito de «Camilo e a Lenda», vejamos a confirmação de quanto fica dito, com as palavras do próprio investigador:

«A vera biografia de Camilo Castelo Branco, porventura o maior e mais fecundo 'operário' dos que andaram a 'alqueivar os maninhos' das letras portuguesas, apresenta, em alucinante cadência, uma sucessão de episódios caldeados de humor e dramatismo que é uma abusiva redundância servirem-se os panegiristas da filigrana da lenda com o fito de a enriquecer. Acontece, pelo contrário, que a memória do romancista fica empobrecida, por inverídica, desaparecendo a pureza histórica dos sucessos verdadeiros, comprovados por documentos ou por uma lúcida dedução dos factos, sob os foscos ouropéis de pechisbeque. E, contudo, perante a vertigem de uma existência à desfilada no tempo, reconhecemos os perigos e a tentação em que ingenuamente caíram alguns biógrafos apaixonados.» **(Estudos Camilianos-I**, Porto, Inova, 1978, p.13.)

Na introdução às «Novelas de Camilo» pinta-se contrastadamente o seu retrato, já liberto dos limbos fantasiosos da tradição:

«É simultaneamente bom e mau, pérfido e corajoso, arrostando sempre com a irrascibilidade do seu carácter e o demónio que continuamente o estava empurrando para a senda viciosa. Abraça a religião e considerava-se ateu. Ultraja o burguês, ofende a moral da época e, todavia, **defende-a** nos seus romances.» **(As Novelas de Camilo Castelo Branco**, Lisboa, Livros Horizonte, v.I, p.15.)

A relação entre vida e obra, que desorientou até os estudiosos mais conspícuos, é situada no seu justo lugar:

«Na verdade, escreve Alexandre Cabral, não têm conta as passagens da sua vastíssima obra em que se descortina o pormenor autobiográfico (assim como a referência a sucessos da época, a pessoas das suas relações, etc.) transfigurado quase sempre, umas vezes pelas exigências estéticas do novelista, outras pela necessidade de fazer corresponder a verdade dos factos à sua realidade psíquica.»

«Por outro lado, escreve-se mais adiante, o clima emocional da época foi absorvido pelo mundo novelístico de Camilo e, nessa atmosfera de grandezas e misérias, as personagens movem-se tal como acontece com o seu criador, não só pelos impulsos próprios mas também pela estimulação, digamos, do meio mórbido em que viveu. E um clima em que se confundem os mais antagónicos sentimentos: desprendimento e avidez dos bens materiais; pureza e ignomínia; endeusamento da mulher e adultério; exaltação carnal e mística.»

Com rara penetração, Alexandre Cabral resume tudo isto que ele chama com razão «insólita antinomia.» A vida quotidiana — sem dúvida manifestação hipócrita de abominável cumplicidade — traduziria um insuspeitado e remoto desejo de perfeição na pureza de sentimentos expressos na literatura. **(Ibid.**, pp.16 e 17.)

Adultério

Dada a brevidade do tempo, não é possível expor aqui, detidamente, todo o contributo de Alexandre Cabral na restituição da **vera facies** camiliana, liberta da tradição lendária.

Vou limitar-me a pouco mais do que uma enumeração inventarial, demorando-me algum tanto nos pontos que se me afigurem de maior importância.

Comecemos por Camilo guerrilheiro. Alexandre Cabral mostra à evidência a falsidade do auto-retrato, a despeito das páginas heroi-cómicas das Memórias do Cárcere e da bela evocação de Mac Donnell. **(Boletim da Casa de Camilo, III série, n.2, p.7.)**

As poesias atribuídas à irmã Carolina são de facto obra de Camilo, (**Boletim citado**, n.3, p.55.)

Maria José, irmã de Ana Plácido, não morre no Porto em 1859, como se tem escrito, mas em Braga em 1858. **(A Via Dolorosa**, Lisboa, Livros Horizonte, 1979, p.39.)

A Freira no Subterrâneo não é da autoria de Camilo que se limitou, de facto, a traduzi-la do francês. **(Boletim citado**, n.4, p.7.)

(...) Manuel Plácido era filho de Ana Plácido e de Camilo e não de Pinheiro Alves ou de Ferreira Quiques, conclui Alexandre Cabral na longa e bem elaborada introdução aos telegramas trocados entre dois amantes.

Aliás o devaneio amoroso com Ana Plácido começou ou recomeçou não em 1857 ou 1858, mas em 1856. **(A Via Dolorosa**, passim.)

Durante o processo de adultério, o pequeno Manuel acompanhou a mãe. Ele era de facto o verdadeiro e insofismável corpo de delito e não as alegações dos autos. Contudo Pinheiro Alves — que aliás nunca quis saber da criança para nada — não podia afirmar que era filho de Camilo, porque isso seria afrontar-se ainda mais, diante dos honrados comerciantes do burgo portuense. Camilo, por sua vez, não podia de maneira nenhuma reivindicar a paternidade, porque a confissão o levaria, sem remédio, às costas de Africa.

Chamava-lhe filho do seu coração, como explicou em carta a Sena Freitas. Mas esta paternidade metafórica não se opõe à outra e está nela incluída.

Venhamos agora à luta pelo viscondado. Não foi tanto por vaidade nobiliárquica — Garrett e Castilho não valiam mais do que ele — nem para acautelar o futuro do filho louco (Jorge) que Camilo requer, insistentemente, durante quinze anos, o título de visconde, aliás, sempre indeferido pelo monarca porque, como lhe comunicou o Bispo de Viseu que não tinha papas na língua, o glorioso escritor vivia renitentemente amancebado!

Camilo, escreve Alexandre Cabral, com o título reclamava sobretudo o seu direito à reforma de quarenta e cinco anos de «grilheta da pena.» **(Estudos Camilianos-I**, p.107, ss., e **As Novelas de Camilo Castelo Branco**, p.37.)

Profissional

(...) Alexandre Cabral insiste em que Camilo foi, conscientemente, como ninguém, um profissional das letras, sendo este profissionalismo que o singulariza como escritor.

O caminho seguido foi a actividade jornalística, por onde Camilo começou, e à qual se manteve fiel até ao fim.

Alguns dos seus livros saíram em folhetins, nos jornais. Quanto às obras em fascículos, seriam uma «forma espúria mas válida e legítima de actividade jornalística, com o objectivo de preencher o vazio que a sua ausência nas redacções ameaçava cavar entre o escritor e o público.» **(Páginas quase esquecidas**, Porto Inova, 1972, v.I, p.12.)

Esta actividade jornalística é responsável ainda, segundo Alexandre Cabral, pela maneira tumultuária e pouco disciplinada dos seus métodos de trabalho como o é também pela mordacidade, tão em voga no periodismo da época.

Chama ainda a atenção para a actividade de tradutor e, por extensão, de prefaciador e anotador de textos. Esta permite avaliar, com sólidos fundamentos, o grau de influência que tais obras alheias exerceram na consolidação dos alicerces da cosmogonia romanesca camiliana e, porventura, da sua formação ideológica. **(Ibid.**, p.13.)

Teríamos assim o jornalismo e as traduções como o grande ginásio apurador do estilo e das ideias.

Religiosidade

Em várias passagens dos seus escritos, Alexandre Cabral sublinha a importância da religiosidade na obra de Camilo. E, creio eu, um testemunho insuspeito que merece evidenciar-se, porque sem religião e as suas exigências morais, de facto, os conflitos da novela camiliana são incompreensíveis.

A instabilidade de opinião, tão bem expressa em carta a Vieira de Castro, julga o investigador que provém do dilema da sua existência: dum lado a fragilidade da formação filosófico-moral; do outro a experiência da vida. Daqui a oscilação pendular entre os princípios dogmáticos arreigados no seu espírito, desde a infância, e a necessidade de imposição ou afirmação e sobrevivência sociais que se lhe opunham.

Conflito agudo sem dúvida, escreve Alexandre Cabral, imbróglio contraditório de sentimentos e opiniões, devendo ressalvar-se «a fidelidade permanente aos postulados originais de índole sacrálica».

«Em suma, a despeito das vicissitudes biográficas (...) Camilo Castelo Branco jamais se desviou, sequer uma polegada, da essência doutrinal, emanada dos princípios proclamados pelos mestres modernos do Cristianismo.»

Eu não diria tanto. Em todo o caso concordando com a fidelidade global de Camilo ao Cristianismo, mais de ordem sentimental e emotiva que dogmática, agora sim subscrevo plenamente as palavras de Alexandre Cabral; quando escreve:

«Camilo deveria ser considerado, quando muito, uma ovelha tresmalhada, que suportava com irreverente independência a voz áspera do pastor, e cujo espírito irrequieto se não sujeitava à mansuetude do aprisco.» (*Páginas quase esquecidas*, p. 31-35).

Correspondência

Termino com uma referência muito particular à *Correspondência de Camilo Castelo Branco* que Alexandre Cabral iniciou há três anos e que, esperamos, leve depressa a bom termo.

Trata-se, segundo a longa introdução do primeiro volume, de «autêntica loucura» como ele próprio confessa, embora se trate por outro lado de «honrosa e patriótica missão».

Ainda bem, dizemos nós, que o «doido benemérito» foi este e não qualquer outro, menos conhecedor ou mais aventuroso!

Já em 1923 o modesto e sabedor Júlio Dias da Costa considerava que nas cartas é que aparecia Camilo de corpo inteiro, com suas grandezas e misérias. Por isso entendia que todas elas deviam ser publicadas, sem exclusão daquelas que porventura o deixem em situação menos primorosa quanto às qualidades do seu carácter.

De facto, estudar Camilo não tem por fim dar-lhe um lugar cativo no *Flos Sanctorum* e fazê-lo assim entrar no reino dos céus!

Afastada, por improcedente, a acusação de «coscuvilhice», Alexandre Cabral vai enumerando a confraria dos «seráficos e pudibundos camilómanos» e dá largas à sua indignação exclamativa: «Como é obsoleto o puritanismo lusitano que pratica os maiores vandalismos culturais a coberto de uma perturbada e desconcertante inocência!»

Manuel Simões ainda se debruçou sobre outros aspectos do trabalho de Alexandre Cabral, que não podem ser transcritos dado o condicionalismo de um suplemento de jornal no que ao espaço respeita. Registamos apenas que terminou a sua comunicação incitando Alexandre Cabral a que, «para honra de Camilo e da cultura portuguesa, não desista do lema que o tem norteado até aqui».

A memória do esquecimento

Por Fernando Campos

«LEMBRAVA-SE apenas de que se esquecera... ou esquecera-se de se lembrar. Que queria? Fraca memória a sua!» suspirava. «Os anos!...»

Fernanda tinha muitas vezes comigo este desabafo e eu tomava-lhe a preocupação, procurava colar-lhe os restos das lembranças, reconstituí-las em mantas de retalhos, a tentar conservar o calor das veias, a cor das faces, o brilho de um olhar, o tom de uma voz, o latejar dos corações atingidos pelo gelo do tempo que chegou ao seu limite... Procurar trabalhar a matéria perpetuável, no limiar do eterno... e transpô-lo! Tomar o esquecimento e recolocá-lo na memória! Repor a memória no pedestal do esquecimento, na cidade indiferente e distraída... nas cidades, vilas, aldeias e lugares distraídos e indiferentes por onde Silva Lisboa espalhou a rodos a fantasia e o riso!... Antes que o verme pontual e infalível roa com suas mandíbulas tenazes os últimos músculos putrefactíveis, ainda vivos, que o sal do artista fez contrair num sorriso, vibrar e estalar numa gargalhada. Fixar as recordações para ao menos essas se não transformarem em cinza!... Descuidados que somos até da única certeza indesmentível! Dir-se-á não querermos acreditar que nascemos mortais. Surpreende-nos sempre desprevenidos a notícia da morte. A carta, o telegrama que nos bate à porta quando se está longe. O telefone que toca como tantas vezes rotineiras...

— Está?

— Fernando?

— Sim.

— É para te dizer que o avô...

O gesto lento, interiorizado, de pousar no descanso do telefone. Então aquele foi mesmo o último suspiro?... E aquele corpo vai arrefecer?...

Do espantoso lance teatral inesperadamente surgido no cemitério junto ao corpo exânime do actor, ao fechar do caixão, quando o padre pronunciava as últimas encomendações, lançava as derradeiras aspersões de água-benta, traçava no ar a cruz do *requiem* e um coveiro avançava com a pá de cal viva, far-me-iam relato mais tarde os parentes que assistiram. Estranha realidade: nenhuma das versões é coincidente! Eu encontrava-me no norte, para lá dos montanhas, desmaiava Setembro. Grande a azáfama do abrir das aulas. A mulher, pesadona, a três meses do fim do tempo. Eu não possuía ainda carta nem carro nesse tempo e a única possibilidade de me deslocar para ir assistir ao enterro era aquele comboiinho de brincar que levava meio dia a chegar, depois de fumegar e resfolegar as voltinhas gaiatamente apitadas, trepando a montes de vento e lobos, espreitando telhados isolados, adormecidos em vales perdidos, bordejando pegos e córregos de vertigem. Apareciam os pais a trazerem os filhos para o internato, os professores vinham pelos horários e as cadernetas. Tudo eu fazia ali, naquele colégio que era de brincar como o comboio. A única coisa bonita que tinha era estar alcandorado nas velhas muralhas medievais bordadas de lírios a olhar o rio largo e lento sob a ponte de Trajano. De resto achava-me praticamente só num barco a naufragar. Trinta alunos que mal davam para as despesas, um sócio que fugira mal cheirara o descalabro, deixando-me com as suas dívidas. Director, prefeito, administrador, professor de tudo e mais alguma coisa — português, francês, inglês, desenho, treinador de jogos —, para evitar ter de pagar a outros aquilo que eu não recebia. Vinte e seis anos de idade... a construção do meu futuro!...

O telefone tocara no meio da barafunda do início do ano lectivo e das preocupações. «Não se deve expor a uma tal viagem agora», foi a proibição do Dr. Mário Carneiro. «Nem pensar!» Ela concordava, virava-se para mim: «Tu... Também não podes ir. Não há ninguém para te sutituir no colégio.» Foi assim que não estive presente no funeral de Silva Lisboa. Escrevo *Silva Lisboa* e não *meu avô* porque, como narrador que conta os factos muitos anos volvidos, desejo aproveitar esse distanciamento para ganhar a perspectiva e imparcialidade possíveis e desfazer a natural emoção. Silva Lisboa e Albertina, Raquel e Alberto Tavares, Fernanda e Alberto Campos... e Mário... e Ana de Jesus... e Maria José... e João... e Josué... e a desconhecida... Pessoas, personagens de romance.

Lembro a última imagem que dele me ficou. Chegara o fim de Agosto e partíamos, eu e Maria Olga, com as duas filhas, acabadas as férias grandes, para o nosso castelo roqueiro, por causa da abertura do colégio. Fomos ao quarto dele despedirmo-nos. Olhou-nos com um sorriso a disfarçar o ar triste, sentado na borda da cama, seu pijama de flanela azul às riscas.

«Mostre-me as suas mãos!» recordo-lhe a voz dirigindo-se à Maria Olga. Pegou-lhas vivamente quando ela as estendeu de costas para cima. Gostava de falar com ela, que tinha muita paciência para o escutar, lhe fazia atenciosa companhia quando lá passávamos uns dias. Deixava-a arrancar-lhe pormenores da sua vida que a mais ninguém confidenciara. Talvez porque mais ninguém lhe fazia ou ousava fazer perguntas ou se sentia à vontade para lhas fazer. Pairava no ar um certo receio de se virem a descobrir realidades penosas que fossem contra as conveniências. Ela, sim. Sentia-se desinibida à beira dele, a conversar com ele. «O visconde de Cairu?» surpreendi-a uma vez a perguntar-lhe. «É verdade» respondia ele. «E o pai?... Como é que o vovô soube?...» tornava ela. E ele lá contava, com a voz um pouco sumida, à puridade, a estranha história...

Flanela azul às riscas... sentado na borda da cama... o faiscar do anel no dedo mindinho... Basta um pormenor para lhe avivar a imagem! Ela estendia-lhe as mãos de costas para cima.

«Ah! É um rapaz! Vou ter um bisnetinho!»

Mas a vinte e seis de Dezembro nascia uma menina que ele já não pôde conhecer. Foi por isso que não desci esse Natal ao Porto. Tampouco pela Páscoa me fiz à estrada. Tinha entretanto tirado a carta e comprara um carro, motorizando-me, fazendo preito ao progresso. Só lá para os fins dos exames, em Julho, princípios desse outro Agosto, de cinquenta e seis, cheguei do nordeste, nos olhos ainda a longa negra fita de alcatrão ou para-

lelipípedos a enrolar-se no galgar dos quilómetros, nos rins o cansaço das intermináveis horas sentado ao volante do Volkswagen, que vinha todo vomitado das voltinhas do Marão.

Foi António o primeiro que falou. Não porque sentisse necessidade de abordar o assunto. Aliás, posteriormente, quando eu já me encontrava senhor dos acontecimentos, compreendi aquele como que preconceituoso pudor da família em rodear o caso de um espesso mutismo. O que o fez falar foram as circunstâncias... «Aí estava ela! Não, não olhasse ainda, para não dar nas vistas!... A mesa da terceira fila, atrás de mim...»

Animava-se o café àquela hora, onze e meia da manhã, acabada a missa. Homens fumando, chávena vazia à frente ou por instantes aflorada aos lábios, jornal aberto, folheado, saboreado. Fatos cuidados, na ausência de nódoa ou enxovalho, no vinco recente da calça. Barba escanhoada, camisa lavada. Catarro matinal, tabacal. Aos pés de um deles, cabelo ralo todo lambido de brilhantina, para trás, cara chupada, o macaco coçado, os tornozelos escanzelados a saírem das peúgas lassas e do calçado cambado, faz o engraxador chiar e estalar a tira de pano lustroso ao polir do sapato. Dá-se um casal ao luxo da fofa loira torrada com manteiga, em palitos, lambuzando os dedos. Os dela são papudos e brilham de jóias. Por detrás do tinir das chícaras, pires e talheres, das vozes dos empregados de mesa a comunicarem ao bufete os pedidos dos clientes («Sai um galão!», «Três pingos e um copo de leite com canela!»...), por entre a névoa que paira no ar, misto de fumo e de vapor que embacia as vidraças, vêm de fora as vibrações do tanger dos sinos. Coisa concreta, que quase se corta à faca, a respiração e o perfume domingueiro.

«Que semelhança!», continuava António. Enquanto o escutava, eu ia esperando a oportunidade de me voltar para trás. Aparecia por ali muitas vezes, no Amial, dizia a voz dele. Morava talvez perto ou então andava a espiá-lo, a persegui-lo. Isto pelo menos era o que insinuava sua mulher, a Catalina, desconfiada... Cruzava com a desconhecida na rua, nos lugares mais diversos e imprevisíveis da cidade, na Cordoaria, na Avenida dos Aliados, na Lapa. — Olá, sobrinho! — palavras dela no ar quando passava... As feições um pouco menos amaciadas mas muito parecidas com as de Fernanda e com um retrato antigo que ele vira da avó Ana... Teria aí uns vinte e dois anos. Parece que aquilo fora caso acontecido aquando da morte de Raquel... Estranha coincidência! O nascimento e a morte! Para Silva Lisboa tornara-se motivo de funda meditação. Albertina, porém, não podia admitir a junção dos dois factos, das duas dores a lancear-lhe a alma. Em cima da perda da filha, aquilo!... — Olá, sobrinho! — Que queria tudo isso dizer?...»

Levanto-me.

— Vou comprar qualquer coisa e depois venho olhando de frente — digo, deixando António a puxar de um cigarro. Caminho até ao bar. «Uma caixa de fósforos, se faz favor.»

O gesto mecânico do empregado, olhar distante, rosto enjoado, passando o pano sórdido sobre o mármore do balcão, os ombros e a cabeça recortados na superfície polida do grande espelho que corre a todo comprimento da parede. Procuro nos retalhos de imagens, entre prateleiras de garrafas, reconstituir o cenário atrás de mim, enquanto pago os fósforos. No embaciamento daqueles estilhaços de prata velha a custo reconheço António sentado à mesa e, três filas além, a mancha de um vestido claro, uma vaga sombra de mulher que se ergueu e se afasta. Volto-me para regressar. E este voltar-me...

Como o virar de página do tempo! Trinta anos transcorridos!... Aquele meu voltar-me para não encontrar ninguém! Apenas uma mesa vazia. No pires, junto à chávena, um guardanapo de papel amarrotado, uma ponta de cigarro esmagada... Perdi para sempre a ocasião de alguma vez me encontrar com ela? De saber quem era?... Os anos desataram a transformar em húmus e a diluir em éter, numa vertigem, aqueles que foram protagonistas ou meras testemunhas desses insólitos acontecimentos. Caíram na voragem novos e velhos: Silva Lisboa, Albertina, outros... Os que ficaram, ainda quando aqui e ali roçaram por eles vestígios vivos desse passado, fecharam-se numa cómoda ausência de curiosidade ou uma estudada distanciação e apatia. Como que acabaram por esquecer.

Nem esquecer-me nem lembrar-me podia eu. Factos que mal conhecera fragmentariamente esbateram-se em nebuloso fundo de outras preocupações que vieram relevar-se longos anos, em nitidez e luz, na ribalta da vida. Andanças de errante saltimbanco do ofício de professor... Terras distantes escondidas nas voltas das estradas, no tramontar das serras... Muralhas tisnadas dos séculos e dos sonhos, vigiando a veiga expectante e úbere do vale imenso... Perfumes e cores exalando-se do seio do oceano da ilha perdida como nenúfar que floriu no cume de um vulcão extinto... Banho de brancura luminosa, olhos magoados da claridade do céu e da cal de paredes e açoteias mouriscas... Maresia ribeirinha de gaivotas e traineiras ondulando no porto fenício... Até vir aproar na cidade de Ulisses a lustrar-me de rosa... Que me chamou então de novo, decorrido tanto tempo, a atenção para o mistério?...

«Toma!», disse-me Fernanda um dia ajoelhada no chão à boca da antiga mala abaulada, enquanto me ia entregando livros, embrulhos, velhas fotografias. «Esta mala! Viajou connosco tantos anos por todo o lado!...» E parava, cansada, com as mãos no regaço, o olhar tresmalhado no passado. De súbito acordava e tornava a mexer na papelada. «Estes são os álbuns dele. Que canseira miúda e aturada! As mãos dele! Estou a vê-las, habilidosas, a recortar, a colar... Que paciência! Coligidos quase dia a dia, recortes de jornais, postais ilustrados, recordações dos teatros em que actuou, de amigos, artistas, personalidades que conheceu... O desnovelar da vida!... Tudo passou!... Olha aqui! Em nove cadernos. O diário de Raquel. Hás-de lê-lo. Anotava tudo em papeizinhos que depois ordenava. Só então se lançava a redigir. Começou-o tão nova! Catorze anos!... Já tudo lá vai... e eu tão velha!... E quase cega!... Da vista esquerda não vejo senão sombras...» Pegava num álbum de postais, fotografias, folheava-o, o olho direito quase chegado ao papel, a mão afastando os óculos para a testa a fim de poder ler as legendas: «Avenida do Jardim Botânico», «Cascatinha da Tijuca», «Olinda«... E num suspiro: «Viajámos muito!«... Voltava à mala: «Papéis... Depois tu verás o que isso é... Um maço de cartas...»

Dou comigo a folhear, a examinar todo esse material, primeiro descuidadamente, depois com cres-

Continua na pág. 5

Continuação da pág. 4

cente interesse. E então aquelas vozes antigas acordam-me na memória e eles, vindos da bruma, surgem-me na retina como se estivessem presentes... e recordo o que me disseram quando ele foi a enterrar.

E eu também sofro disso,
mas não estou pra me ralar.
Portanto, pra festejar
o seu grande aniversário,
logo mais vou entornar
três copos, vinte... um rosário!

Triste sorriso dentro de si, que se não comunica à superfície do rosto. Uma homenagem estas redondilhas! Alinhavara-as recheadas de tantos sinais e traços da vida dele! A imitação do estilo de versejar de Silva Lisboa, a alusão jovial e resignada à falta de dinheiro, mal endémico de que ambos sofreram pela vida fora, aquele *logo mais*, amável toque brasileiro a lembrar dias de glória, felizes... O pensamento é-lhe cortado por algo que ali está a acontecer. A menina aproximara-se num silencioso desfiar de lágrimas, inclinara-se a beijar a testa do morto e só os que estavam muito próximos lhe ouviram o débil balbuciar entre soluços: «É a tua última máscara, paizinho!»

Tomara-a pelos ombros a tentar sossegar-lhe a dor. «Então! Então!» dizia-lhe baixinho enquanto a levava para lá da gente, dos ciprestes. «É preciso coragem! A vida é assim mesmo!...» Uns dezassete aninhos tão formosos e delicados! Lembrava-lhe Fernanda quando casara em 1919... Agora que eu o trouxera a contar-me esses acontecimentos, estava-se-lhe afigurando haver certo relacionamento entre o nascimento dela e esse como alor de fuga de Silva Lisboa ao abandonar o seu trabalho n'*O Século* e regressar ao teatro em 1938 com sessenta e dois anos de idade. Voltar ao teatro significava sair do Porto, não parar em terra nenhuma, estar sempre longe de tudo... Era escapar-se à sua consciência, que o andava remordendo?... Alberto caía em si. Não tinha a certeza de que as coisas se tivessem passado assim, que essa fosse a interpretação verdadeira...

«Olá! Pst! Eh! Meninos!» esganiçava-se a mulher à janela da casa, gesticulando a chamar a atenção das crianças que brincavam lá em cima no terraço. Havia um vão de uns cem metros de traseiras a traseiras. Em baixo corria o talho esguio e comprido, sombrio e húmido, de um terreno murado que havia muito não recebia amanho e se não sabia se tinha sido jardim ou horta ou as duas coisas, entalado entre um armazém de mobílias, de que se via apenas o telhado de lusalite cheio do lixo, atirado dos andares de cima, e as costas, cegas de janelas, de uma ilha de seis casas pequenas arrimadas umas às outras, as chaminés negras alinhadas como soldados em parada. Bom miradouro o terraço da avó Fernanda! Era por volta de 1963. Aí gostavam as crianças de brincar, nas traseiras do Largo da Lapa, e deitar os olhos ao longe por sobre os telhados da cidade. Lá se boleava a calote esférica do Palácio de Cristal, se espetava a alta coluna do monumento à Guerra Peninsular, na Boavista, rebrilhava a fímbria azul do mar ao fundo, para as bandas da Foz, de Matosinhos!... Em primeiro plano as retaguardas feias e sujas das casas velhas da Rua da Senhora da Lapa, o morro granítico e negro que dá o nome ao sítio, com um terreiro alcandorado no topo e escadinhas de vertigem coladas à rocha talhada a pique, pombas

que arrulhavam nas reentrâncias esquinadas do alcantil, olhando do alto os talhões rectangulares dos jardins e quintais, os limoeiros perenes — botão a desponta, flor aberta, frutos verdes a medrar, grandes amarelos limões a brilharem por entre a folhagem escura, lustrosa —, uma pereira raquítica, roseiras a afestoar os muros... e aquela palmeira alta, fina, que o vento gostava de desgrenhar e onde à tardinha se reunia a pardalada do lugar num chilreio alegre e tagarela antes do adormecer. Manhã cedo, bem sabiam eles, os pardais, havia de aparecer Alberto com uma manta de retalhos pelas costas por causa do nevoeiro fresco — «O Porto é a Londres portuguesa» rezava a nossa impersonalidade — a bater no prato de alumínio, a trazer-lhes migalhas, restos de comida...

«Eh! Meninos!» esbracejava a mulher procurando atrair-lhes a atenção. Eles olhavam então para lá, as cabeças dos mais pequenos mal atingindo o parapeito da sacada. Acenava-lhes ela com a mão a dizer adeus toda sorrisos. Correspondiam risonhas as crianças. «Ai que amorzinhos!» desfazia-se a mulher, comovida. «Eu ainda sou vossa tia!...»

Porque só agora, vinte e quatro anos passados sobre esse episódio, é que ouço falar dele? Porque só agora, que começo a instar com perguntas, que me ponho a interrogar a memória das pessoas, me falam de que também, surpreendentemente, a geração dos mais novos, dos que ao tempo dos sucessos ainda não eram nascidos, me pode trazer vestígios concretos do passado?... Tinha Necas, outro bisneto, cerca de quinze anos, frequentava o liceu. Catalina recorda-se de que um dia o filho chegou a casa e contou que uma colega o abordara durante um intervalo de aulas no corredor e lhe disse: «Sabes uma coisa engraçada? Eu sou tua prima.» Julgara tratar-se de uma brincadeira e não ligou importância ao caso... e esqueceu-o mais ao nome da moça, de quem de todo se perdeu o rasto...

Decido-me a fazer, se possível, inquérito mais fundo. Maria Adelaide, instada e espevitada agora pelas minhas frequentes presões, consegue revocar dos sombrios alçapões do esquecimento até à luz da memória uma cena cuja nitidez de traços muito a espanta. Vê-se na Cordoaria a apear-se, na companhia da tia Constança, da camioneta de Guilhabreu. Terá os seus catorze anos e isto ter-se-á passado em 1936. Vêm de Malta, onde ela esteve uns dias das férias grandes com a tia. Seguem pelo jardim, em frente à cadeia da Relação. A tia ia-lhe contando que ali naquele casarão estivera preso Camilo Castelo Branco por casa dos seus amores adúlteros. Constança ficara solteira. O grande amor da sua vida, o professor da aldeia, era um amor impossível. Ele era casado. O sentimento religioso de um e outro impedia o adultério. Mas Constança, por contraste ou para se fortalecer interiormente, gostava de contar a queda dos outros. Lia romances. *A Rosa do Adro*, *As Pupilas*... Fora ali, apontava ela, que Camilo escrevera o *Amor de Perdição*. Maria Adelaide — a Mariazinha — abria os olhos azuis para a fachada de granito negro do casarão... Constança estaca e fá-la parar, tomando-lhe do braço. Aquele além não era o senhor Silva Lisboa, o seu avô? E com o olhar aponta no passeio em frente ao grande edifício um cavalheiro de meia idade a falar com uma mulher de cerca de trinta anos e a dirigirem-se para a Rua das Taipas. «É, é! É o vovô!» exclama a sobrinha. Andasse daí, menina! Cheirava-lhe a esturro! Que ela as não visse a elas!... E a tia, puxando-a pelo braço, mete com ela pelo arvoredo do jardim a caminho de casa, que era num terceiro andar da Rua da Alegria. Agora que pensava nisso, parecia-lhe que tudo estava relacionado...

Sinto uma certa relutância em falar do assunto a Fernanda. Prefiro poupar aos seus oitenta e três anos o melindre da matéria. Adivinha ela que eu ando rebuscando no caso. Um dia que tinha vindo ao sul passar comigo as minhas férias de Agosto, dirige-se-me ela própria na sua maneira engraçada de dizer as coisas:

— Esta minha memória! Eu gostava de te ajudar nas tuas pesquisas, mas as lembranças só me vêm aos retalhos e nem sempre... Se me recordar de algum pormenor, digo-te.

E num sorriso:

— Neste momento apenas me lembro de que me esqueci... ou esquece-me de me lembrar.

Eu fico a pensar se este esquecer de Fernanda não será de certo modo um abafar a realidade como se ela tivesse sido irreal. Não se importava de que eu lhe tocasse naquele assunto? Procuro saber, indagar do seu consciente e subconsciente. Responde-me que não. Estivesse à vontade... Não, não fora ao cemitério naquele dia. Em casa, a fazer companhia à mamã... Olhos vermelhos e inchados, no silêncio do perfume das ausentes flores maceradas da câmara ardente, no vazio do tempo que parecia ter parado... Sim, sabia da existência dessa criatura que diziam ou se dizia sua irmã. Viera morar para a Rua da Senhora da Lapa. As traseiras da casa dela deitavam para o nosso terraço. Era casada com um polícia. A senhora Maria do onze parece que chegou a ter uma fotografia dela. Ou foi o homem do talho?... Diziam que tinha algumas parecenças consigo... Depois que o papá faleceu, muito depois, recebeu dela uma carta... Não, não conservara essa carta. Rasgara-a...

Sinto que não devo fazer qualquer comentário. Fernanda guarda também um prolongado silêncio... «E lembrava-se do nome dela?» tento orientar-lheanamnese. Não! Ora deixasse ver... Parecia que se chamava Maria Luísa... E calava-se. Repetia que só se lembrava de que se tinha esquecido e sorria... Passavam-se dias sem se recordar de mais nada. Mas de súbito surgia a fazer o relato de um pequeno pormenor com uma nitidez de traços invulgar. Falava das tias brasileiras, era ela muito novinha. Uns quatro, cinco anos. Cândida e Emília. Velhinhas. Encorrilhadinhas. Iam visitá-las, na Rua dos Fanqueiros... Já me tinha contado aquele episódio do cão que morreu de alegria quando o papá chegou a casa após uma ausência de vários dias? Chamava-se Tejo. O papá entrara, o cão acolhera-o muito agitado, a dar à cauda e a ganir. O papá fizera-lhe uma festa. Ele deitara-se-lhe aos pés... e ficara-se, coitadinho!... E Fernanda tinha lágrimas nos olhos ao dizer que fora em Petrópolis, no mês de Abril, em 1918... Pois num outro dia saiu-se-me a lembrar que uma vez a mamã lhe contara... Tão velhinha que estava! Já o papá tinha morrido havia mais de dez anos, mas ela, sem perspectiva do tempo que irremediavelmente passara, continuava a esperar por ele como dantes fazia. Era preciso obrigá-la a deitar-se... De repente, uma tarde que descansava sentada no terraço a apanhar uma réstia de sol junto aos canteiros de sardinheiras e verbenas, contara-lhe que, quando tinham o atelier, na Rua Alexandre Braga, ao pé do Bolhão (isto devia ter sido aí por 1936/37, abria Fernanda o parêntese), ouvira uns zunzuns acerca de ele andar metido com uma mulher, padeira na Rua das Taipas ou mulher da limpeza na sucursal d'*O Século* na Rua de Santo António. Pôs-se de atalaia e, numa altura em que ele saía para «ir ao café ter com os amigos», vestiu-se para o seguir. Um chapéu com véu caído sobre o rosto e ei-la no encalço dele a boa distância. Surpreendeu-o na Praça da Batalha a encontrar-se com aquela mulher e, quando eles se preparavam para tomar um eléctrico, muito sorrateira aproximou-se, travou-lhe do braço e disse com firmeza: «Este é meu!...«E levou-o para casa... O papá não era bonito, mas era muito engraçado e as mulheres — que se havia de fazer? — gostavam dele. Os homens, esses tinham-lhe ciúmes, inveja. A mamã sentira muitos amargos de boca por causa disso... Não sabia mais nada, concluía Fernanda. Nunca lhe diziam nada daquelas coisa se não se recordava de alguma vez, quando nova, ouvir entre o papá e a mamã qualquer discussão ou coisa parecida.

E cerram-se de novo os nevoeiros do esquecimento. Ponho-me a pensar que, se a desconhecida aparecesse agora, concreta e quente, de carne e osso, na contingência do castanho dos olhos, do rubro dos lábios, do preto dos cabelos, do carmim das faces, do pulsar do coração, ou tudo isto envelhecido pela idade, era como se saltasse para fora do enquadramento de uma fotografia ou das páginas desfolhadas de um romance e pretendesse possuir existência real. Porque nos preocupa tanto o percurso do nosso sangue? No fundo, o medo da morte. O prolongamento do eu. A consciência individual estende-se, como tábua de salvação contra o aniquilamento, à consciência colectiva, está presente em cada partícula espalhada pela família. Só o preconceito pode contrariar a atracção instintiva do sangue. A história da humanidade é a história do acumular dos preconceitos. Castas, classes, eleitos, ungidos, coroados, heróis, os importantes e os ricos... o excremento humano é todo igual e na poeira do túmulo o rei é igual ao mendigo. A ironia reside em que o homem anda a dizer isto desde o princípio dos séculos... Se nos desprendemos dos preconceitos, procuramos saber onde pára, por onde corre e escorre cada gota do nosso sangue. Terá existência real a desconhecida? Não me abandona a ideia de que ela existe realmente algures e existe também uma sua filha que se afirmou um dia prima do Necas e deve ser hoje uma senhora, talvez já casada, talvez já com filhos também...

Beatriz, minha sobrinha, já que eu estou longe, na capital, entusiasmada pelo mistério, que só agora lhe é revelado, resolve armar em detective. Despega do banco pelas cinco da tarde, põe uns óculos escuros, a imaginação a fervilhar, sobe do Bolhão pela Trindade e Gonçalo Cristóvão, Praça da República, até à Lapa e, sem bater à porta da avó, mete pela travessa esconsa que vai dar à Rua da Senhora da Lapa. Lixo espalhado pelo chão, poças de despejos duvidosos, do bafo das casas a exalar-se um cheiro untuoso a fritos requentados, a pocilga. Ouvem-se mulheres a falar aos berros, crianças a gritarem, a chorarem. As mulheres dizem *merda* por tudo e por nada e tratam os próprios filhos por cabrões e filhos da púcara sem se reconhecerem ao espelho. De uma janela a outra, três casas a diante, conta-se a história de uma rapariga que deixou o namorado porque anda metida com o patrão... Beatriz avança pelo empedrado viscoso da ruela, nariz no ar, sentindo-se observada pelos olhos e ouvidos das casas, a mirar os números das portas sem ter na ideia qualquer algarismo concreto a procurar... Estava o tio a ver o ridículo? conta-me ela.

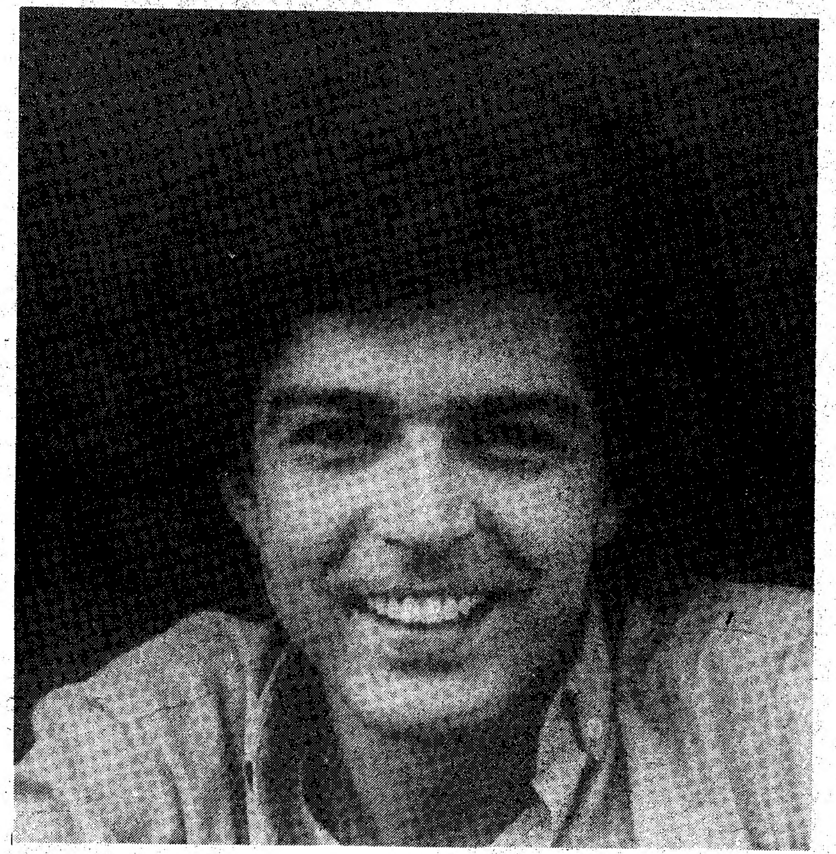
Do romance Psyché

Retratos no Teatro

Carlos Paulo

Por Manuel Cintra

A Comuna é uma casa fria no Inverno, como quase todas as instalações das companhias independentes de Lisboa. No entanto, tem agora o seu novo teatro, em frente ao velho edifício cor-de-rosa. É lá que Carlos Paulo actua e actuará como actor. É neste palco que deixa para trás tudo aquilo que não gosta, para passar a existir. E um actor assim só existe quando o público o recebe, ou enquanto, durante meses, se prepara para receber o público.



NADA na infância de Carlos Paulo indicava que viesse a ser actor. Tentou, por exemplo, desenhar e pintar. Tentou várias coisas, e teve a sorte de ter quem lhe dissesse que não eram essas aquelas por onde devia caminhar. Eram coisas da precocidade: andava sempre metido com gente mais velha, a querer saber de assuntos mais «sérios» do que os habituais, para as idades que ia tendo.

Até que um dia foi ao teatro. Tinha quinze anos, e foi ao teatro.

A peça era encenada por Luzia Maria Martins. Gostou tanto que voltou, e voltou, e voltou. E um dia tinha visto a peça tantas vezes que já sabia finalmente o que queria, e decidiu ir falar com a direcção da companhia. Tomaram nota do seu nome, quase por delicadeza, mas o caso é que pouco depois um espectáculo imprevisto foi montado, em que era preciso alguém com a idade dele e assim foi que Carlos Paulo pisou o palco. Com quinze anos. Para nunca mais parar.

Agora está no bar da Comuna, e é de manhã, e está frio, e parece-me pouco reconhecível se o comparar com o corcunda que fazia recentemente em «Os Dois Corcundas e a Lua», de Richard Demarcy, não pela ausência da corcunda falsa, claro, mas pela outra ausência. Tal como ele próprio diz, não é da pessoa que está à minha frente de quem ele gosta mesmo, mas sim da outra, que só nasce a trabalhar em teatro, e acima de tudo já no palco, já em frente do público. O Carlos Paulo que está na minha frente é sério, organizado de mais para o seu próprio gosto, tem a cabeça mais fria do que gostaria de ter, falta-lhe, em certas alturas, uma dose de «loucura» na vida real que só encontra na outra vida, aquela que só nasce debaixo dos projectores, e da qual fala quase como se fosse essa a verdade e esta a mentira. Mas como está frio e se levanta para ver se a máquina do café já aqueceu, cai de novo em si, e repara certamente na verdade mais crua. Aquela que faz com que neste momento haja, não porque seja Inverno mas por outras razões, um certo frio no teatro português. Será um frio geral? Será que decorre do momento social que atravessamos, pouco entusiasmante para o sector cultural? Falamos de falta de solidariedade, de lutas verdadeiras mas de cada um no seu casulo, do teatro que poderia estar mais vivo e do valor que representa estar a trabalhar há dezassete anos com o mesmo encenador, João Mota, a quem Carlos Paulo se refere com um misto de ternura e respeito. Diz-me que, como actor, há para si uma parte da representação que só acontece em frente do público, e que todas as noites é diferente. Que por vezes arrisca um pouco, nesse sentido, dando uma pequenina margem de liberdade e de improvisação ao seu trabalho. Sente-se comunicar com o público, aprendeu a interpretar a sua temperatura que nunca é a mesma. E explica que, se faz isso com bastante segurança, é por ter, todas as noites, sem excepção, o encenador João Mota a assistir ao espectáculo, analisando sempre essas diferenças, reflectindo sobre elas em conjunto consigo. Então talvez, se o público lhe desse a honra de ir duas vezes ver a mesma peça, pudesse presenciar essas diferenças e saber-se em parte responsável por elas. E do público, Carlos Paulo fala como que do seu maior amigo, uma pessoa que fossem muitas, muitas durante muitos anos, e no entanto sempre outras, e sempre vivas e diferentes.

E é por tudo isto que hoje em dia, quando por razões profissionais é levado a trabalhar fora da Comuna, se sente perdido e com vontade de voltar rapidamente àquela casa onde mais do que nunca está em casa.

Embora tenha feito algum cinema, Carlos Paulo não gosta muito desse tipo de trabalho como actor. Não se sente realizado, a engrenagem do cinema não lhe diz respeito. No entanto, refere-se ao caso de CERROMAIOR e ao seu realizador, Luís Filipe Rocha, como que a uma excepção. Aí, em condições por sinal bem duras, as coisas aconteceram. E esse filme conta para si mais do que os outros.

Houve pessoas, desde o início da sua carreira até hoje, a quem muito deve pelo que com elas aprendeu, na prática e directamente, da arte de ser actor. Uma delas é sem dúvida Eunice Munõz, que conhece desde que trabalhou no Teatro Experimental de Cascais em OS DOIS VERDUGOS, de Arrabal, com encenação de Carlos Avilez. Desde então Eunice é uma das actrizes com quem Carlos Paulo aprende, em permanência, e que se tornou para si uma presença constante. A esse nível, a experiência que teve em tempos, quando pertenceu à companhia de Vasco Morgado, e eram ainda vivos o Teatro Monumental e Laura Alves, foi com esta excelente actriz que aprendeu muito do que, consciente ou inconscientemente, repara que utiliza hoje em dia na maneira como é actor. Quando me falava da importância de saber sentir o público, de sentir a que ponto ele oscila e é diferente de noite para noite, era também em Laura Alves que pensava, ela que por excelência dominava essa arte, dando uma força espantosa às mais ínfimas parcelas do que fazia, precisamente por conseguir torná-las vivas perante o público.

Com a companhia que Paulo Renato formou, com produção de Vasco Morgado, durante ano e meio percorreu Angola e Moçambique, podendo voltar assim às origens, umas origens para ele quase desconhecidas: Carlos Paulo nasceu em Angola e foi com apenas quatro anos que veio para Portugal. Refere-se a esta longa digressão com prazer, foi uma aventura fascinante que nunca esquecerá.

Após este percurso, deu-se a formação do grupo OS BONECREIROS, do qual já aqui falámos a propósito de Fernanda Alves, que aliás dele continuaria a fazer parte quando outra aventura nasceu, de alguns dos elementos desse grupo: A Comuna.

Por sua vez, após longos anos de excelente actividade, o grupo viria a partir-se ao meio, dele saindo José Mário Branco, Manuela de Freitas e Jean-Pierre Talhade, e tendo sido constituído o Teatro do Mundo, hoje extinto.

Agora A Comuna segue o seu percurso, do qual Carlos Paulo é fundador. João Mota, de quem ele tanto fala que este artigo quase poderia ser sobre os dois, não quis aceitar, como previsto, ser para este efeito entrevistado. De certo modo «pai» d'A Comuna, até aos espectadores encaminha, convidando-os, quando o espectáculo começa, a entrar. E quando Carlos Paulo fala daquilo de que não gosta em si, contrapõe que ser actor se tornou por assim dizer uma actividade com duas partes: uma individual, outra em que está em causa ser dirigido por aquele encenador e mais nenhum.

No entanto, quis há tempos fazer uma experiência: como se sabe, uma das actividades que vem sendo praticada n'A Comuna é o café-teatro, no qual Carlos Paulo participa activamente. Num desses espectáculos, decidiu arriscar-se a ter que fazer, em todos os espectáculos dessa série, um número totalmente inventado na altura. Para não interferir com o trabalho de outros colegas, era sempre um número em que actuava só, sem rede. Não sabia o que ia ser, inventava e improvisava na própria altura. Achou fascinante. Tinha medo, mas não tinha medo. E as coisas aconteceram. Aconteceram sempre.

E agora o actor está sentado, e o frio foi esquecido durante mais tempo do que parecia, e aquele ar muito sério e pacato com que me tinha surpreendido chegou, por completo, a desaparecer. E o caso é que a máquina de café já tem pressão. Tiram-se então duas bicas. Sorvem-se, aquecem o que falta aquecer. Depois vai-se à vida. A sensação é forte, tem cara de «até já».

Transumâncias

HÁ ali junto ao museu das armas uma estação de comboios que sempre me evoca estranhas impressões quando por lá passo de madrugada. De noite há luzes, algumas que se movem, e é com essas que um tipo se vai arrastando com uma vontade incrível de desaparecer daqui para fora. Aquele corredor de ferro é danado para desestabilizar a cachimónia ao pessoal. Para cúmulo, meia dúzia de metros mais abaixo estacionaram outro brinquedo a provocar ainda mais agitação. Felizmente, no estado em que ele está, à noite quase se não vê, porque o D. Henrique, com as luzes todas acesas, é uma loucura, pode dizer-se que aquilo é uma varinha mágica (das eléctricas prá sopa) num oceano de reminiscências. Por volta aí das 6 ou 7, tudo aqui se esvai. O sol começa a levantar-se do outro lado do Tejo e o términus do corredor não é mais que um apeadeiro de província. O D. Henrique não é mais que um chasso em processo de maquilhage. Afinal até se podem bem juntar as relíquias: os comboios vão-se embora ainda se não sabe bem para onde, mas a estação fica, junta-se ao museu das armas, à casa dos bicos, ao Henrique, e é prali um cemitério que pelo menos por mais uns anitos, enquanto a terra não cobrir as memórias que por aí se arrastam, vai ainda dar bastante inquietação.

Mas inquieto fiquei eu a semana passada: é que daqueles comboios saem de vez em quando uns estrangeirados de tez branca-rosa e pêlo alourado com uma fome incrível de memórias, museus e outros cadáveres. Há então, sempre, um solícito cicerone que logo se apresta a acompanhá-los(as), nunca se sabe se por oculto interesse, se por cortesia congénita. Depois é a imagem que se conhece. Começo a perceber os amargos de boca do coitado do Napoleão ao dar-se conta que ia ser muito difícil entrar, nesta sala com a lotação esgotada, por uma saída de emergência: os saxões, amigos de Peniche, convidaram-se primeiro para a sessão dos ibéricos que só mostram a bunda uma vez. Todo este rol d'indignações porque me foi dado a observar um desses cicerones não colectados pelo IP a expor as riquezas da praça em saxão que traduzido se entendia assim: — aqui é o hospital dos marinheiros, ali em baixo a doca das caixas e (pasme-se) isto aqui à frente é a feira dos ladrões! Ao que os rosados estacaram antes de retroceder:

— Então e a polícia?

— A polícia está ali, mas só serve para os arrumar, os tirar da estrada e da relva de St.ª Engrácia...

E mais não ouvi que um verde-e-preto os levou. Entretanto chegava-se ao meio do largo um nível tão asséptico como os «ladrões», a olhar para o saco das mercâncias e para os circunstantes, de esgar importunado:

— O pessoal, francamente, não me vão obrigar a tirar o cassetete com esta gente toda a ver!? (pausa para observação das reacções acompanhada de olhar imbecil. Por fim o lamento). Já ninguém tem medo da polícia!

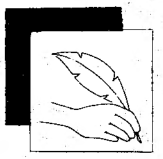
Mauzinhos...? Oh, se são!

Eduardo Manuel Astúrias

Nota

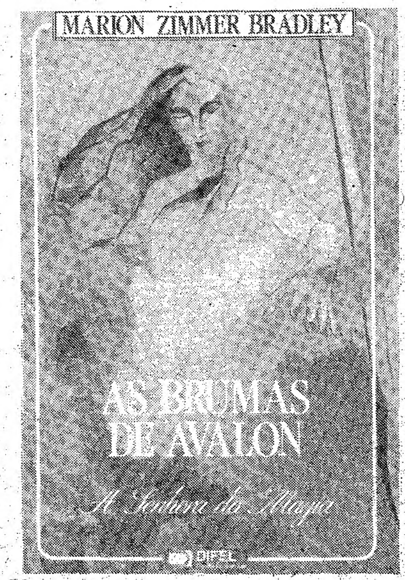
Chama-se a atenção do leitor desprevenido para o facto de todo e qualquer acontecimento aqui relatado ter decerto ocorrido nas imediações do Campo de St.ª Clara. Qualquer semelhança performativa com outros espaços não é senão pura coincidência.

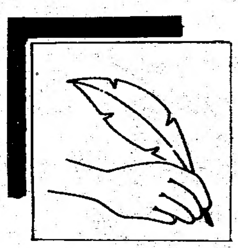
Acabados de chegar



■ As Brumas de Avalon, Marion Zimmer Bradley, Difel

Este livro, subintitulado **A Senhora da Magia**, constitui o início da publicação em Portugal do monumental romance **As Brumas de Avalon.** Significativo da sua qualidade e simultânea popularidade, é o facto de em alguns países já se ter atingido a vigésima edição desta obra tão favoravelmente acolhida pela crítica mundial. Algumas opiniões: «Uma feliz reinvenção das lendas Arturianas. Lê-lo é uma experiência profundamente tocante e, por vezes, estranha. Uma obra marcante» («The New York Times Book Review»). Ou então do «Publishers Weekly»: «**As Brumas de Avalon», com** a sua magistral tecitura e uma escrita de grande beleza, lança nova luz sobre velhos personagens, nomeadamente a fada Morgana, Merlim, Lancelot e Guinevere. Romance épico por onde perpassam violência, sensualidades, dolorosas lealdades e encantamentos assombrosos.» Por sua vez, afirma Isaac Asimov: «A mais maravilhosa evocação da saga do Rei Artur que já li. Absolutamente extraordinário.» E Mary Renault: «A mais original das interpretações da Matéria da Bretanha na via da religião Celta e da Grande Mãe. Uma notável proeza de imaginação.» Tradução de Maria Dulce Teles de Menezes e capa de Clementina Cabral.



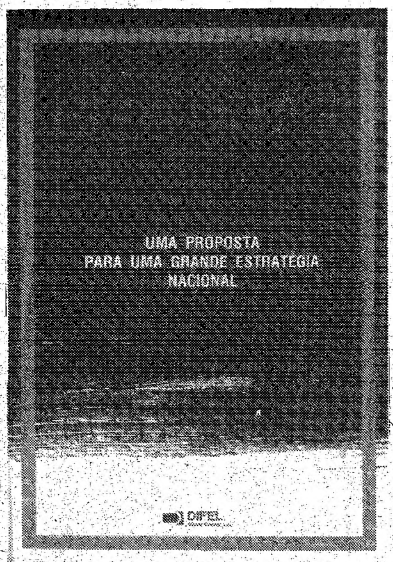


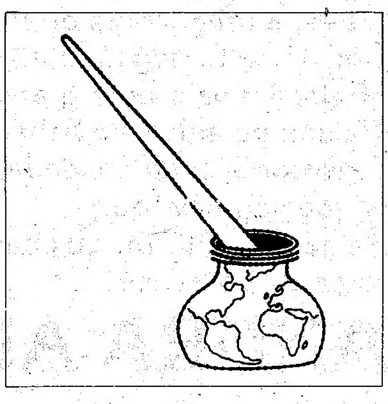
■ Sagrada Esperança, Agostinho Neto, Sá da Costa

Com uma bela capa de Sebastião Rodrigues, a Livraria Sá da Costa Editora publicou a 11.ª edição da obra de Agostinho Neto «Sagrada Esperança». A apreciação crítica dos poemas do falecido dirigente do MPLA e do Estado angolano está feita. O seu valor na literatura de Angola suficientemente assinalado. Os poemas de «Sagrada Esperança» são apresentos com uma introdução de Marga Holness que situa a obra poética do fundador no conjunto da criação literária do povo de Angola e a relaciona com o movimento de libertação nacional. Nesta 11.ª edição, e abrindo o volume, depara-se-nos a emotiva «Oração Fúnebre» pronunciada por Lúcio Lara, perante a urna com o corpo do presidente Agostinho Neto, no Salão Nobre do Palácio do Povo, em Luanda.

■ Garcia de Orta, série de antropologia

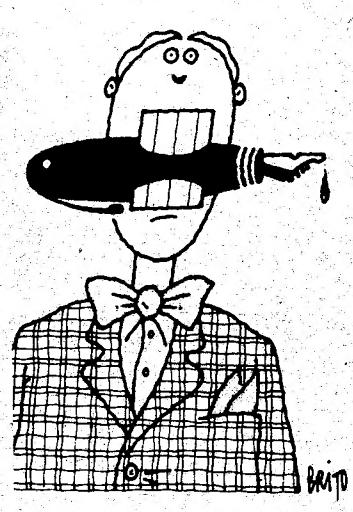
A revista «Garcia de Orta» é editada pelo Instituto de Investigação Científica Tropical. Este volume da série de Antropologia (vol. 3, n.ºs 1 e 2) apresenta um interessante sumário distribuído por temas de Ecologia, Estudos de Diversas Populações Humanas, Genética e Populações e Demografia e Paleontologia, e conta com a colaboração de cientistas nacionais e estrangeiros. Ranjan Gupta, Swapan K. Das, S.K. Bhattachar, N. Wolanski, Alain Froment, Jean Hermieux, Isidoro Moreno Navarro, J.O.P. Pálson, Francisco Sobral, Margaret Weninger, H. Rodriguez Otero, M. Alvarez Edo, L. Caro, J.M. Gomez-Tahanera, H. Compagnolo, Claude Masset, Eugen Strouhal, Daniel Turbón, Georges Zbyszewsky e outros.





■ Cumprir Agora Portugal, Virgílio de Carvalho, Difel

Virgílio de Carvalho entende que Portugal, regressado ao seu ponto histórico de partida, precisa agora, mais do que nunca, de reconhecer e de gerir com o maior rigor os recursos geoestratégicos e económicos, e sobretudo os humanos de que ainda dispõe, para poder prosseguir como País seguro, desenvolvido, justo e competitivo, num mundo cada vez mais conflitual — afirma-se na contracapa. O autor é oficial da Marinha na reserva, e, actualmente, assessor do Instituto de Defesa Nacional para a área de Política e Estratégica, bem como professor associado convidado de Estratégia do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa. Outros livros publicou antes deste, todos abordando temas como Política, Estratégia e Defesa. O agora dado a lume, subintitulado «Uma proposta para uma Grande Estatégia Nacional», é de imediato caracterizado pela Nota Introdutória (da autoria do autor), como se pode verificar pelo seguinte passo referindo-se a Fernando Pessoa: «Porque sou sensível à **Mensagem** do genial poeta futurólogo, decidi corresponder ao seu apelo com o que aprendi, e prestar-lhe ainda a minha modesta homenagem, inspirando-me no seu «falta cumprir-se agora Portugal» para dar um título ao meu contributo para uma Grande Estratégia Nacional consensual». Controverso, mas (sem dúvida) um livro que merece leitura. Capa de José Cândido.



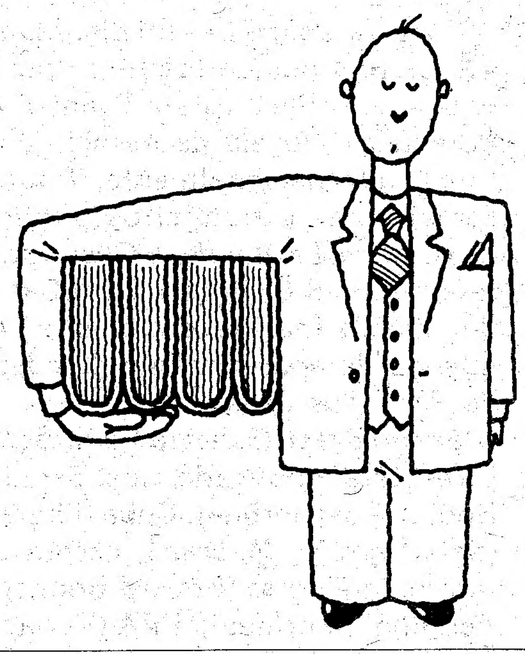
■ Estudos Ibéricos, da Cultura à Literatura (sécs. XIII a XVII), Maria Idalina Resina Rodrigues, ICALP

A autora é professora catedrática de Literatura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e, na investigação e na docência, tem-se dedicado às áreas da Literatura Portuguesa e Espanhola. A sua tese de licenciatura manifestava já esse interesse pelos estudos de Cultura Ibérica: «Frei Luís de Granada e a Literatura de Espiritualidade em Portugal» (1977). Actualmente é orientadora de pesquisas em que participam docentes portugueses e espanhóis relativas ao estudo das «Representações Teatrais Castelhanas em Portugal nos séculos XVII e XVIII».

Os seus «Estudos Ibéricos», abrangendo temas de Cultura e de Literatura, pretendem ser uma prestação de contas desse seu trabalho de investigação e de docência, e neles a professora Resina Rodrigues se posiciona: «Entre o desencanto da leitura arqueológica, que confina o passado ao passado, e a literatura totalmente actualizante, que julga seu dever encobrir todos os vestígios da denegação, algumas posturas intermédias de aproveitamento criterioso de toda a sedimentação de leituras continuam a ser ensaiadas.» Foi seu intento: «Trazer, ao campo das inquietações culturais, o precário interesse pela Literatura Espanhola, no Portugal dos nossos dias...» E, com efeito, grande parte das páginas do volume são consagradas a temas espanhóis.

O volume «Estudos Ibéricos» está ordenado em três partes: «Teatro de Portugal e de Espanha», «Literatura e Espiritualidade», «Sátira e Imaginação».

Edição do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP), Lisboa, 1987.



O eu nos outros

Pai, como eles correm!

VISTA de longe, e não com muito sol, a casa, lá no fundo, assemelhava-se, de tão pequena, a um coelho assustado, sem movimento, esmagado de encontro ao solo. O automóvel estacionado na estrada, cá em cima, Rogério temia a imagem que, lá no fundo, a casa lhe sugeria. A todo o momento aguardava que a casa desse um salto, estendesse quaisquer misteriosas patas, e se escapulisse pelo campo fora, deixando atrás de si diminutas nuvens de pó. «Como acontece nos desenhos animados...» — sorriu. Largou o cigarro, foi descendo lentamente a estrada, curva após curva em direcção ao vale. Quando parou junto à casa, a um escasso metro da porta, a tarde caía num grande silêncio dourado, com sombras brancas no ar e brisa nenhuma à superfície da terra. «Tudo tão parado, meu Deus!» A casa (duas janelas e uma porta) não se tinha escapulido: olhava-o com grande atenção, na sua altura de rés-do-chão e primeiro andar, o vermelho das telhas a espreitar disfarçadamente no topo das esquinas. «Então...?» — perguntou-lhe Rogério, rememorando o seu interior, esta e aquela parede escondida, a cama que deveria estar em tal ponto, a mesa mais além, as cadeiras por aqui e por ali. De súbito, magoado, surpreendeu-se: porta e janelas não tinham manifestado qualquer surpresa quando estacionara o carro, um ruído inevitável de pneus, um escape como ponto final. «Bem...» — e acendeu outro cigarro, um suspiro perdendo-se no fumo, a cinza crescendo num hífen frágil.

Saiu do carro, bateu à porta, os olhos nas janelas. Não, não estava ninguém em casa. Alguém que o informasse sobre... Olhou ao redor: nenhuma alma por todo aquele sossego. Encolheu os ombros, sempre tinha sido assim, voltou ao volante, demoradamente se afastando da casa silenciosa. Dali até ao cimo da estrada, recordações fragmentadas iam-se-lhes substituindo frente aos olhos: ele um dia a descer por uma corda de uma das janelas, ele num escadote a pintar de azul o número da porta, ele ouvindo uma história à lareira contada pela mãe, ele a caiar a casa com o pai, ele a...

Travou, num sobressalto: um velho, uma espingarda na mão, era dia de Santo Humberto, descia com dois coelhos à cintura a caminho das funduras do vale.

— Então a casa não está mesmo habitada...? — insistiu Rogério no termo de uma conversa sobre a caça, o tempo bom que fazia, a poluição da ribeira pela fábrica de tintas montada havia dois anos, os eucaliptos em lugar dos pinheiros, os...

— Não, não está habitada — disse o velho. — Está para ali abandonada, janelas fechadas, porta fechada, o telhado com uma ou outra telha a menos. Uma casa abandonada, sim senhor. Até parece que...

Já na estrada, Rogério estacionou no mesmo local em que, horas antes, estivera a olhar a casa, assemelhando-a a um coelho assustado, sem movimento, esmagado de encontro ao solo. Mal a distinguia agora: rolos de noite vinham pela penumbra, depositavam-se sobre isto e aquilo, sumiam a casa lá no fundo do vale.

— Mas... — E Rogério calou fundo a exclamação que, qual um coelho, lhe saltava no peito.

Uma janela tinha-se aceso na pequena casa lá muito em baixo — e, recortada no escuro, fitava Rogério («Pai, como eles correm!»), tão-só a dizer-lhe: «Os coelhos da infância nunca morrem...»

Pedro Alvim

José Cardoso Pires

José Cardoso Pires foi distinguido com os dois maiores prémios da literatura portuguesa contemporânea — 'Camilo Castelo Branco' e 'Grande Prémio do Romance e Novela' da Associação Portuguesa de Escritores. Internacionalmente, figura entre os melhores romancistas estrangeiros publicados em França na selecção de *Le Monde*, *L'Observateur* e *La Quinzaine Littéraire*. Igual distinção lhe foi atribuída por *Il Tempo*, de Milão, e mais recentemente por *The Sunday Times* quando do aparecimento da edição inglesa de *Balada da Praia dos Cães*.

Além do Brasil (Editora Civilização), a obra de Cardoso Pires está publicada nos Estados Unidos (Beaufort Books, Nova Iorque), Cuba (Literatura y Arte), Espanha (Seix Barral e Magrana, versão catalã), França (Gallimard), Inglaterra (Boyard Books), Itália (Lerici, Editori Reuniti e Feltrinelli), RFA (Verlag Kurt Desch e Hanser Verlag), RDA (Rutten & Loenning), Finlândia (Gummerus), Dinamarca (Gyldendal), URSS (Ed. Progriess), Polónia (Czytelnik), Hungria (Kossuth), Checoslováquia (Odeon) e Roménia (Literatura Universala).

Cinco anos depois de *Balada da Praia dos Cães* — 130 000 exemplares em língua portuguesa — Cardoso Pires reaparece com um novo romance: o itinerário duma mulher (e dum país), antes e depois do 25 de Abril, que decorre entre o despenhar dum anjo suicida numa praia de banhistas e a ascensão para a morte duma avioneta transportando duas amigas de mão dada. Assinalada por estes dois movimentos invertidos de destruição, fica Lisboa, cidade-pérola, povoada de mitos e de estátuas. Algurés, a uma janela do Hotel Sheraton, há um faquir enrolado na tatuagem dum dragão e mais para lá uma ex-freira embala uma gravidez fantasma. Pelos bares do Chiado passeia-se o bêbedo Opus Night que vive a duas memórias... Que cidade, que Portugal é este? Um país que se inventou?

«Que remédio. Se não inventarmos o país não cabemos nele», diz a heroína do romance

ALEXANDRA ALPHA

Procure esta obra no seu livreiro habitual ou peça-a directamente a Publicações Dom Quixote, Rua Luciano Cordeiro, 119, 1098 LISBOA CODEX, preenchendo o cupão anexo.

Queiram enviar-me □ à cobrança □ junto cheque/vale postal
ALEXANDRA ALPHA (1200$00)
Nome ....
Morada ....
Cód. Postal .... Telef. ....

Publicações Dom Quixote
Rua Luciano Cordeiro, 119, 1098 LISBOA CODEX
Telefones: 53 80 79/88 - 57 60 40

Distribuição:
DIGLIVRO — Lisboa (Telefs.: 99 22 00/1/2)
MOVILIVRO — Porto (Telefs.: 56 01 94/56 36 86)